



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

CLARISSA CHAGAS GAIARSA

**ROCK BAIANO EM PAUTA:
UMA ANÁLISE DE COMO A CENA É ABORDADA PELOS JORNAIS
LOCAIS A TARDE E CORREIO DA BAHIA**

Salvador
2008

CLARISSA CHAGAS GAIARSA

**ROCK BAIANO EM PAUTA:
UMA ANÁLISE DE COMO A CENA É ABORDADA PELOS JORNAIS
LOCAIS A TARDE E CORREIO DA BAHIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à
Faculdade de Comunicação da Universidade
Federal da Bahia, como requisito parcial para a
obtenção do grau de bacharel em Comunicação

Orientador: Prof. Dr. Jeder Silveira Janotti Júnior

Salvador
2008

AGRADECIMENTOS

Ao grupo de pesquisa Mídia e Música Popular Massiva, por ter contribuído, mesmo que indiretamente, com as discussões teóricas nas reuniões das sextas-feiras.

Ao Professor e orientador Jeder Janotti Júnior, por toda a paciência durante mais de um ano, desde a procura do tema do trabalho até esta versão final, e por ter me ensinado, mesmo sem perceber, a ser uma pessoa mais paciente também.

A todos os jornalistas e amigos da área que contribuíram de alguma forma para o enriquecimento desta pesquisa.

Aos professores da Facom por todo o conhecimento que adquiri através deles durante esses anos.

Aos membros da banca por aceitarem participar e contribuir com a minha formação acadêmica.

A minha família pela paciência e compreensão nos momentos mais difíceis.

A minha mãe em especial, pelo apoio que me dá e por ser um modelo de responsabilidade e perseverança.

A Leo, por me confortar (ou pelo menos tentar) nos momentos de angústia, me apoiar nos meus projetos e servir de alguma forma como inspiração para este trabalho.

RESUMO

Resumo: Esta monografia tem como principal objetivo fazer uma análise da representação do rock baiano pelos cadernos culturais dos jornais de maior circulação atual na Bahia: A Tarde e Correio da Bahia. Três suplementos foram escolhidos: o Caderno 2 e o Dez!, do A Tarde, e a Folha da Bahia, do Correio. Para tanto, inicialmente é descrito o contexto do jornalismo cultural e musical em que está inserido o jornalismo de rock. Em seguida, são destrinchados o conceito de *rock and roll* e a história do rock baiano, buscando perceber suas particularidades atuais que podem influenciar na maneira como ele é tratado pelos jornalistas. Além disso, ressalta-se a importância da crítica para a consolidação da cena e do mercado musical, funcionando como mediadora entre produtores e consumidores do rock. Após uma análise mais geral dos textos encontrados no ano de 2007, em que se procura responder questões como: quem escreve sobre rock baiano, em que formato são os textos, onde eles se localizam e que bandas são abordadas, selecionamos doze matérias e notas com críticas para analisá-las mais detalhadamente. Essa tarefa busca averiguar as estratégias de juízo de valor utilizadas pelos autores e se eles realmente avaliam os produtos musicais do rock baiano.

Palavras-chave: rock baiano, jornalismo cultural, jornalismo musical, crítica.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. JORNALISMO CULTURAL	11
1.1 HISTÓRIA	14
1.2 TIPOS DE TEXTO	19
1.3 O JORNALISMO CULTURAL HOJE	23
2. JORNALISMO MUSICAL	28
2.1 JORNALISMO DE ROCK	31
2.2 CRÍTICA MUSICAL E O PAPEL DO CRÍTICO	35
3. OS GÊNEROS E O FENÔMENO ROCK AND ROLL	40
3.1 ROCK BAIANO – CENA INDEPENDENTE	43
3.1.1 História	46
4. ANÁLISE	55
4.1 OS CADERNOS	59
4.1.1 Caderno 2	59
4.1.2 Caderno Dez!	61
4.1.3 Caderno Folha da Bahia	63
4.2 ANÁLISE ABRANGENTE	65
4.3 ANÁLISE DOS TEXTOS SELECIONADOS	70
4.3.1 The Honkers	72
- Caderno 2	73
- Folha da Bahia	76
- Comparação	80
4.3.2 Los Canos	81
- Caderno 2	81
- Caderno Dez!	85
- Folha da Bahia	86
- Comparação	88
4.3.3 Brinde	89
- Caderno Dez!	90
- Caderno 2	92
- Folha da Bahia	95
- Comparação	96
4.3.4 Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta	97
- Caderno Dez!	97
- Caderno 2	100
- Folha da Bahia	103

- Comparação	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	109
ANEXOS	113
APÊNDICES	133

Introdução

O curso de Comunicação com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal da Bahia nos ofereceu durante esses cinco anos diversas disciplinas teóricas e possibilidades múltiplas de lidar com elas, com temas e áreas diferentes. Não foi tão fácil chegarmos ao assunto que queríamos e muitas opções foram pensadas ao longo do percurso, sendo, posteriormente, descartadas. Apesar disso, refletir sobre o fenômeno da música popular massiva a partir de teorias do curso de Comunicação sempre foi uma idéia atraente. Ao fazermos parte das reuniões do grupo de pesquisa Mídia e Música Popular Massiva da Faculdade de Comunicação da UFBA, este interesse começou a ser cada vez maior. Apesar do grupo trabalhar com análise dos próprios produtos musicais, diferente do que pretendemos aqui, a utilização de textos e de alguns pontos de discussões das reuniões nos guiarão ao longo do trabalho, além é claro de outras teorias e pressupostos. Algumas disciplinas do curso são mais perceptíveis no trabalho, como Teorias da Comunicação, Teorias do Jornalismo e Estética. Outras contribuíram mais indiretamente, mas nem por isso foram menos importantes, como Comunicação e Política, Semiótica e Comunicação e Cultura Contemporânea. Além dessas citadas, o curso proporcionou disciplinas práticas que contribuíram para o acúmulo de conhecimento da área jornalística.

Mas aqui não é só a música, e especificamente o rock, que nos interessa. A idéia é aliar a música ao jornalismo e trabalhar com essas duas áreas que fizeram parte de toda nossa trajetória ao longo do curso, não apenas na vida acadêmica, mas no dia-a-dia e nas horas de lazer. Apesar de respeitarmos os diversos gêneros e possibilidades musicais, o rock sempre nos chamou mais atenção. Em uma cidade como Salvador, em que há um predomínio de determinados gêneros musicais, como *axé music*, pagode e forró, ainda assim sempre

houve aqueles músicos que se mantiveram à margem do chamado *mainstream*¹ e cultuaram outras possibilidades, como o *rock* e o *jazz*, por exemplo. Conhecendo e participando dessa cena considerada alternativa, e refletindo ao longo do curso sobre diversas questões relacionadas aos fenômenos midiáticos e questões como *mainstream X underground*, achamos de interesse relevante analisar por que e como um fenômeno alternativo como o rock baiano² é abordado pelo jornalismo local.

Ler ou escrever sobre música é entendê-la um pouco mais, é tentar achar sentido e explicar as sensações que aquele som provoca em alguém. É dividir com as pessoas algo que nem sempre se sabe explicar. A música às vezes pode ser inexplicável, mas o jornalista, principalmente, o crítico, entra justamente para cumprir essa missão. E que música é essa sobre a qual o jornalista baiano fala? Sabemos que a cena musical baiana é das mais ricas, porém o espaço não é igual pra todos. As rádios e televisões, com exceções, é claro, dificilmente tocam o rock baiano. Mas os jornais, especificamente seus cadernos culturais, abrem um bom espaço às bandas e aos eventos locais de rock. E que espaço é esse, afinal? Como ele é ocupado? De que maneira o rock local é tratado? Foi pensando em perguntas como essas e a partir do interesse em trabalhar com essa área, do jornalismo musical, que organizamos o nosso trabalho.

A nossa proposta, portanto, é analisar, durante o ano de 2007, que foi escolhido pelo fato de ser um ano recente e que nos daria uma noção bem atual da situação, três

¹ “Entende-se aqui por *mainstream* como o conjunto de estratégias mercadológicas da indústria do entretenimento de divulgação, circulação e distribuição de produtos culturais, com utilização ampla dos meios de comunicação de massa como TV, rádio, revistas, jornais, etc. Seu oposto é o *underground* que constrói suas estratégias de divulgação e circulação fora dos espaços da chamada grande mídia”. (NETO, 2006, p.15)

² Rock Baiano é uma expressão que pode englobar diversas cenas mas que aqui unificamos em apenas uma para facilitar nossa pesquisa. A cena de Salvador, que também pode ser subdivida em outras de acordo com os gêneros do rock, por ser a mais expressiva, é a mais recorrente nos jornais. Reconhecemos, porém, que no interior do estado há diversas bandas e eventos de rock, mas estes são pouco mencionados pela imprensa.

cadernos culturais³ de dois grandes jornais baianos: *A Tarde* e *Correio da Bahia*. A partir dos suplementos *Caderno 2*, *Dez!* e *Folha da Bahia*, fizemos uma triagem e um mapeamento do que foi publicado a respeito de bandas do rock baiano, e, a partir disso, refletimos sobre a situação. Após uma análise mais geral, uma mais apurada, de textos que selecionamos dos três cadernos, além da comparação entre eles, nos mostraram outros detalhes: como o jornalista fala do rock baiano e que diferença encontramos de um caderno para o outro; que estratégias textuais os autores utilizam para criticar o rock baiano, e se os textos realmente criticam; para que público os jornalistas estão escrevendo e se há uma contribuição para a consolidação da cena de rock local. E não só isso, pois veremos que a crítica cultural também é importante para a formação da opinião do público consumidor e, conseqüentemente, na formação de mercado. Mas será que há um mercado do rock baiano?

A fim de responder a tantas questões e cumprir com nossos objetivos, foi necessário antes a compreensão do contexto em que está inserido o jornalismo cultural baiano voltado ao rock local. Para tanto, dividimos o nosso trabalho em quatro partes. A primeira delas, intitulada *Jornalismo Cultural*, visa compreender esse campo maior no qual se encontra o jornalismo musical baiano e, conseqüentemente, o jornalismo de rock baiano. Definimos inicialmente o que é o jornalismo cultural, qual a sua importância na sociedade, como ele surgiu e um pouco da sua história nos âmbitos mundial e nacional, destacando pontos importantes ao longo dela. Além disso, os tipos de texto presentes no jornalismo cultural, com destaque ao texto crítico, e os problemas que este enfrenta também são tópicos necessários para a compreensão do material que analisamos.

Na segunda parte do nosso trabalho, que recebe o título de *Jornalismo Musical*, discutimos um pouco da presença da música no jornalismo, principalmente como assunto para matérias e críticas. Novamente aqui, apresentamos a história e fatos importantes para a

³ Consideramos aqui o *Caderno Dez!* como cultural, mas é uma classificação nossa no esforço de utilizá-lo neste trabalho. O caderno normalmente é considerado como suplemento jovem. Mais adiante esclarecemos um pouco mais a respeito dessa classificação.

formação do jornalismo musical, como o surgimento de revistas voltadas ao assunto. Não nos aprofundamos demais em detalhes já que pouco material a respeito especificamente deste tipo de jornalismo foi encontrado. Mas demos ênfase à importância do jornalismo de rock, definindo-o e destacando o papel de revistas como *Rolling Stone* e *Bizz* para sua formação, além de pensar na relação entre o jornalismo de rock e o despontamento da cultura juvenil. No tópico Jornalismo Musical destacamos ainda a figura do crítico e a participação da crítica musical na consolidação de cenas e formação de público consumidor.

O terceiro tópico do trabalho intitulado “Os gêneros e o fenômeno do *Rock and Roll*” define o conceito de gênero e esclarece sua importância para a crítica musical, além de situar o rock como um fenômeno mais amplo fora dessa categoria, mas que possui seus gêneros e subgêneros. Abordamos também, mais especificamente, o rock baiano como cena musical e parte dela inclusa no chamado circuito médio independente de bandas, situado entre o que se considera *mainstream* e *underground*. Em seguida, desvendamos fatos da história do rock baiano, dos anos 50 à atualidade, passando por grandes artistas como Raul Seixas e bandas como *Camisa de Vênus*.

No tópico final, Análise, falamos inicialmente sobre cada um dos cadernos analisados e sua estrutura. Essa rápida investigação nos ajudou a demonstrar que espaço é dado ao rock baiano em cada um dos suplementos. Após isso, tratamos de maneira mais geral a pesquisa feita, ou seja, discutimos aspectos mais gerais, incluindo todos os textos encontrados, como: onde foram encontrados, por quem foram escritos e em que formato, de que banda e eventos tratavam. Na análise mais detalhista dos textos encontrados, selecionamos matérias a respeito de um mesmo tema encontradas nos três suplementos, ou pelo menos em dois deles, para que pudéssemos não apenas analisá-las, mas compará-las e perceber diferenças também a partir do local em que se fala, além das diferentes estratégias textuais e critérios de julgamento utilizados por cada jornalista para valorar o rock baiano.

A partir desta monografia, pretendemos contribuir também para o fortalecimento da cena musical e rocker baiana, pois acreditamos ser de grande importância em sua consolidação a discussão a partir de críticas jornalísticas dos discos, artistas e eventos que a constituem. O jornalista possui essa ferramenta que atinge não apenas o público que consome esse tipo de música, mas um público em potencial que pode vir a consumi-lo. Pretendemos ainda deixar uma contribuição principalmente para a imprensa cultural, pois percebemos ser ainda pequeno o número de trabalhos voltados para a área, especialmente para o jornalismo musical. Acreditamos ser muito importante para o crescimento e valorização desse tipo de profissional a reflexão sobre seu trabalho.

1. Jornalismo Cultural

Ao pensar na abordagem que daríamos ao trabalho, chegamos à conclusão de que era necessário iniciar por uma visão mais abrangente do campo onde se encontram os textos jornalísticos posteriormente analisados. É, portanto, imprescindível que antes de adentrarmos no mundo do jornalismo voltado para a música e mais especificamente para o rock feito em Salvador, principalmente, que entendamos o contexto em que se encontram esses textos: o segmento do jornalismo cultural. Os objetivos, a história e os problemas enfrentados nessa área vão influenciar bastante a situação do jornalismo de rock baiano e nos levar a uma compreensão maior do objeto analisado.

Conseqüentemente, para análise dos textos e críticas sobre o rock local, é necessário discutirmos e pensarmos no campo mais amplo do jornalismo que lida com a cultura e em que a música é apenas um dos muitos assuntos trazidos por revistas e cadernos de jornais dessa área. Apesar de apontado como um tipo “menor”, ou seja, menos importante do que o político e econômico, pra citar alguns, e ter espaço reduzido em algumas redações, como veremos adiante, o jornalismo cultural é muito procurado por estudantes e profissionais recém-formados e as páginas e seções que tratam do assunto estão entre as mais lidas nos grandes periódicos do país.

Mas o que seria exatamente o jornalismo cultural? Que tipos de assunto um suplemento desse tipo pode abordar? Segundo Jorge Rivera, em *El Periodismo Cultural* (1995), todo jornalismo, seja ele político, econômico, esportivo, seria um fenômeno cultural devido as suas origens, objetivos e procedimentos. O jornalismo é uma instituição social que objetiva manter a sociedade informada e participativa de tudo aquilo que a influencia direta ou indiretamente. As matérias ou textos jornalísticos são produções culturais, ou seja, são construções da realidade, representações simbólicas de fatos, narrativas escritas ou contadas

por pessoas envolvidas e influenciadas pela cultura a qual pertencem. Apesar de acreditarmos nessa concepção, sabemos que aquele que se considera hoje como jornalismo cultural é bem mais restritivo. Rivera⁴ (1995) defende que

(...) o que se consagrou historicamente como jornalismo cultural é uma zona muito complexa e heterogênea de meios, gêneros e produtos que abordam com propósitos criativos, críticos, reprodutivos ou de divulgação os terrenos das Belas Artes, as correntes de pensamento, as ciências sociais e humanas, a chamada cultura popular e muitos outros aspectos que tem a ver com a produção, circulação e consumo de bens simbólicos.(p.19)

Para Dulcilia Buitoni (2000, p.58), um conceito contemporâneo de jornalismo cultural abrange outras práticas que vão além das artes consagradas (Belas Artes) ou artes de massa (indústria cultural). Culinária, grafites, videogames, paisagismo, arquitetura, entre outros assuntos, podem estar presentes em uma seção ou revista considerada cultural. Uma breve análise encontrada posteriormente neste trabalho dos cadernos culturais aqui tratados nos faz comprovar essa idéia.

O jornalista, portanto, em seu papel de informar e levar o conhecimento ao público leitor, deve preocupar-se não apenas com os fatos corriqueiros e considerados mais “sérios”, como acidentes de avião, a bolsa de Nova York, um escândalo político ou uma nova descoberta científica, mas também com aquilo que entretém e faz parte da vida de toda sociedade. A música, o teatro, a literatura, o cinema, as artes plásticas, dentre outros, estão inseridos no contexto e na realidade de cada um de nós e o jornalista cultural tem como dever contribuir com a divulgação e com o debate de cada uma dessas áreas, fazendo suscitar no leitor o interesse e a busca pelas obras e produtos mencionados. E não apenas isso; o público consumidor, diante de tantas opções oferecidas hoje pela chamada indústria cultural, procura uma maneira de selecionar aquilo que realmente lhe traga bons momentos de entretenimento e/ou reflexão.

⁴ As traduções do livro de Jorge Rivera são de nossa responsabilidade.

Conseqüentemente, os cadernos e revistas culturais, além dos programas televisivos e *sites* jornalísticos na Internet, têm como objetivo “interferir, refletir ou projetar uma realidade cultural, participando do processo de construção das identidades culturais em diferentes níveis da sociedade, influenciando o público consumidor dos produtos da informação”.(GARRIDO, 2002, p.45) O jornalismo voltado à cultura institui-se, então, como um espaço de legitimação, seleção e crítica da produção de bens simbólicos. Ele se coloca como mediador entre a produção e a recepção dos objetos culturais, ou seja, entre o artista e/ou produtor e o público. Além disso, como já dissemos, o jornalista tem a função de filtrar as “ofertas culturais” (PIZA, 2003, p.48) que no mundo atual são inúmeras. As pessoas não têm mais tempo de ler, ouvir e ver tudo que é produzido e esse tipo de jornalismo contribui para selecionar e mostrar ao cidadão aquilo que vale a pena ser consumido. Para um artista, escritor ou músico, independente de uma avaliação negativa ou positiva, estar presente em um caderno cultural já é merecer alguma atenção do público.

Considerado como um tipo de jornalismo entre muitos outros, deve-se compreender que há algumas particularidades no trabalho do profissional que lida com a cultura. Enquanto os profissionais voltados aos fatos políticos e econômicos, por exemplo, estão sempre em busca da objetividade e atualidade, principalmente, ao jornalista de cultura é possível ser mais flexível e, muitas vezes, inclusive, é necessário, como se verá mais adiante.

(...)os valores deontológicos de pluralismo, exaustividade e objetividade que se esperam do jornalismo informativo, não podem ser exigidos da mesma maneira, ou pelas mesmas razões, de um jornalismo que trabalha muitas vezes sobre outros padrões de seleção, restrição, subjetividade e marginalidade, como ocorre com algumas espécies do cultural. (RIVERA, 1995, p.40)

1.1 História

A história do jornalismo cultural confunde-se com a própria história da imprensa, afinal, nos séculos XVIII e XIX, os textos publicados eram fundamentalmente de opinião. Não que os textos relacionados às artes sejam sempre opinativos, muito pelo contrário, como veremos adiante a reportagem, a entrevista e o perfil também fazem parte do que se chama jornalismo cultural. Mas a crítica opinativa sempre teve seu papel de destaque no trabalho do profissional que lida com a cultura.

O surgimento dos textos críticos também se confunde com o início da formação de um público mais amplo. Afinal, antes do século XVIII, a música, o teatro e a literatura eram de consumo exclusivo da aristocracia e eclesiásticos. Foi a partir desse período que, na Europa, salas de concertos, teatros e museus passaram a existir e a serem freqüentados, gerando conversas e discussões a respeito daquilo que era visto e ouvido. Assim, àquilo que se considerava na época o jornalismo, uma troca de boletins informativos e publicações com idéias políticas, acrescentaram-se textos críticos de intelectuais e aristocratas, principalmente. De acordo com Dulcilia Buitoni (2000, p.59), “(...) se formos considerar a crítica a produções artísticas consumidas por platéias antecessoras do público de massa, talvez a crítica musical, iniciada no século XVIII, seja a matriz mais pertinente.”

Para compreendermos melhor as transformações vividas pelo jornalismo cultural, vamos utilizar a classificação de Wilson Gomes em “Transformações da política na era da comunicação de massa” (2004) baseada em modelos (“conjunto de práticas instituídas, de costumes e de habilidades que formam um padrão social” - p.45) da relação entre a política e a comunicação de massa. Em nosso contexto, essas relações se dão entre a comunicação de massa e a indústria cultural. É bom ressaltar que no século XVIII ainda não havia uma indústria cultural, mas já se produziam obras de arte e textos críticos a partir destas obras.

Nessa época, formava-se aquele que seria um primeiro modelo da relação acima citada. A comunicação de massa se dava no formato da imprensa apenas, uma imprensa de opinião a serviço da esfera pública burguesa, que surgiu no século XVIII. Ela funcionava, portanto, como instrumento da discussão pública, mas ainda muito ligada ao universo político, não sendo ainda um campo completamente autônomo.

Daniel Piza (2003) coloca como um marco importante para o jornalismo cultural o ano de 1711, em que se fundou a revista *The Spectator*. Dois ensaístas ingleses, Richard Steele e Joseph Addison usavam pseudônimos e tinham como objetivo “levar discussões sobre livros, óperas, costumes, festivais de música e teatro, política a clubes, casas de chás e cafés, casas, tirando-as do ambiente apenas acadêmico” (p.11). Nessa época, ainda era comum que aqueles que escrevessem críticas fossem ligados ao mundo acadêmico, apesar da tentativa de extrapolá-lo.

Foi no século XIX com fortes influências do “papa francês da crítica oitocentista” (PIZA, 2003, p.15), Sainte-Beuve, que a carreira de crítico e articulista se consagrou, não sendo mais necessário ser parte da academia ou escrever obras ficcionais para ser reconhecido. Neste mesmo século, o jornalismo cultural tornou-se influente nos Estados Unidos e no Brasil. Mas ainda havia a presença de escritores como Edgar Allan Poe e Machado de Assis, respectivamente, à frente dos ensaios e críticas publicados. Segundo Rivera (1995), historicamente, a maior parte dos integrantes do universo do jornalismo cultural são pessoas não vinculadas ao campo da produção jornalística. O autor reflete um pouco sobre essa relação difícil entre os intelectuais e o jornalismo, e a dificuldade de firmar-se uma carreira como a do jornalista cultural:

A convivência dos intelectuais com o jornalismo, como vimos, foi durante muito tempo conflituosa. Muitos viam o exercício do jornalismo como uma duvidosa subalternação de suas qualidades e saberes, basicamente porque a imprensa era subestimada e suspeitosa – desde a típica posição

demonizadora da “cultura de elite” ou cultura “alta” – como um veículo de franca trivilização dos saberes genuínos. (p.108)

No Brasil, já no século XX, muitos escritores buscavam através das críticas nos jornais uma forma de reconhecimento e também de subsistência, já que suas obras ficcionais não a garantiam. Mario de Andrade foi um dos que se destacou com críticas sobre música, literatura e artes visuais. Com a crônica, que também é um tipo de texto do jornalismo cultural e muito praticado aqui no Brasil, autores como Carlos Drummond de Andrade e Rubem Braga, dentre outros, conquistaram o gosto nacional. Até hoje, vemos escritores como João Ubaldo Ribeiro terem destaque nas seções culturais de jornais.

Na virada para o século XX, a modernização da sociedade trouxe muitas transformações para o jornalismo. As revistas culturais registravam toda a efervescência pela qual passava a sociedade naquele momento, mas os textos e a maneira de escrevê-los já não era mais a mesma dos séculos XVIII e XIX. De acordo com Piza (2003), a reportagem e o relato dos fatos passaram a ser mais importantes e os jornalistas de polícia e política também. Para o jornalismo cultural, as presenças cada vez mais frequentes da reportagem, da entrevista e da crítica mais breve foram as principais mudanças ocorridas. A figura do crítico também se transforma: de sacerdotal e missionário, ele passa a ser mais incisivo e informativo. “No entanto, continua a exercer uma influencia determinante, a servir de referência não apenas para leitores, mas também para artistas e intelectuais de outras áreas”. (PIZA, 2003, p.19)

Um segundo modelo da relação entre comunicação de massa e indústria cultural começa a se formar com o surgimento de outros meios de comunicação de massa como o rádio e o cinema e, mais tarde, a televisão. A expressão *mass media*, “dispositivos de emissão e capacidade de difundir conteúdos e mensagens para audiências massivas” (GOMES, 2004, p.48) e os estudos sobre os prováveis efeitos que esses meios podem provocar são postos em destaque. Segundo Gomes (2004), “a percepção geral é de que os

dispositivos técnicos para a comunicação de massa funcionam como extraordinários instrumentos para se organizar o gosto, as disposições e a opinião do público” (p.48).

A influência do jornalismo cultural não é sentida apenas pelos leitores, artistas e intelectuais, o texto jornalístico sofreu muitas modificações e seguiu novos rumos a partir do que era produzido pelos ensaístas e críticos de cada época. Entre as décadas de 40 e 50, por exemplo, a revista *New Yorker*, “capítulo obrigatório em qualquer história do jornalismo cultural do século XX” (PIZA, 2003, p.23), foi responsável por impulsionar o jornalismo literário, texto jornalístico que utiliza recursos da literatura. Já a revista *Esquire* e os jornalistas Norman Mailer e Gay Talese são associados ao chamado *New Journalism*, estilo conhecido pela mistura de história verídica e ritmo ficcional. No Brasil, o experimento jornalístico *O Pasquim*, criado no final da década de 60 e tendo como um de seus escritores uma importante figura do jornalismo cultural nacional, Paulo Francis, foi responsável por mudar a história do jornalismo brasileiro. *O Pasquim* era um tablóide semanário e tinha como um de seus fortes a área cultural. De acordo com Piza (2003), essa publicação transformou a linguagem jornalística brasileira para um tom mais “coloquial e personalista” (p.39). Outra grande contribuição do jornalismo cultural foi a revista *O Cruzeiro*, surgida nos anos 30. Segundo Buitoni (2000), “*O Cruzeiro* configurou o visual brasileiro até ser substituída pela televisão” (p.60).

Mas não apenas das revistas segmentadas e tablóides viveu e sobrevive o jornalismo cultural. Os jornais e as grandes revistas sempre tiveram seu espaço reservado, principalmente às críticas. Antes, eram apenas seções ou espaços especializados. De acordo com Piza (2003),

Com o passar do tempo, especialmente na segunda metade do século XX, a crítica começou a ocupar mais e mais espaço nos grandes jornais diários e revistas de notícia semanais, na chamada “grande imprensa”. Embora não pudesse ter a extensão dos textos de uma revista segmentada e fosse

obrigada a evitar excesso de jargões e citações, essa crítica logo ganhou poder, justamente por ser rápida e provocativa. (p.28)

A divisão do jornal em cadernos ou suplementos como hoje a conhecemos é consequência de uma especialização em editorias. O jornal *Correio Paulistano* já apresentava no início do século XX seções diferenciadas para arte e cultura com os nomes *Teatros e Salões* e *Registro de Arte*. E o Estado de S. Paulo possuía as divisões *Artes e Artistas*, para música, artes plásticas e literatura, e *Palcos e Circos*, voltada para teatro, circo e óperas. Como mostra Rivera (1995),

Historicamente os suplementos partem da idéia de uma divisão em departamentos em seções fixas com unidade temática e continuidade temporal. Até o final do século passado (século XIX), os materiais de interesse cultural apareciam no corpo geral do jornal, mas começavam a surgir espaços especializados e permanentes. (...) No começo deste século (XX), começa a verificar-se a aparição dos primeiros suplementos autônomos, colecionáveis e destinados a uma parcela mais restrita de leitores.(p. 92)

A partir dos anos 50, a presença de seções ou cadernos culturais da grande imprensa diária ou semanal tornou-se obrigatória. Alguns jornais já tinham seus cadernos especializados no final desta década, como é o caso do suplemento literário do *Estado de S. Paulo* e do suplemento cultural do *Jornal do Brasil*, ambos criados em 1956.

Ao longo do século XX, um terceiro modelo da relação entre a comunicação de massa e a indústria cultural foi se formando e hoje ele pode ser considerado como predominante. Formou-se a chamada indústria da informação que, segundo Gomes (2004, p.50), surge quando o mundo dos negócios percebe que a informação pode se transformar num negócio cujas transações se realizam entre os consumidores desta e os anunciantes. Essa imprensa empresarial estaria disposta a colocar à disposição do consumidor o tipo de informação que ele desejasse, ou seja, é uma imprensa que se preocupa com a audiência e com o lucro, buscando atender sempre aos possíveis interesses do público.

Para atender a uma demanda cada vez maior da indústria cultural e do consumidor dessa cultura de massa, tornou-se necessário um aumento na quantidade de material escrito voltado para essa área. Hoje em dia, portanto, o mais comum nos grandes jornais é que se tenha um caderno diário voltado apenas para cultura. O conteúdo é variável, alguns abrem mais para assuntos como a vida de celebridades, coluna social, moda, culinária, horóscopo, quadrinhos, outros são mais fechados a artes e espetáculos. *A Ilustrada*, da *Folha de S. Paulo* e o *Caderno 2*, do *Estado de S. Paulo* são cadernos diários de grande importância e referência para o jornalismo cultural brasileiro por serem parte de dois jornais muito lidos e com um caráter nacional, apesar de relacionados ao estado de São Paulo. Eles se destacaram na década de 80 e início de 90, quando o Brasil passava por uma efervescência cultural e a sensação de “dinheiro no bolso” que a época econômica propiciava. Mais adiante abordaremos detalhadamente a história e formatação dos cadernos utilizados como objetos de análise deste trabalho, o *Caderno 2* e o *Caderno Dez!* do jornal *A Tarde* e a *Folha da Bahia*, do *Correio da Bahia*.

Antes de passarmos para o próximo tópico, é preciso lembrar que os cadernos culturais diários como os conhecemos são uma particularidade do jornalismo cultural brasileiro. Na maioria dos jornais europeus e norte-americanos são produzidos suplementos semanais para a crítica cultural e para a programação de eventos culturais.

1.2 Tipos de texto

Sem levar em conta aqui o material extra-jornalístico publicado nos cadernos ou revistas culturais, como colunas sociais, horóscopo, palavras cruzadas, quadrinhos, faremos um apanhado dos tipos de textos mais encontrados nessa área do jornalismo. É válido lembrar, no entanto, que essa divisão não é tão rígida quanto se supõe. Um tipo de texto pode

apresentar características do outro ou não ter uma definição tão clara. A divisão vai servir para melhor compreensão da análise posteriormente feita.

A forma de expressão mais característica e mais usada pelo jornalista cultural e que provavelmente deu origem a essa subdivisão do jornalismo é o texto opinativo, mais especificamente na forma da crítica. A idéia principal de um texto crítico é que se vá além da pura informação, permitindo àquele que escreve dar um juízo de valor ao objeto ou produto mencionado. Segundo Cremilda Medina (2007, p.33), a informação de serviço é fundamental para a existência do jornalismo, mas há a necessidade da voz individual, da opinião. Essa voz, para ela, no jornalismo cultural, manifesta-se através da crítica e dos ensaios, principalmente. Como já dito anteriormente, no início apenas a crítica fazia parte do que hoje se chama jornalismo cultural, na época ainda não reconhecido como tal. A utilização de outros tipos de texto como a reportagem foi mais explorada a partir do século XX. Para Buitoni (2000), apesar do uso do texto narrativo, o crítico não perdeu seu lugar de destaque:

Na rota da necessidade informativa, temas de arte e cultura também adotaram notas curtas e reportagens, além do texto opinativo, desde sempre.(...) No entanto, a apreciação continuou sendo fundamental na editoria de cultura. Opinião, posicionamento: palavras que analisam, comparam, avaliam. O discurso crítico introduz a figura do crítico. E autoridade, competência, subjetividade, parcialidade, lista dos filmes do ano, das músicas do século... (p. 63)

Não entraremos aqui em uma discussão mais profunda sobre os diferentes tipos de textos opinativos. Apenas aclararemos ao leitor que a palavra “crítica” no Brasil é utilizada como gênero jornalístico, além do sentido acadêmico de uma análise estética mais aprofundada. De acordo com o *Manual de Redação da Folha de São Paulo* (2007) a crítica pode ser definida como um texto “que avalia trabalho artístico, acadêmico ou desempenho esportivo” e a resenha como um texto que “faz o resumo crítico de um livro”. Apesar dessa diferenciação, levamos em consideração aqui apenas o termo crítica, pois acreditamos ser este o mais abrangente.

De acordo com José Luiz Braga em *A Sociedade enfrenta sua mídia* (2006), a crítica jornalística, considerada por ele como interpretação, objeção interpretativa ou seleção qualitativa, é apenas um dentre os diversos tipos de ação possíveis no sistema de “interação social sobre a mídia”, ou seja, um sistema que se situa entre a produção e recepção da mídia e seus produtos. Segundo ele, “Sem a interação social-midiática (sobre a mídia e seus produtos), a circulação geral não se completa; teríamos, na verdade, uma incoerência de funcionamento cultural em uma sociedade na qual determinados processos se passariam sempre em uma única direção” (2006, p.33), direção essa da mensagem entre emissor ou mídia e receptor ou público consumidor. Para Marcelo Coelho (2000), a importância da crítica está no próprio surgimento de uma obra clássica. Segundo ele, “a crítica, mesmo errada, é importante, porque está, na verdade, não julgando, mas está, isso sim, testando a obra... e quando aparece um outro crítico para criticar o antecessor é que se vai constituindo uma leitura coletiva, uma leitura social da obra” (p.84).

Lembramos que o ensaio e o artigo também podem ser considerados textos opinativos, porém não estão presentes em nossa análise. Normalmente, são textos mais longos e mais argumentados escritos por autoridades no assunto explorado. Localizam-se, geralmente, nos cadernos semanais de cultura, como no caso do caderno *Cultural* do jornal *A Tarde*, além é claro das revistas especializadas. As crônicas também são consideradas textos opinativos. Elas têm importante papel no jornalismo cultural brasileiro e situam-se entre este e a literatura. Normalmente escritas por não-jornalistas, partem de fatos jornalísticos atuais para emissão de algum juízo de valor ou elucubrações pessoais por aquele que a escreve.

A reportagem é apenas um dos possíveis tipos de textos informativos utilizados pelo jornalismo cultural. Mas juntamente com a crítica, ela é o tipo de texto que mais o caracteriza. De acordo com Piza (2003, p.80), a reportagem relacionada à cultura é diferente dos outros tipos de jornalismo. A notícia instantânea não é tão essencial, muitas vezes aquilo

que ainda vai acontecer, seja a inauguração de um teatro, o lançamento de algum livro ou disco ou uma exposição de pintura, é mais importante do que o que já ocorreu. Há também um tipo de reportagem que serve para apresentar ao leitor algo que ele desconhece. Nesse caso, é comum e importante que o jornalista emita alguma opinião ou mencione por que tal pessoa ou obra merece ser apreciada.

O perfil pode ser considerado um outro tipo de reportagem. Nesse caso, a pessoa descrita pode ou não ser conhecida pelo público. Segundo Rivera (1995, p.119), o perfil normalmente tem um motivo que o leva a ser feito, como o recebimento de um prêmio, a chegada no país daquela pessoa ou algum feito importante que a coloque na expectativa do leitor. A história, o que ela fez e deixou de fazer, as opiniões dos amigos, sua carreira e pontos importantes, tudo isso pode ser encontrado em um perfil. Um perfil pode ser feito também através de uma entrevista. Mas, normalmente, corresponde apenas a um jogo de perguntas e respostas, sem uma interpretação por parte do jornalista, podendo também ser organizada em formato de texto, a partir das respostas do entrevistado.

Menos aprofundados, porém também informativos, são as notas, os roteiros e agendas culturais. As notas podem ir um pouco além do mero serviço, mas apenas passam ao leitor informações básicas, já as agendas e roteiro somente divulgam os shows, exposições, filmes e espetáculos com noções de data, local, preço, horário e a depender do evento, uma pequena sinopse do que o leitor vai apreciar. As notas partem de algum acontecimento, normalmente enviado para a imprensa através do *press release*, mas não o aprofundam, diferente do que ocorre com a reportagem, que é mais bem apurada e de tamanho maior, além de conter, algumas vezes, uma crítica a respeito do que se fala. As notas são muito usadas hoje em dia, principalmente devido ao espaço cada vez menor que os jornalistas culturais têm para escrever e a mudanças de configuração desse tipo de jornalismo, consequência também

do surgimento da Internet. No capítulo seguinte, trataremos com mais detalhes das transformações e da possível “crise” que sofre o jornalismo cultural.

1.3 O jornalismo cultural hoje

A situação atual do jornalismo cultural, os problemas e a possível “crise” pela qual ele passa são parte do contexto em que nosso objeto de análise, o jornalismo musical voltado para o rock baiano está inserido. Muito do que veremos adiante influencia na sua maneira de existir e auxilia na compreensão da nossa análise. Cursos de jornalismo que não tornam o aluno apto a trabalhar com a área cultural, preconceito dentro das redações por não considerar esse tipo de jornalismo como um tema “sério”, diminuição cada vez maior do espaço para avaliação e crítica dos artistas e obras mencionados, tudo isso fica evidente quando lemos principalmente um caderno ou suplemento voltado à cultura. Muito se fala também da falta de diversidade dos assuntos, sempre tratando dos mesmos artistas, e do ponto de vista do que se chama “hábito cultural⁵” (Teixeira Coelho, 2007, p.25); da superficialidade dos textos, com o uso excessivo de adjetivos para criticar e pouca argumentação, por exemplo; e do tratamento das artes apenas a nível estético, sendo que ela funciona como sistema social, político e econômico. Piza (2003) fala um pouco mais sobre essa possível crise que vive o jornalismo cultural dos dias atuais:

O jornalismo cultural, dizem os nostálgicos, já não é o mesmo (...) revistas culturais e intelectuais já não tem a mesma influência que tinham antes; críticos parecem definir cada vez menos o sucesso ou fracasso de uma obra ou evento; há na grande imprensa um forte domínio de assuntos como celebridades e um rebaixamento geral dos critérios de avaliação dos produtos. O jornalista cultural anda se sentindo pequeno demais diante do gigantismo dos empreendimentos e dos “fenômenos” de audiência.(p.31)

⁵ Segundo o autor, “O bom jornalista cultural deve assumir como ponto de partida a idéia de que é preciso pensar sempre de outro modo, que é preciso ver uma questão sempre pelo outro lado, pelo lado que não está sendo visto, pelo lado oposto ao do hábito cultural. Nada pior em cultura do que o hábito cultural.”(COELHO, 2007, p.25)

À falta de espaço mencionada anteriormente, porém, devemos abrir um parêntese: o jornalismo cultural no Brasil tem sim bastante espaço, inclusive como vimos antes, cadernos exclusivos e diários, mas a questão é como se preenchem esses espaços e com que critério se seleciona o que pode ser uma boa pauta. A crítica e reportagem apuradas cedem cada vez mais lugar a páginas de serviço, colunas sociais, passatempos, além das sempre presentes crônicas e artigos. Observa-se também um aumento no uso de imagens e no tamanho delas, que diminuem a quantidade de texto nas matérias. Mas a “crise” não é uma decorrência puramente de fatores internos das redações e da organização dos jornais e revistas.

A começar pela formação daqueles que trabalham na área, poucos são os cursos de graduação que oferecem uma especialização maior ao aluno. Normalmente, o estudante de jornalismo ou o profissional recém-formado que deseja trabalhar com cultura busca informação fora da faculdade ou em pós-graduações. Apesar dessa carência, segundo Paulo Roberto Pires (2007), o nível de procura por essa área nas universidades é da quase totalidade dos alunos dos cursos de Jornalismo. Para ele, é necessário que o profissional compreenda pelo menos o assunto sobre o qual pretende escrever. “É fundamental o conhecimento das fontes, a pesquisa, a comparação dos contextos, para se constituir um fazer crítico, não baseado apenas na impressão ou no achismo” (p.31). Essa lacuna sentida pelos estudantes e profissionais de jornalismo pode ser uma consequência ainda do preconceito que se tem com a área e da maneira como se formou o campo, ou seja, com intelectuais não-jornalistas à frente dele.

Levando em consideração que o profissional tenha uma formação e conhecimento suficientes para trabalhar com determinado assunto, como artes plásticas, por exemplo: ele sabe de todos os grandes artistas, conhece os movimentos, tem noção das

técnicas utilizadas, mas não possui quase nenhum ou nenhum conhecimento sobre música. É importante que exista um aprofundamento maior em determinada área, mas ter noções básicas sobre os outros assuntos e saber falar deles com uma certa autonomia é essencial para se trabalhar hoje em jornalismo. Há os casos também de pessoas ligadas ao tema abordado e que não possuem formação jornalística. No mundo da música, por exemplo, é comum que um músico ou um pesquisador na área escreva para um jornal ou uma revista, sendo especializado apenas neste assunto.

Acima de tudo isso, o jornalismo cultural está inserido no campo social do jornalismo, ou seja, “um sistema socialmente reconhecido de princípios, valores, relações objetivas e de distribuição de reconhecimento” (GOMES, 2004, p.52). Portanto, o indivíduo que trabalha na área, sendo formado ou não deve ser capaz de obter e divulgar informação de qualidade e relevância. Além disso, saber redigí-la de maneira apropriada e produzir com ela um efeito na realidade. É com esse trabalho que o profissional vai acumular o “capital simbólico”, ou seja, ser reconhecido no seu campo e fora dele pelo bom resultado obtido. Ainda de acordo com Gomes sobre a teoria dos campos sociais de Pierre Bourdieu, “O valor de cada indivíduo se estabelece em função do bem ou recurso considerado fundamental no sistema social de que faz parte. Quanto maior for a posse de tal recurso, maior o poder simbólico ou capital acumulado” (2004, p.53).

A influência do mercado e das assessorias de imprensa sobre os jornalistas culturais contribui também para a perda da capacidade crítica e da busca de inovações, não só de trazer novidades, mas atualizar as antigas. O jornalismo cultural está muito voltado ao cronograma de grandes eventos e chegada no mercado dos produtos de artistas já consagrados pela mídia. Na maioria dos casos, são os *press releases* enviados pelas assessorias que servem de base aos textos, que, inclusive, são pouco modificados. De acordo com Piza (2003), “Raramente lemos sobre esses produtos depois que eles tiveram uma carreira pequena, que

seja, e assim deixamos de refletir sobre o que significaram para o público de fato” (p.51). Ainda citando Piza (2003), “os assuntos preferidos, por extensão, são o cinema americano, a TV brasileira e a música pop que dominam as tabelas de consumo cultural” (p.53). Mais adiante veremos que os cadernos aqui analisados, apesar de abordarem também esses assuntos, abrem espaço para a cultura local, inclusive o rock baiano e outras manifestações de pouca visibilidade. Cabe salientar que não é exatamente o tipo de assunto abordado que reduz o potencial do texto jornalístico, como coloca bem András Szantó (2007),

Apenas uma distinção deveria ser relevante sobre o jornalismo cultural: é inteligente? Pode-se escrever sobre ópera e ser estúpido. Pode-se escrever sobre hip hop e ser brilhante. O jornalismo deve considerar seus assuntos com extrema seriedade e comunicar essa importância numa linguagem que seja atraente aos leitores.(p.43)

A situação do jornalismo cultural remete também à concorrência entre o jornalismo impresso e a Internet. O surgimento da rede e a proliferação de *sites*, *blogs* e fóruns que podem ser escritos por qualquer um e acessado em qualquer parte do mundo, trouxeram modificações para o texto jornalístico e, conseqüentemente, para o trabalho do jornalista cultural. A partir da diminuição da quantidade de leitores do jornal impresso que migram muitas vezes para o jornalismo on-line, os profissionais buscam adaptar-se a esse novo leitor que surge já com fácil acesso à Internet e todo seu conteúdo. A tendência atual é, portanto, de textos cada vez menores e mais informativos, uma leitura de fácil acesso. O trabalho de um crítico perde seu lugar de destaque, já que as possibilidades de se escrever textos críticos e publicá-los são abertas a todos. Além disso, a Internet pode abrir seu espaço para uma quantidade ilimitada de material em que as pessoas podem participar e opinar sobre aquilo que está sendo publicado, “de uma forma que a imprensa escrita não pode, por falta de interatividade e espaço” (PIZA, 2003, p.31).

Esse crescimento da migração dos leitores para Internet não significa uma perda total para o jornalismo impresso e nem para o profissional da área. Mesmo que o jornalista crie seu próprio *blog*, ele ainda se encontra em uma posição favorável, principalmente entre as pessoas que levam a sério a informação que buscam. A Internet possui uma quantidade enorme de coisas publicadas e nem sempre é possível selecionar aquilo que é realmente importante. O que acontece atualmente é que a crítica especializada não é mais a única fonte. Os internautas têm as mesmas condições de produzir um bom trabalho crítico que um jornalista, além do fácil acesso a músicas e filmes, por exemplo, antes mesmo deles serem lançados. O profissional voltado à cultura deve procurar então novas formas de atrair o leitor, tanto através do impresso quanto da própria Internet, no jornalismo on-line. Segundo João Paulo Alvim Mauler (2007), que trabalha com essas mudanças trazidas na crítica pelas novas tecnologias,

O que faz um bom crítico hoje é a capacidade de apresentar as informações que são importantes, de fazer uma crítica bem fundamentada, e para isso ele pode tanto estar na redação de um jornal ou em seu quarto, postando em um blog. O importante é saber relacionar as informações, contextualizá-las e analisá-las para o leitor. (p.36)

Para ele, as indicações pessoais ganham uma importância muito grande com a democratização da informação, podendo qualquer um ser um bom crítico desde que tenha as qualidades acima citadas. Neste trabalho, porém, não adentramos nessa discussão. Apenas deixamos claro que o jornalista cultural e a crítica dos jornais impresso e on-line ainda têm sua relevância. De acordo com Piza (2003), a análise, a crítica e o debate de idéias são “vocações características do jornalismo cultural e carências do leitor contemporâneo” (p.8).

2. Jornalismo Musical

A divulgação e discussão sobre as artes (incluindo a indústria cultural) é o tema mais recorrente do jornalismo cultural e o que deu origem também a esse segmento. Como nosso objeto de análise são os textos que tratam do rock baiano, definiremos neste segundo tópico o que vem a ser o jornalismo de música, qual a sua importância e um pouco de sua história. Também serão abordados mais especificamente o jornalismo de rock, seu surgimento e amadurecimento no Brasil, além da importância da crítica musical para o meio.

Não encontramos por quem e quando foi criado o termo jornalismo musical, mas seu uso é recente e ele é utilizado hoje em trabalhos acadêmicos sobre o assunto e até mesmo pelos próprios jornalistas. Monografias como *A imprensa musical no Brasil e a revista Rolling Stone* (2007) de Jorge Wagner Mello de Andrade que analisa o papel da imprensa musical no Brasil através da revista *Rolling Stone*, a de Aline Garrido *Música para ler* (2002) sobre o jornalismo musical feito na Bahia, dentre outros, além de pesquisadores como Simon Frith que também utilizam o termo. A música sempre esteve em todas as mídias, mas é a presença dela como objeto da crítica e do jornalismo que nos interessa, portanto não vamos discutir aqui a música na televisão ou no rádio, mas como produto de análise presente em textos jornalísticos. “Diferente do rádio e da televisão, cujo papel predominante é servir como veículo de execução e difusão da música popular, a imprensa se destaca como meio em que é possível questionar a produção musical” (GARRIDO, 2002, p. 16).

A imprensa musical pode ser encontrada em diversos formatos: revistas especializadas em um ou vários gêneros musicais, revistas voltadas para músicos sobre instrumentos e aparelhagem técnica, fanzines, literatura acadêmica, matérias em revistas semanais, além dos cadernos de cultura ou suplementos de jornais diários, que é o nosso

interesse aqui. Devemos considerar que esses formatos podem ser encontrados também na Internet, tanto em versões on-line de revistas e jornais, como em publicações apenas encontradas na rede, como *e-zines* (fanzines em versão eletrônica), *blogs* e *sites* de jornalismo musical. Ainda devemos lembrar que nem todo material publicado na Internet é jornalístico. Grande parte é escrita por fãs e admiradores dos diversos gêneros musicais. Atualmente, apesar da influência do jornalismo ter perdido espaço para outros meios de divulgação e de discussão, ainda é importante para um artista ter seu nome ou foto estampado no jornal, especialmente se sua obra for objeto de reflexão e avaliação. O jornalista que escreve sobre música tem, portanto, uma participação na configuração musical de uma cidade ou um país. Segundo Schoenherr (2004),

(...) entre tantos lançamentos, reconhecer a existência de certa banda, por exemplo, já é um fator de grande relevância. A crítica musical sugere que sobre os artistas selecionados *vale a pena* tecer comentários. Ela os reconhece, portanto, como dignos de nota, audição e talvez compra. (p.11)

Como já dito anteriormente, a crítica e o jornalismo cultural surgem inicialmente mais vinculados à literatura e à música, isso significa que, no século XVIII, já se discutia a qualidade da produção musical, ainda que não existisse uma indústria da música como a conhecemos hoje. A história do jornalismo musical confunde-se, portanto, com a história do jornalismo cultural. As revistas culturais sempre tiveram um espaço reservado para a música, mas o primeiro periódico que pode ser considerado uma revista musical é *O Ramallete das Rosas*, publicação lusitana de 1842, voltada para o piano e canto. No Brasil, os primeiros escritos a tratarem do assunto foram os folhetins sobre ópera na primeira metade do século XIX. Mas o jornalismo de música, no formato de crítica, só apareceu no final deste século com os textos do crítico Oscar Guanabara.

A utilização freqüente dessa segmentação na forma de revistas especializadas deu-se, porém, apenas no século passado quando a música popular considerada como mercadoria passa a ser mais aceita por aqueles que escreviam sobre o assunto. Antes, apenas a música erudita era respeitada e debatida pelos intelectuais e pouco se falava sobre a produzida em série e comercial que surgia no início do século XX.

Em O fetichismo na música e a regressão da audição, Adorno (1983) afirma que a música produzida pela indústria cultural por ser “ligeira” e dançante, era para ser consumida distraidamente, superficialmente, sem o mesmo nível de atenção exigido pela música que ele avalia elevada. (NETO, 2006, p.8)

Mesmo diante de afirmações como essa, intelectuais foram tentando ao longo do tempo e com certa dificuldade “legitimar a produção e o consumo de música popular massiva” (NETO, 2006, p.10), mas ainda colocando-a em uma posição mais baixa em relação à música erudita, pedindo uma certa tolerância dos demais, apesar de reconhecer a inferioridade dela. Já Simon Frith, pesquisador contemporâneo, consegue alcançar o que seria uma superação dessa visão “elitista”, dando a importância à crítica de qualquer manifestação artística, independente de sua qualidade ou função. “Existem diferenças entre óperas e telenovelas, entre música clássica e country, mas o fato de que os objetos de julgamento são diferentes não significa que o processo de julgamento seja.”⁶(FRITH, 1998, p.17).

Com essa tentativa em superar a idéia de inferioridade da cultura de consumo, pôde-se pensar em novas maneiras de discussão desses objetos. Nas décadas de 50 e 60, surgem as primeiras revistas especializadas em indústria fonográfica, como as inglesas *Melody Maker* e a *New Music Express* e a americana *Rolling Stone* (essa também teve sua versão brasileira que será abordada mais pra frente). No Brasil, destacaram-se nessa época

⁶ Tradução de Pedro Fernandes da Silva Neto em **Avaliação e música popular massiva: uma análise de críticas musicais publicadas em jornais impressos**. 2006. 52f. Monografia (Bacharel em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

experiências como a *Revista do Rádio* e a *Revista da Música Popular*. A primeira chegou a publicar 1073 edições antes do seu final em 1970, atingindo uma longevidade única dentre suas similares. O conteúdo dela era mais ligado à intimidade dos ídolos, mas relatava fatos recentes do trabalho dos artistas. Ela cumpria principalmente com a finalidade de trazer aos fãs a imagem do artista conhecido apenas por sua voz no rádio, materializando-o. Esse tipo de revista, ainda existente hoje em dia, é pautada pelo chamado *star system*, ou seja, seu foco é na vida das celebridades atuais, na maioria das vezes, em comentários a respeito da intimidade dos artistas. Já a *Revista da Música Popular*, lançada em 1954, contava com intelectuais como Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Millôr Fernandes e Rubem Braga e tratava, principalmente, de música popular brasileira e jazz. Mais voltada para a crítica, a revista contava com importantes nomes imbuídos de capital simbólico e que garantiam a ela prestígio no meio.

Apesar da quantidade de revistas especializadas nos mais diversos gêneros musicais, os maiores nomes do segmento, no Brasil, são as revistas voltadas principalmente para o rock como a *Rolling Stone* e a *Bizz*, por exemplo. Como elas serão melhor abordadas no próximo tópico não entraremos em detalhes aqui. Além das revistas, lembramos que os jornais e os suplementos culturais, que são inclusive nosso principal objeto de estudo, também fazem parte da história do jornalismo musical, porém já foram mencionados na história do jornalismo cultural.

2.1 Jornalismo de Rock

O que chamamos aqui jornalismo de rock pode gerar algumas controvérsias, afinal o que seria um jornalismo de rock? Diante dessa questão, sentimos a necessidade de localizar o termo e defini-lo de maneira própria já que, durante o processo de pesquisa, não foi encontrada uma definição que nos fosse satisfatória. O conceito provavelmente surgiu do

termo norte-americano *Rock Journalism*, que ficou conhecido como um estilo de crítica que não era preso à imparcialidade. Para nosso trabalho, o jornalismo de rock é todo texto jornalístico voltado aos gêneros e subgêneros surgidos a partir do rock, nos formatos de reportagens e críticas, principalmente, e que aborde lançamentos de discos, perfis e entrevistas de bandas e artistas, shows e eventos realizados.

Nos Estados Unidos, onde o fenômeno do rock surgiu primeiramente, a revista *Rolling Stone* foi a pioneira no segmento. Fundada em 1967 por Jann S. Wenner, a publicação aproveitava o momento que o mundo vivia para falar de coisas que eram tratadas superficialmente por outras mídias. Deve-se lembrar que a revista não era apenas sobre música, ela abordava também assuntos como política, esportes, cinema, televisão e comportamento social. Mas destacou-se e, até hoje, é mantida principalmente por causa da música.

Apesar de tratar sobre diversos temas, com destaque para a música, as revistas de rock, em geral, são endereçadas ao público jovem. O surgimento dessas primeiras publicações coincide justamente com a formação da cultura juvenil como a conhecemos hoje e que antes da década de 40 não existia. O rock surge como uma manifestação da juventude e, portanto, até hoje se caracteriza como um estilo musical consumido principalmente por esse público. No Brasil, as primeiras revistas que abordavam o rock surgiram no início da década de 60. A *Revista do Rock* foi a pioneira e definiu um pouco o tipo de linguagem que seria usado pelas outras. Ela trazia basicamente fofocas, biografias dos artistas e letras de música. Outras que seguiam a mesma linha e que circularam neste período foram *Baby Face*, *Rock News* e *Os reis do Iê-iê-iê*.

Mas é com a chegada da versão nacional da *Rolling Stone* que o jornalismo de rock começa a despontar. A revista começou a circular por aqui em 1971 trazida por Mick Killingbeck, um físico de origem inglesa que comprou os direitos da versão norte-americana.

Ele convidou nomes como Luiz Carlos Maciel, Ezequiel Neves e Ana Maria Bahiana, que se destacaram na imprensa musical brasileira após esse trabalho. Músicos e poetas também contribuíam com a produção da revista. Mas esta primeira versão só durou dois anos, tendo sido publicadas apenas 36 edições. No caminho da *Rolling Stone*, foi lançada, em 1972, a revista *Pop* pela editora Abril Cultural, atual Abril. Ela durou até 1979. Na década de 70 destacou-se também a revista/jornal *Rock: A História e a Glória*, que trazia matéria especiais e biografias dos artistas que se destacavam na época e que hoje são importantes na história do rock. O material fazia parte do *Jornal de Música e Som*, editado pela já citada Ana Maria Bahiana. A publicação estreou em 1974 e durou até o final da década de 70.

Como já dissemos, essas revistas são consideradas aqui como jornalismo de rock, pois era esse o estilo de música ligado ao público jovem da época e alvo principal das publicações. De acordo com Brandini, “o rock sempre foi um amálgama que uniu os jovens em torno do discurso da música, (...) permitindo o auto-reconhecimento de seus membros” (2007, p.13). As revistas ligadas à cobertura musical costumam surgir relacionadas a determinados períodos e movimentos musicais de vanguarda. A *Rolling Stone*, por exemplo, é lançada no Brasil após o Tropicalismo que abre caminho para o rock que começava a despontar no país. O movimento tropicalista modificou a visão da imprensa brasileira que via a influência do rock feito lá fora como um inimigo para a música brasileira dos ícones da época, entre eles, Chico Buarque, Tom Jobim, Elis Regina. O Tropicalismo mostrou que havia espaço para tudo e, a partir daí, passou-se a valorizar mais tanto o rock internacional como a influência dele na música nacional. Na passagem da década de 70 para 80 algumas mudanças na cultura jovem vão diferenciar a maneira de se fazer o jornalismo de rock. De acordo com Rafael Saldanha (2005),

(...) se a geração anos 70 era formada de jovens que não tinham mais estranheza quanto ao rock, por tê-lo conhecido na adolescência, os

jornalistas da geração 80 eram os primeiros a terem sido criados quase que exclusivamente pelo rock. Eram jovens que começaram a ouvir música através de discos dos Beatles. O segundo motivo tem a ver com o lema punk “*Do it yourself*”. A explosão de fanzines do final da década de 70 criou toda uma linguagem específica, com abusivo uso de gírias, porém não visando uma aproximação forçada com o público, como na década de 60, e sim como reflexo do próprio público, que assumia o papel de redator de suas publicações. (p.28)

A revista *Bizz*, lançada em 1985, que é a primeira a se destacar após o fechamento da *Rolling Stone*, nasce em uma época em que o “país vivia a explosão do chamado “Rock Brasil”, com jovens bandas alcançando o estrelato a bordo de sucessos massivos nas FMs e de um bem-azeitado circuito de shows (nas danceterias). Pela primeira vez, se falava em ‘público jovem’ no Brasil, cultura abafada por 20 anos de ditadura militar”⁷. Tendo como inspiração a revista *Roll* (que possuía uma linguagem agressiva em decorrência da influência dos fanzines), criada em 1983, a *Bizz*, que utilizava uma linguagem mais leve, é considerada por muitos como a mais importante publicação musical do país. Apesar disso, ela passou por diversas mudanças editoriais, entrando em decadência nos anos 90 e tendo sua última edição lançada em julho de 2001. Mesmo assim a *Bizz* manteve-se viva em edições especiais ocasionais e em *sites* de leitores na Internet.

Durante a década de 90 e início de 2000, algumas revistas surgiram e tentaram se manter no mercado, mas com pouco sucesso como a *Backstage*, *Top Rock*, a *Revista MTV* e a *Transamérica* (ligadas ao canal de TV e a rádio, respectivamente). Outras foram mais bem-sucedidas como a *Rock Press*, a *Metal Head* e a *Roadie Crew* que, apesar de não atingirem o nível da *Bizz*, ainda podem ser encontradas em versão on-line ou impressa. Destacamos também a revista *Rock Brigade*, lançada em 1981 e a que mais tempo ficou em circulação. Em sua monografia, *Rock em Revista: o jornalismo de rock no Brasil(2005)*, Rafael Machado Saldanha constatou que, em 2005, havia cerca de 15 revistas tratando sobre rock no Brasil, a

⁷ <http://bizz.abril.com.br/> - Site da revista acessado em 15 de abril de 2008.

maioria delas no eixo sul-sudeste do país. Algumas se destacam como a *Dynamite*, que é mais conhecida por seu portal na Internet e a *OutraCoisa*, lançada pelo músico Lobão e sempre acompanhada por um álbum de artista independente.

Em setembro desse mesmo ano, a *Bizz* retorna às bancas e, pouco mais de um ano depois, a *Rolling Stone Brasil* também, porém com metade do conteúdo produzido aqui e outra metade traduzido da versão americana. Com essa volta, ambas as revistas foram bem recebidas pelo público e crítica. Atualmente, apenas a *RS Brasil* publica novas edições. A *Bizz* fechou suas portas novamente em 2007 e transformou-se em um selo de projetos especiais relacionados à música.

Segundo Valéria Brandini (2007), o mercado atual de revistas especializadas no público rock tem crescido, principalmente por causa das novas tecnologias, que propiciam equipamentos e programas de computador mais simples. Hoje, é mais fácil ter uma publicação impressa mesmo que não seja ligada a uma grande editora e terceirizando a distribuição e a produção gráfica. Mas a concorrência com a Internet vem crescendo cada vez mais, configurando um cenário novo em que o jornalismo nem sempre tem espaço.

Embora esse mercado se tenha expandido nos anos 90, a mídia underground continuou sendo um meio eficiente de divulgação de bandas. Com as novas tecnologias, surgiram fanzines virtuais, ou i-zines. Estes vêm substituindo cada vez mais os fanzines impressos das décadas anteriores, o que enfatiza a influência tecnológica no universo alternativo e do consumo segmentado. (BRANDINI, 2007, p.117)

2.2 Crítica musical e o papel do crítico

Iniciaremos esse tópico relembando mais uma vez o importante papel do texto crítico para o jornalismo cultural e, conseqüentemente, para o musical. A crítica tem um lugar de destaque dentre os diversos tipos de textos jornalísticos voltados à música como a

entrevista, os ensaios, a reportagem, além dos formatos de consumo rápido como notas e roteiro cultural. Lembramos aqui que a crítica pode estar inserida em um texto não considerado como tal. Por exemplo, uma divulgação de show pode conter um pequeno *box* de crítica ou algum comentário a respeito da banda. Os textos da imprensa musical têm como objetos, principalmente, eventos, como apresentações ao vivo, e produtos musicais, ou seja, registros dos artistas e bandas em algum suporte (hoje em dia, CD e mp3⁸ são os principais suportes utilizados). Os comentários a respeito de ambos são necessários para levar ao público um conhecimento daquilo que está acontecendo e sendo lançado no cenário musical.

Ao tentarmos compreender o papel da crítica, é necessário pensar um pouco em como ela e o jornalismo musical em geral são influentes na formação do público consumidor. O jornalismo sempre teve uma capacidade de agendar os assuntos presentes na esfera pública, ou seja, aquilo que está sendo exposto pela mídia acaba fazendo parte das conversas e debates ocorridos na sociedade (o contrário também ocorre). O conceito de agendamento, portanto, está atrelado a todos os tipos de jornalismo, mas ele surge como uma maneira de suavizar a idéia de que a mídia nos diz em “quê” e em “como” pensar, tentando admitir apenas que ela nos diz em “quê” pensar, mas não em “como”. A partir do momento em que um disco lançado é criticado e outro não, o que recebeu a crítica será mais discutido pelas pessoas e, provavelmente, mais procurado também. No mundo da música, portanto, é necessário ser alvo de críticas para ser reconhecido e lançado ao público. Segundo Traquina (*apud* Schoenherr, 2004, p.10), “Se os media não nos dizem nada acerca de um tópico ou de um acontecimento, então, na maioria dos casos, ele existirá apenas na nossa agenda pessoal ou no nosso espaço vivencial”.

Criticar não é apenas apontar algo como sendo bom ou ruim, deve-se ter um bom embasamento com critérios de julgamento que possam ser compreendidos pelo leitor.

⁸ Arquivos de áudio MPEG1 Layer III.

Antes de tudo, a crítica é um exercício comparativo, ela vai comparar sempre o objeto, uma música, por exemplo, a tudo aquilo que já foi feito dentro do gênero e fora dele. Para fazer um julgamento de valor, dizer se algo é bom ou ruim, deve-se, portanto, ter um conhecimento do que já existe. O valor, contudo, não está na música e nem na crítica em si, mas naquilo que surge a partir do que foi dito ou escrito pelo crítico, ou seja, na comparação. De acordo com Calabrese (1988),

Os valores, por outras palavras, não são considerados resumidamente como mais ou menos presentes neste ou naquele fenômeno, mas sim como atributos reflexivamente a cada manifestação discursiva, ou como atributos exteriormente a cada metadiscurso avaliativo. Por outro lado, cada juízo de valor, enquanto consiste num gesto de atribuição, contempla também um aspecto polêmico, ou seja, a rejeição da ou das atribuições concorrentes. Que se trata de atribuições de valores é testemunhado pelo próprio termo valor, que é necessariamente categorial, isto é, manifestação de uma polaridade, uma diferença. (p.35)

A partir dessa atribuição de valores, vai se formar no texto crítico o ato do gostar ou do não gostar. Conferir a um trabalho musical uma avaliação positiva é estar sintonizando os valores atribuídos a ele com um gostar daquele que o julga. Mas não apenas isso, avaliar positivamente uma música é selecioná-la diante de tantas outras e ter a capacidade argumentativa de justificar essa escolha.

Aquilo que com frequência chamamos ‘gosto’ é precisamente isto: a correspondência mais ou menos conflitual de valores presentes nos textos e metatextos; a sua homologação segundo ‘percursos’ específicos no seio do sistema de categorias; o eventual isomorfismo entre formas textuais e formas dos supracitados percursos (CALABRESE, 1988, p.37).

No exercício da crítica, entra não apenas o gosto daquele que julga, mas o gosto de quem está lendo a crítica, em um jogo de persuasão em que alguém tenta convencer outrem a ouvir, no caso da música, aquilo que considera de “bom gosto”. Normalmente, os

críticos são admiradores daquilo que se propõem a escrever, possuindo assim uma bagagem que os permitem falar com alguma autoridade. Apesar dos problemas já mencionados anteriormente pelos quais passa o jornalismo cultural, ainda se conservam algumas idéias de antes como a do crítico especializado. Dificilmente o leitor com algum conhecimento vai buscar um texto crítico de música feito por alguém não habituado a escrever sobre o assunto. O crítico, assim, cria laços com seus leitores e divide com eles um gosto em comum.

Mas a função do crítico também está atrelada hoje em dia ao trabalho do produtor. Ele vira uma espécie de consumidor ideal, medindo o que pode ou não agradar determinada platéia e servindo, portanto, como uma espécie de termômetro do mercado. Segundo Frith (1998), “(...) a autoridade do crítico está em seu conhecimento da audiência e suas necessidades e valores e isso, por sua vez, está em quem o crítico é”⁹ (p. 58). Como já vimos anteriormente, o jornalismo funciona como um campo social em que o profissional busca seu reconhecimento através do acúmulo de capital simbólico. No caso dos críticos, é importante frisar que esse acúmulo depende da construção de uma autoridade jornalística, ou seja, é preciso que o crítico seja procurado pelos leitores, que sua opinião seja essencial no momento de decisão da escuta ou não de um álbum, por exemplo.

Ao avaliar um disco ou uma banda de rock, independente do gênero ou subgênero, deve-se ter em conta como critério de julgamento se aquele produto realiza determinadas funções consagradas por quem gosta daquele tipo de música. E para chegar a uma conclusão como essa deve-se considerar o contexto em que está inserido o produto. Segundo Frith (1998), os julgamentos de valor possuem um contexto discursivo, ou seja, o tempo, o local, a sociedade, tudo isso influencia na formação de um gosto. O gosto não é, portanto, individual e nem estático. O rock (e seus diversos gêneros e subgêneros), por exemplo, é um fenômeno musical apreciado por um grupo de pessoas que pode ser maior ou

⁹ Tradução de Pedro Fernandes da Silva Neto em **Avaliação e música popular massiva: uma análise de críticas musicais publicadas em jornais impressos**. 2006. 52f. Monografia (Bacharel em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

menor dependendo da cidade ou país, mas ele nunca é isolado. Se alguém gosta de rock em Salvador, ele faz parte de um grupo de pessoas em diversas partes do mundo que dividem esse gosto, entrando, assim, em sintonia. Se nos anos 60, os *Beatles* surgiam como novidade, hoje não há um admirador do gênero que não os reconheça como ícones. Como resume bem Fernandes Neto (2006), “É das características de um determinado grupo localizado no espaço e no tempo que o gosto é formulado” (p.13).

O crítico não está sozinho quando escreve. Além de fazer parte, normalmente, da platéia a qual se dirige, os critérios que utiliza para seu julgamento nascem na sociedade a partir desse gosto partilhado de cada época. Assim, “o crítico, que divide com outros consumidores os mesmos gostos e valores de discriminação de produtos artísticos, torna-se um porta-voz, que tanto diz à indústria o que o público deseja quanto mostra ao público o que ele pode gostar ou não e porque” (NETO, 2006, p.21). A importância deste profissional no mundo do rock é muitas vezes maior do que simplesmente apresentar ao público o que se deve ou não escutar. O crítico, em seu papel também de fã, acaba assumindo a posição de criar e preservar uma comunidade com gostos diferenciados, ou seja, que fogem do lugar comum. Frith (1998) define assim esse potencial do crítico de rock:

Para a maioria dos críticos de rock, portanto, a questão no final é não apenas apresentar a música ao público, mas criar uma comunidade, organizando a união entre músicos seletos e uma parte do público igualmente seleta – selecionados por serem mais exigentes do que o consumidor comum de música pop. O crítico é, assim, um fã com a missão de preservar a qualidade dos sons, salvar os músicos deles mesmos, e definir a experiência ideal para os ouvintes.¹⁰ (p.67)

Complementando essa idéia, a crítica do rock, normalmente diferencia a música considerada boa do que está sendo feito e tocado massivamente, ou seja, quanto mais independente e não

¹⁰ Tradução nossa.

comercial, mais um crítico dará valor. É claro que a qualidade do produto ou artista também é de grande relevância, mas o fato de ser algo diferente da maioria é um critério importante para o crítico. Essa característica da crítica do rock é proveniente da própria formação dessa expressão, de se fazer notar pelo que é e não pela publicidade e pelos números de vendas de ingressos de shows e/ou do número de discos.

No trabalho de um crítico cultural é muito importante compreender as particularidades de cada gênero para avaliar o produto dentro de suas possibilidades, ou seja, um CD de jazz ou um show de forró devem seguir determinadas regras, como veremos a seguir, que fazem parte do gênero ao qual pertencem. Essas regras são como marcas que uma banda ou uma música de cada gênero deve possuir para agradar a seu público. Se as expectativas com relação a um determinado produto não são atendidas dentro do gênero do qual ele faz parte, provavelmente, a crítica será negativa e vice-versa. No próximo tópico, veremos um pouco mais sobre o conceito de gênero.

3. Os gêneros e o fenômeno *Rock and Roll*

A proposta do presente trabalho é analisar a situação do jornalismo cultural baiano voltado para o rock produzido localmente, ou seja, como o profissional da área fala do rock baiano e que espaço este tem reservado no jornalismo impresso local. Para melhor localizar o tipo de conteúdo sobre o qual estamos falando exatamente, é que propomos neste tópico trabalhar um pouco a idéia de gênero e, especificamente, do fenômeno rock. Antes de definirmos o que é este fenômeno, trataremos do conceito gênero musical, lembrando de sua importância para o trabalho de um jornalista cultural que escreve sobre música.

No dia-a-dia, a palavra gênero é usada frequentemente para diferenciar os tipos de produtos culturais que temos em mãos. O termo é usado, portanto, para diversos fins além da música, como no cinema, por exemplo. No caso específico da música brasileira, podemos

definir como gêneros distintos o *reggae*, o samba, o pagode, o forró, a *axé music*, etc. Mas o gênero musical vai muito além da mera qualificação do tipo de música. Ele diz respeito não só ao tipo de música, desde a sua sonoridade ao processo de produção, mas à maneira de ouvir essa música, a quem ela está direcionada e a todo o contexto em que se envolve. Além disso, devemos ressaltar que o gênero também está atrelado ao processo criativo dos artistas e bandas.

Janotti (2004) ressalta que os gêneros envolvem “regras econômicas (direcionamento e apropriações culturais), regras semióticas (estratégias de produção de sentido inscritas nos produtos musicais) e regras técnicas e formais (que envolvem a produção e a recepção musical em sentido estrito)” (p.192). Simon Frith (1998) cita mais duas regras não mencionadas por Janotti, mas que podem enriquecer o conceito: a regra comportamental, que diz respeito ao comportamento da audiência e dos músicos durante as performances e fora delas, inclusive as formas apropriadas de se ouvir determinado som, e as regras sociais e ideológicas, que se referem à “natureza da comunidade musical e sua relação com o mundo” (FRITH, 1998, p.93).

Ainda de acordo com Janotti (2004, p.195), o gênero musical é um traço fundante da produção de sentido da música popular massiva. É importante considerar que apesar de distintos, os gêneros possuem características em comum, como a busca de autonomia e autenticidade, além de cultivarem certos valores, sejam estéticos ou ligados a números, como vendas e audiência nos shows, por exemplo. Para alguns, é mais importante ser reconhecido pela crítica, para outros vender mais ou ser mais criativo.

Outro aspecto importante do gênero musical é que ele é usado principalmente pelo mercado fonográfico, ou seja, pelas grandes lojas e gravadoras para definir que tipo de público pretendem alcançar ou para facilitar a vida do consumidor no momento de compra de um produto musical. A “rotulação” acaba sendo necessária, mesmo que nem sempre o artista

concorde em ser classificado em tal gênero. Ser encaixado em um determinado tipo de música é seguir padrões e caminhos já seguidos anteriormente por outros artistas.

No rock, esses rótulos são, inclusive, bastante confusos, pois, atualmente, existem diversos gêneros e subgêneros que surgiram do fenômeno original *Rock and Roll*. Por causa disso, resolvemos caracterizar o *Rock and Roll* em nosso trabalho não apenas como um gênero musical, mas como uma “expressão processual” (Janotti, 2003, p.19) ou, segundo Grossberg (*apud* Janotti, 2003, p.19),

rock refere-se ao âmbito do pós-guerra, jovem-orientado, tecnologicamente e economicamente mediado pelas práticas musicais e seus estilos (...) Falar do rock como uma formação demanda que nós sempre localizamos práticas musicais em um contexto de um complexo quadro de relações com outras práticas sociais e culturais; daí eu descreverei o rock como uma cultura antes de descrevê-lo como uma prática musical.

Apesar dessa definição, consideramos aqui que o rock é construído e reconstruído desde o seu surgimento nos anos 50 do século passado até os dias atuais. O rock de hoje, por exemplo, não projeta mais uma vivência alternativa, como na sua forma de origem. Segundo Janotti (2003), o rock “é um modo de sobrevivência dinâmica que propicia alguns ancoradouros em meio às incertezas da cultura contemporânea” (p.24). Não só devido à passagem de tempo, mas as diferentes localidades em que se encontram as pessoas também proporcionam identificar traços diferentes em um conjunto maior de acepções do rock. De acordo com Janotti,

Ser roqueiro em Nova Iorque, Salvador Tóquio ou São Paulo está envolto na assunção de traços globais, que permitem o reconhecimento do rock, mas, ao mesmo tempo, envolve especificidades ligadas às pressões culturais da musicalidade, do mercado e dos espaços normativos regionais. (2003, p.23)

Nos anos 70 e 80, segundo Brandini (2007, p.13), o rock possuía algumas divisões, mas era mais simples classificar quando a música era ou não rock. Foi durante a década de 80 que o processo de fragmentação em diferentes gêneros e subgêneros aumentou, e dos anos 90 aos dias atuais nem sempre é fácil diferenciar o que é rock e que tipo de rock está sendo feito. No Brasil, o rock ganhou a alcunha de Rock Brasileiro ou BRock¹¹, chamado também de rock tupiniquim (JANOTTI, 2003). Como vimos antes, “o processo de rotulação e definição de um gênero ou estilo musical diz respeito a aspectos expressivos dos produtos, de sua relação com os suportes midiáticos, de suas condições de produção e reconhecimento e do modo como ele pressupõe suas estratégias de leitura” (FRAGA, 2007, p.3). Assim, o rock brasileiro vai muito além do fato de ser feito por brasileiros, cantado em português ou ter influência da música popular brasileira. Sem nos alongar nesta definição, ressaltamos que a prática musical do rock em Salvador também passa por uma divisão de gêneros, mas muito do que é feito pode ser considerado como parte do gênero Rock Brasileiro.

3.1 Rock Baiano – Cena independente

O rock em Salvador nunca foi considerado uma música de grande sucesso comercial, no sentido de estar nas rádios, na televisão, lotar os shows e ter milhares de fãs, independente do gênero tocado. Algumas bandas conseguem reunir públicos razoáveis, mas, atualmente, a platéia roqueira costuma ser de no máximo duzentas pessoas, quando o ambiente suporta esse número. Mas por que o rock aparece constantemente nos jornais (como pudemos observar ao longo da pesquisa)? Se a indústria fonográfica, incluindo as gravadoras, influenciam tanto a imprensa musical, como nos outros campos da cultura, e estando o rock baiano à margem dessa indústria, o que tem ele de especial para estar nos jornais

¹¹ Expressão criada por Artur Dapieve em Brock – o Rock Brasileiro dos Anos 80.

constantemente com matérias relativamente grandes, sem contar as notas curtas, a presença no roteiro ou agenda cultural e as críticas de lançamentos?

Apesar de estar à margem do *mainstream*, o rock está presente na cultura local desde a década de 60. Inicialmente, como veremos a seguir, sob a forte influência dos grupos estrangeiros, apresentando pouco ou nenhum trabalho original. As bandas que surgiam tocavam geralmente versões do que se ouvia nos Estados Unidos e Inglaterra, principalmente. Mas pode-se falar que existiu e ainda existe uma cena de rock na Bahia se pensarmos na definição de cena musical. Segundo João Freire Filho (2005),

a metáfora espacial de cena musical foi apropriada – de forma mais sistemática e teoricamente refinada – por sociólogos, geógrafos e antropólogos interessados em descrever e analisar espaços localizados de produção e consumo cultural (notadamente, musical), sinalizando a possibilidade de construção de alianças que escapam às disputas tradicionais pela hegemonia.(p.4)

Assim, os mais diversos gêneros e subgêneros do rock experimentados pelos grupos soteropolitanos funcionaram e, assim ainda o fazem atualmente, como uma atualização desses mesmos gêneros e subgêneros pelo mundo, guardando com eles semelhanças e particularidades locais. Gêneros como *heavy metal*, *surf music* e o próprio rock brasileiro convivem, mas não disputam, com as outras cenas locais, como a *axé music*, o pagode e o forró, buscando seu espaço entre o público soteropolitano. A noção de cena, segundo Freire Filho, permite compreender todo o contexto que envolve um gênero em um local específico. Ela seria a localização do gênero em um determinado contexto urbano, envolvendo as práticas, ambientes freqüentados, dinâmicas identitárias dos grupos, etc. Além, é claro, das relações com o próprio contexto, ou seja, com os elementos históricos, sociais e econômicos do lugar em que a cena se encontra.

Não muito procurado por grandes empresários e gravadoras, o rock baiano permaneceu ao longo destes anos em uma espécie de segundo plano, buscando sempre uma “aresta” nos momentos em que era possível se destacar do que estava sendo feito na cidade. A banda *Camisa de Vênus*, por exemplo, que fez sucesso nacional nos anos 80, foi parte de uma movimentação intensa por todo o Brasil que fez surgir diversas bandas de rock. Foi em um momento em que a *axé music* e a indústria do carnaval ainda estavam surgindo e não havia nenhum grande destaque da música baiana. Nessa década, com a *Camisa de Vênus*, *Gonorréia* e outras bandas, as quais veremos adiante, se firmou a cena de rock local e é com altos e baixos que ela se mantém até os dias atuais.

Até a década de 90, as dificuldades para se formar uma banda e levá-la a um público nacional eram maiores. Nos anos 60, por exemplo, o alto custo na fabricação dos discos de vinil, a centralização dos meios de comunicação de massa e a dificuldade de distribuição dos discos eram empecilhos para se formar uma banda independente que fosse reconhecida nacionalmente. Era necessária uma ligação com as gravadoras para que a música fosse distribuída e conhecida pelos consumidores. Já nos anos 70/80, normalmente o que se tinha era um circuito alternativo conhecido por aqueles que o freqüentavam e a divulgação de um trabalho feito pelo “boca a boca” ou através de gravações simples em fitas cassetes sem grandes preocupações com a qualidade do som. Mas a partir dos anos 90, começa a surgir no rock brasileiro, entre o *mainstream* e o *underground*, um “circuito médio” (FRAGA, 2007) que se desenvolve realmente nos anos 2000. De acordo com Brandini (2007),

(...) o rock dos anos 90 reorganizou valores e padrões musicais e comportamentais. (...) Em vez de tentar derrubar o sistema, as novas gerações buscam enganá-lo mediante a inovação das relações de produção e de mercado do rock. Graças à evolução da tecnologia de produção e à conseqüente redução dos custos dos equipamentos sonoros, os anos 90 concretizaram a democratização tecnológica iniciada décadas antes, promovendo o acesso de grupos marginalizados ao universo da produção musical. (p.9)

No início da década de 90, se esboçava o surgimento desse circuito independente. As novidades tecnológicas surgidas ao longo desses anos, o surgimento e proliferação de selos e gravadoras independentes e canais de tv como a *MTV* já davam chance a pequenas bandas de fazerem um trabalho mais sério, tendo, inclusive, espaço para divulgá-lo. Porém, é no final dos anos 90 e início de 2000 que, a partir da Internet como meio de divulgação e do surgimento do formato de música compactado mp3, que o circuito alcança uma maturidade. Outras facilidades também podem ser acrescentadas como: o contato maior das bandas com público e bandas de outras cidades, além de organizadores de festivais; a facilidade e baixo custo na gravação de um videoclipe; e a possibilidade de contato com gravadoras a partir do material disponível na Internet. “Assim, no circuito intermediário dos anos 00, circulam grupos que, ao mesmo tempo, lançam discos por gravadoras, têm videoclipes veiculados pela MTV, circulam em espaços alternativos, e disponibilizam suas canções na rede” (FRAGA, 2007, p. 15).

Atualmente, portanto, o que temos em Salvador e que verificamos durante o processo de pesquisa é uma cena atuante e independente. Não podemos considerá-la uma cena homogênea já que, como veremos, ao longo da história do rock baiano sempre houve muitas divisões entre os gêneros. O *heavy metal*, por exemplo, pode ser considerado como uma cena a parte das demais. Há também divisões entre classes sociais, ou seja, bandas de classe média, que circulam pelos bares e casas de shows da orla e bandas cujos integrantes são de classe mais baixa, dificultando assim adquirir equipamentos de qualidade e investir na produção. Nem todas as bandas fazem parte, portanto, desse circuito médio independente, mas veremos adiante que as que estão inclusas nele são as que mais se destacam no jornalismo musical baiano.

3.1.1. História

O rock na capital baiana sempre esteve em segundo plano. Com exceção de alguns poucos grupos que se destacaram e lotaram shows na cidade, como o *Camisa de Vênus*, o movimento das bandas, músicos e fãs do estilo musical, independente do gênero, foi ligado desde o início a um número razoavelmente pequeno de pessoas, com alguns momentos de maior valorização. Revendo um pouco da história do rock na Bahia, mais especificamente em Salvador, vemos que muitos de seus participantes ainda têm ligação com o mundo da música, mas em outros gêneros como o *jazz*, o *blues* e a *axé music*, por exemplo. Nos anos 60, já se encontravam em Salvador sinais do fenômeno *rock and roll* que se instaurava no resto do mundo. De acordo com o jornalista Zezão Castro em artigo publicado para o jornal *A Tarde*¹²,

Quando o rock chegou à Bahia não foram exatamente os requebros de Elvis que provocaram a ruptura, pois rebolado aqui nunca espantou ninguém. A primeira descarga elétrica, por assim dizer, se deu quando o filme 'Sementes da Violência' (Blackboard Jungle, 1955), de Richard Brooks, foi exibido em Salvador. Cinemas foram depredados pela adrenalina dos bad boys. Na trama, os estudantes assumiam o controle da escola, ao som de Bill Haley, que fazia o papel dele mesmo cantando a clássica Rock Around The Clock.

Neste início, as primeiras tentativas dos adolescentes em formar bandas surgiam mais como brincadeira e poucas se levavam a sério. Os repertórios contavam praticamente com versões em português dos sucessos internacionais, o que era feito a nível nacional pela *Jovem Guarda*. Raul Seixas, ícone do rock baiano e brasileiro, iniciou sua carreira nesta época com o grupo *Os Relâmpagos do Rock*. Raulzito, como ficou apelidado, reunia-se com amigos como Waldir Serrão para ouvir programas na rádio que tocava Elvis e Paul Anka, dentre outros. Raul Seixas foi um dos primeiros a tentar divulgar o rock na Bahia,

¹² Não sabemos a data em que foi publicado. O texto “A história do rock baiano, celeiro do gênero desde os anos 60” está disponível em <http://www.senhorf.com.br/revista/revista.jsp?codTexto=1389> que foi acessado em 22 de abril de 2008.

lançando, inclusive, o primeiro fã-clube brasileiro de Elvis Presley. Já Waldir Serrão foi um dos locutores do primeiro programa dedicado ao rock na Rádio Cultural, “Só para Brotos”, e também criou a banda *Serrão e seus Cometas* em 1957. O grupo *Os Mustangs* foi outro destaque na época, apresentando sucessos de Elvis, *Beatles* e Roberto Carlos, além de *Raulzito e Os Panteras*, segunda banda de Raul Seixas, *The Gentleman*, com Pepeu Gomes, dentre outros. O cinema Roma era o principal palco para essas pequenas bandas do cenário rocker baiano, além dos programas de auditório da tv *Itapoan*, que entrou em decadência no final da década de 60.

Os programas de rádio e as revistas eram os principais divulgadores do que estava sendo lançado nos Estados Unidos e Inglaterra, principalmente. Mas como vimos anteriormente, as publicações nacionais tinham vida curta e conseguir revistas internacionais como *Rolling Stone* e *Melody Maker* não era muito fácil, assim como o acesso aos discos lançados.

Apesar de fazer parte do imaginário do rock local, Raul Seixas precisou sair de Salvador para atingir o reconhecimento nacional. Primeiramente com a banda, já mencionada, *Os Panteras*, Raul foi com os seus integrantes para o Rio de Janeiro, a convite de Jerry Adriani, onde lançaram um LP, mas, não obtendo muito sucesso, os rapazes voltaram à Bahia. Raul Seixas acabou retornando ao Rio a convite de Evandro Ribeiro, diretor da gravadora CBS, para trabalhar com produção musical. Em 1971, lançou com Sérgio Sampaio, Edy Star e Mirian Batucada o disco que lhe traria mais tarde o reconhecimento, *Sociedade da Grã-Ordem Kavernista Apresenta Sessão Das 10*.

Nesta época, final da década de 60 e início de 70, com o surgimento do Tropicalismo, o rock nacional toma um novo rumo. Elementos da música brasileira são inseridos na mistura com influências estrangeiras. Gilberto Gil, Caetano Veloso e a turma dos *Novos Baianos* ganharam o Brasil, assim como Raul Seixas com o hit *Gita*, dentre outros, que

o tornaram o maior roqueiro brasileiro da década de 70. A oportunidade do músico surgiu no VII Festival Internacional de Canções, da Rede Globo, em que classificou as músicas *Let Me Sing*, *Let Me Sing* e *Eu sou eu, Nicuri é o Diabo*, transformando o produtor em cantor e compositor reconhecido. Em Salvador, o Instituto Cultural Brasil – Alemanha (ICBA) ajuda na divulgação dos trabalhos de grupos como *Mar Revolto*, mais popular banda de rock da época na Bahia. Inicialmente, eles tocavam apenas sucessos do momento, mas depois incluíram no repertório composições próprias. Em 1979, o grupo gravou aquele que seria o quinto disco independente do país. Silvio Palmeira, primeiro cantor da banda foi responsável pela abertura do Circo Relâmpago, um espaço de shows muito importante para o rock baiano, principalmente na década de 80. Também muito usado como espaço de shows de rock na época era o Teatro Vila Velha, em que grupos como *Os Cremes* e a *Banda do Companheiro Mágico* tocavam.

No início da década de 80, época em que o mercado musical brasileiro estava estagnado, programas de rádio locais influenciaram muito o surgimento de novas bandas e a movimentação do rock na Bahia. *Rock Special*, apresentado por Marcelo Nova, futuro vocalista do *Camisa de Vênus*, *Sessão Maldita*, de Gutemberg Cruz, e o *New Rock* da rádio Transamérica, além das rádios clandestinas e de programas menos cultuados, revelavam novos nomes do circuito baiano e divulgavam os principais nomes do rock nacional e mundial daquele momento. Para as performances ao vivo, espaços como o já citado *Circo Relâmpago*, na Pituba, e o circo *Troca de Segredos*, em Ondina, abrigavam festivais e shows com bandas locais e nacionais.

Nacionalmente, o momento era propício para o estouro do rock. Segundo Janotti (2003, p. 83), “um panorama musical desse período pode ser traçado a partir dos festivais de MPB da TV Globo, organizados pela rede de tv e pela Associação Brasileira de Produtores de Discos na tentativa de ver surgir alguma novidade que alavancasse a venda de

discos”. Além disso, o rock dominava o *hit parade* no cenário mundial, facilitando que o fenômeno ocorresse também nacional e localmente. Foi nesse contexto que nos anos de 1982 e 1983 despontaram bandas, como *Camisa de Vênus* em Salvador, que atingiram reconhecimento por todo o país. A partir daí, muitos jovens resolveram seguir o mesmo caminho e, assim, festivais locais foram realizados com frequência, dando chances a grupos como *Espírito de Porco*, *Delirium Tremens* (que virou depois *14 andar*), *Trem Fantasma* e *Gonorréia*, dentre outros, de mostrarem seus trabalhos. O *Camisa de Vênus* estourou não apenas em Salvador, ele fez bastante sucesso nacionalmente e figura hoje como uma das importantes bandas desta década em que o rock brasileiro se consolidou. Em 1987, o grupo se desmanchou, mas já retomou as atividades algumas vezes com outras formações, inclusive esteve em turnê durante o ano passado. Além disso, Marcelo Nova, vocalista, possui uma carreira solo, dentre outros projetos.

Os anos 80 caracterizam-se também por ser a época em que o movimento *punk* estava muito forte pelo Brasil e as bandas tendiam para a rebeldia com letras inconformadas com a realidade, shows com protestos e às vezes algumas brigas. Brandini (2007) explica um pouco sobre esse movimento e seus adeptos: “A união e interação dos punks em torno da ideologia se evidenciava nas práticas cotidianas do grupo, no consumo de produtos elaborados por seus membros (música, roupa) e nos locais que freqüentavam” (p.15). Segundo ela, “a recusa ao consumo da produção em massa, orientada pela oposição burguesa e à indústria cultural” representava a resistência adotada por aqueles que se consideravam punks.

Além das bandas já citadas, ao longo da década de 80, outras menos conhecidas também surgiram em Salvador e buscaram espaço entre os adeptos do movimento. Elas tocavam juntas em encontros chamados de “gigs” na segunda metade dos anos 80. A influência do movimento punk com sons mais violentos e protestos era maior do que a preocupação com a qualidade do som. *AI-5*, *Dissidentes*, *Proliferação*, *Via Sacra* e *Dever de*

Classe eram alguns desses grupos. Nessa época, se formava uma divisão clara no rock baiano feito em Salvador entre as bandas de subúrbio que tocavam mais em seus bairros e as bandas consagradas pela classe média, concentradas no circuito da orla, repetindo a divisão social que existe até hoje na cidade. O grupo *AI-5* mencionado acima é um dos exemplos de grupos de periferia, apesar de ter alcançado um *status* maior do que muitos outros. Segundo Ednilson Sacramento (2002),

O rock baiano historicamente esteve dividido em duas categorias de bandas. Um grupo era representado por conjuntos de jovens de classe média com estrutura e recursos para adquirir instrumentos e ensaiar em bons estúdios, além de quase sempre contar com carros da família para transporte (...) Por outra parte, figuram as bandas proletárias, criadas com a cara e a coragem, sem condições de gozar dos aparatos de estúdio ou até bancar uma fita de demonstração.(p.147)

A banda *Não é uma* que resiste até os dias de hoje nesse segmento do rock “proletário” sem muitos recursos e tocando nos pequenos festivais de bairros periféricos da cidade. A *Injúria* e a *Ulo Selvagem* são também bandas que surgiram no final da década de 80, início de 90, e destacaram-se apesar das dificuldades. Além dessa divisão, existente até hoje, houve na década de 80, a partir do sucesso do *Camisa de Vênus*, uma separação clara entre as bandas mais fundamentalistas do punk e outras que buscavam uma profissionalização, uma maturidade dentro do rock. *Ramal 12*, *Flores do Mal*, *Tony e os Sobreviventes*, *Elite Marginal*, *Circvs*, *Rabo de Saia*, dentre outras, fazem parte desse segundo grupo. Eram bandas formadas por músicos que até hoje circulam na cena baiana, tinham músicas em coletâneas, como a *Conexão Bahia* lançada em 1989, e algumas, inclusive, chegaram perto de assinar contrato com grandes gravadoras.

Outra divisão importante no cenário rocker baiano é entre alguns gêneros como o *heavy metal* e o *hard rock* e os outros gêneros. Ela, na verdade, repete-se em diversos locais, configurando-se como um fenômeno mundial. Esses gêneros dificilmente, com exceção desse

início em que atingiu relativo sucesso, destacam-se como *mainstream* no cenário musical. Segundo Brandini(2007), o *heavy metal* surgiu mundialmente com a decadência da música psicodélica dos anos 60 em bandas como *Blue Cheer*, *The Yardbirds* (futura *Led Zeppelin*) e *Iron Butterfly*. Suas principais características já se destacavam como o culto à guitarra solo e a ênfase no efeito tecnológico e no virtuosismo musical, dentre outros. No Brasil, o gênero, juntamente com o movimento punk, desenvolveu-se nos anos 80, tendo explodido no primeiro Rock in Rio, realizado em janeiro de 1985.

Em Salvador, o *heavy metal* e seus subgêneros construíram e mantêm até hoje uma cena própria com público, festivais e casas de shows distintos das outras bandas locais. Também possui uma ligação mais forte com a cena internacional, fazendo com que algumas bandas cheguem a fazer mais sucesso lá fora do que na própria cidade de origem. A maioria dos grupos se diferencia das outras bandas de rock da cidade por cantarem em inglês e fazerem um som mais pesado com letras voltadas a temas como terror, Idade Média, satanismo e misticismos. A banda *Zona Abissal* foi uma que começou logo na década de 80 e gravou o primeiro trabalho independente de *heavy metal* na Bahia. Dessa época também se destacaram *Krânio Metálico*, *Mystifier* e outras surgidas nos anos 90 como *Shadows*, *Blackness* e *Slow*. A *Headhunter DC* foi criada em 1987 e comemorou em 2007 vinte anos de existência, comprovando que essas bandas possuem um público fiel e resistem muito tempo, mesmo sem atingir o *mainstream*.

De acordo com Brandini (2007), os anos 90 são marcados no rock mundial por uma fase de declínio do radicalismo de movimentos como o *punk* e da segmentação extrema das tribos dos anos 80. Além disso,

Com o enfraquecimento do radicalismo comum nos anos 80, o rock da década seguinte representou o início de uma era em que, ao invés da demonstração de poder do grupo, a temática voltou-se para a representação individualista da fragilidade, da desilusão e de problemas que acometem os fãs.(2007, p.26)

No Brasil, de acordo com Janotti (2003), na virada da década de 80 para 90, apesar de algumas bandas estarem consolidadas no *cast* das grandes gravadoras, “a onda sertaneja e posteriormente *axé music* acabaram por minimizar o interesse das gravadoras pelas novas bandas locais” (p.96). Apesar disso, Salvador viu surgir e crescer, principalmente na segunda metade da década de 90, muitas bandas de rock que rendem até hoje bons frutos para a cena local. O *blues* foi um gênero que se destacou com bandas como *Álvaro Assmar & Mojo Blues Band*, *Talkin’ Blues* e a cantora Clara Ghimel. O rock ganhou espaço no Carnaval com a criação do *Palco Rock* pela Associação Cultural Clube do Rock (ACCR), formada em 1991, e novas coletâneas foram gravadas. *Maria Bacana*, *Úteros em Fúria*, e *The Dead Billies*, além da *Dr. Cascadura e brincando de deus*, remanescentes até os dias atuais, e a *Saci Tric*, que tinha como vocalista Ronei Jorge, foram alguns dos grupos de mais sucesso. A vocalista da banda *Inkoma*, Pitty, e a banda *Penélope Charmosa* devem ser mencionadas com destaque, pois saíram do circuito local para um reconhecido trabalho nacional. A primeira é considerada hoje como a maior cantora da nova geração de rock do Brasil, juntamente com sua banda cujos integrantes participaram de vários grupos em Salvador. Já a segunda acabou, mas teve um bom reconhecimento no final da década de 90 e início de 2000. A vocalista segue com outros projetos.

É necessário pontuar aqui que, mesmo com tantas dificuldades, o rock baiano periodicamente desponta na cena nacional. Apesar de Pitty ter atingido um sucesso maior do que outros grupos que tentaram sair da Bahia, a cantora, juntamente com sua banda, não é um caso isolado. Na busca de um reconhecimento nacional de seus trabalhos, muitos grupos saem da cena local para gravações no Sudeste do país, principalmente no eixo Rio-São Paulo. *Camisa de Vênus*, *Maria Bacana* e *Úteros em Fúria* foram alguns que conseguiram obter certo êxito, ainda em uma época que não havia as facilidades de hoje, como a Internet. É claro

que nenhum desses casos se compara ao de Raul Seixas, que hoje é um ícone do rock brasileiro.

Do final da década de 90 para cá, como já vimos, a cena independente passou por um processo de amadurecimento. A Internet facilitou bastante esse processo e as bandas têm mais recursos para divulgar seus trabalhos, produzindo não só músicas, mas clipes e DVDs de shows. Atualmente, a cena conta com grupos que no início dessa década já estavam se formando ou já existiam, como *Berlinda*, *Radiola*, *Lampirônicos*, *Retrofoguetes*, *The Honkers*, *Lou*, *Capitão Parafina* e os *Haoles*, *Los Canos*, *Vinil 69*. Algumas destas bandas, presentes inclusive em matérias de nossa pesquisa, já encerraram suas carreiras como a *Brinde*, por exemplo. E outras bandas mais novas, que surgiram nos últimos quatro anos, também movimentam a cena: *Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta*, *Cof Damu*, *Demoiselle*, *Theatro de Seraphin*, *Sangria*, *Starla*, *Pessoas Invisíveis*, *Matiz*, *Formidável Família Musical*, *O Círculo*, *Os Irmãos da Bailarina*, entre outras. A *Dr.Cascadura*, conhecida hoje apenas como *Cascadura*, é o grupo com maior destaque. Com 15 anos de formação e após ter lançado seu quarto trabalho, *Bogary*, alcançou um bom reconhecimento de público e crítica locais.

Antes de partirmos para a análise, devemos destacar alguns pontos importantes. A cena de rock baiana, como consideramos em nosso trabalho, é apenas uma. Mas atentamos aqui que esta foi uma maneira de simplificarmos a análise, colocando diferentes gêneros e subgêneros do rock em uma mesma cena, por se tratar de um trabalho que utiliza como material de pesquisa jornais impressos locais, priorizando assim a cena do ponto de vista do lugar em que está inserida, ou seja, Salvador. Decidimos trabalhar, portanto, com textos que abordassem qualquer uma das bandas citadas acima e outras menos conhecidas, mas que não deixam de fazer parte da cena, além de bandas do *heavy metal* e outros gêneros que como já falamos, podem ser consideradas cenas à parte.

Outros grupos já citados, como *Lampirônicos* e *O Círculo*, estão presentes no levantamento de matérias da nossa pesquisa, mas, apesar de encaixadas aqui no rock baiano, seguem um caminho um pouco diferente, sendo consideradas muitas vezes como “pop rock”. Deixaremos essa questão dos limites entre uma banda de rock ou “pop rock” para um futuro trabalho. O que importa aqui é que essas bandas fazem parte da cena, tocando nos mesmos locais e tendo características muito próximas, como o fato de serem independentes.

Em outros casos de artistas da década de 80, como a banda *Camisa de Vênus* e o cantor Marcelo Nova, além de mais recentes como a cantora Pitty, não levamos em consideração aqui as matérias em que eles estão presentes como assunto principal. A percepção do jornalista local quanto a bandas e artistas do rock baiano que fazem sucesso nacional é diferente. O fato de fazerem sucesso Brasil afora já garante uma valoração positiva ao trabalho deles, o que acaba influenciando no momento de fazer uma crítica a um novo álbum lançado. Já artistas como Paulinho Oliveira, que tocaram em bandas da geração de 80, mas não se lançaram nacionalmente estão presentes em nossa pesquisa por ainda terem trabalhos vinculados ao rock local.

4. Análise

A presente monografia tem como um dos seus objetivos, já mencionados na introdução, analisar ao longo do ano de 2007, como foi tratado o rock baiano pelos jornais impressos locais. O espaço que foi dado a ele, que bandas foram citadas, qual foi o tipo dos textos encontrados e como foi abordado o tema são algumas de nossas questões. No desenvolvimento do trabalho, percebemos que o jornalismo musical e, conseqüentemente, o de rock, possui atualmente e na sua história dois formatos mais utilizados: a revista e, hoje em dia, a Internet. Esses são os meios mais recorrentes, porém não são os únicos. Para a nossa análise, esses meios não foram utilizados já que encontramos algumas barreiras que nos

impossibilitaram de lidar com eles. A primeira barreira é que não existem em Salvador publicações maiores sobre jornalismo musical com o formato de revista. Alguns fanzines foram escritos ao longo da história do rock local, mas atualmente nada que pudesse ser objeto de nossa análise, inclusive pelo fato de que os fanzines são escritos normalmente por fãs e a nossa intenção era trabalhar com textos jornalísticos.

Sobre a não utilização da Internet como objeto de nossa análise, tivemos alguns motivos. Inicialmente, pensamos em utilizá-la, mas nos defrontamos com a dificuldade de encontrar uma boa quantidade de material jornalístico. Foi a partir da Internet, principalmente, que se formou e amadureceu, como vimos, o circuito médio independente da música. Mas ela tem sua grande importância hoje para o rock local, principalmente como forma de divulgação do trabalho das bandas, das músicas, clipes e eventos a serem realizados. A utilização da rede é feita principalmente através de *sites* como *Palco MP3*¹³, *Trama Virtual*¹⁴, *My Space*¹⁵, dentre outros que abrem espaço para divulgar as músicas, informações gerais sobre as bandas, vídeos de performances ao vivo ou clipes, dentre outros. Há também os *blogs*, inclusive alguns escritos por jornalistas como o *El Cabong*¹⁶, de Luciano Matos, e o *Rock Loco*¹⁷, de Chico Castro Jr., além de *sites* como o *iBahia*¹⁸ e o *Bahia Rock*¹⁹. O *Bahia Rock* é o *site* mais representativo do rock local, onde a maioria das bandas procura divulgar seus trabalhos. Os textos, porém, são, em sua maioria, informativos e não-jornalísticos, com exceção de algumas contribuições como a coluna do jornalista Luciano Matos.

Já o *iBahia* criou em seu portal o link *iBahia Rock*. A idéia de divulgar o rock baiano dentro de um grande portal parece bem válida, já que o *iBahia* assim como o *Correio da Bahia*, pertence ao maior grupo de comunicação local, a Rede Bahia. Porém, ao tentarmos

¹³ <http://palcomp3.cifraclub.terra.com.br/>

¹⁴ <http://tramavirtual.uol.com.br/>

¹⁵ <http://www.myspace.com/>

¹⁶ <http://nemo.com.br/elcabong/>

¹⁷ <http://rockloco.blogspot.com/>

¹⁸ <http://www.ibahia.com.br>

¹⁹ <http://www.bahiarock.com.br>

incluir o material em nosso trabalho, percebemos que não há atualizações há algum tempo, sendo os textos mais atuais do início de 2007.

Os textos de um *blog* ou um *site* como o *Bahia Rock* podem ter tanta qualidade quanto o trabalho de um jornalista cultural, mas o fato de excluir a mídia on-line do nosso trabalho não tem relação com a qualidade do que é publicado. A nossa intenção é analisar o trabalho do jornalista, atuante no mercado em sua área, ou seja, que trabalhe em grandes veículos locais, como os jornais *A Tarde* e *Correio da Bahia*. Além disso, o público que procura na Internet informações sobre o rock baiano não é exatamente o mesmo público de um jornal como o *A Tarde*, por exemplo. O público de um jornal é mais diversificado, e também faz parte da nossa análise tentar compreender como um caderno cultural lida com um movimento considerado alternativo como o rock local, que atinge em seus eventos uma parcela muito pequena dos consumidores de bens culturais da cidade.

Para a realização da pesquisa dos meios impressos, portanto, três cadernos dos dois maiores jornais²⁰ produzidos em Salvador foram escolhidos: o *Caderno 2*, publicado diariamente, incluindo a versão *Fim de Semana*, publicada às sextas-feiras, e o caderno *Dez!* do jornal *A Tarde*, além da *Folha da Bahia*, do jornal *Correio da Bahia*. O jornal *A Tarde* possui, além do *Caderno 2*, mais dois suplementos que podem ser considerados culturais: o caderno *Cultural*, que é publicado apenas aos sábados, e a *Revista da TV*, publicada aos domingos. A *Revista da TV* é praticamente toda voltada para a programação desse veículo de comunicação e o caderno *Cultural*, apesar de trazer matérias sobre música, se prende a temas mais eruditos ou trata de temas leves de forma mais acadêmica. Os tipos de texto publicados neste caderno são, em sua maioria, ensaios e artigos. Como bem coloca Piza (2003),

Os cadernos semanais (...) quando não cedem para o estilo jornalístico dos cadernos diários, esquecendo que sua função seletiva deve ser exercida com

²⁰ Segundo o departamento de marketing do jornal *A Tarde*, de segunda a domingo, o periódico possui cerca de 740 mil leitores. Já o *Correio da Bahia*, no mesmo período, possui um público de cerca de 83 mil leitores.

mais fundamentação ainda, estão presos ao esquema das resenhas encomendadas a professores universitários, que não raro pecam pela escrita burocrática e lenta, com excesso de jargões e falta de clareza. É possível, primeiro, falar sobre esses nomes e temas com um tratamento menos pomposo e insosso e, segundo, partir para outras faixas do repertório cultural, incluindo áreas de grande interesse popular.(p.53)

O problema aqui não é o caderno em si e nem a maneira como os textos são escritos, mas sim a ausência de temas mais populares como o rock baiano, que é o objeto de nossa análise. Essa colocação de Piza (2003) serve apenas como argumentação para a nossa justificativa da não-utilização do caderno *Cultural*, não sendo assim uma crítica direta ao suplemento, mas uma observação geral em relação aos cadernos culturais semanais.

Já o *Correio da Bahia*, além do caderno *Folha da Bahia*, possui três suplementos que podem ser considerados culturais: o *Folia*, publicado às quintas-feiras, o *Bazar* e o *Correio TV*, ambos publicados aos domingos. O último tem como assunto, assim como a *Revista da TV*, do jornal *A Tarde*, a televisão e sua programação, seja ela aberta ou fechada. Portanto, não interessa para o nosso trabalho. O *Bazar* é um caderno que pode ser considerado cultural, principalmente devido às mudanças no conceito do jornalismo voltado à cultural, que já não aborda exclusivamente assuntos ligados às artes tradicionais ou à indústria cultural, como cinema, música, teatro, dança, artes plásticas, etc. Os temas abordados por ele são basicamente moda, gastronomia e estética. A música foi assunto apenas em algumas notas da seção *Contracapa* durante o ano de 2007, mas nada muito significativo para nossa pesquisa. Já o suplemento *Correio Folia*, é praticamente todo voltado para música. Porém, ao longo da pesquisa, percebemos que o rock local pouco é abordado (ao todo, foram encontradas cerca de seis notas informativas anunciando algum show que envolvia bandas do circuito rock), prevalecendo os gêneros mais consumidos na Bahia, como *axé music*, forró e pagode. Além disso, os textos são mais informativos e referem-se principalmente à vida das celebridades, além dos eventos a serem realizados.

4.1 Os Cadernos

4.1.1 Caderno 2

O *Caderno 2* do jornal *A Tarde* surge na década de 80, como um caderno de variedades publicado aos domingos. Foi somente no início dos anos 90 que o Caderno virou diário. Segundo Garrido (2002), Suzana Varjão que foi editora durante quase toda a década de 90, tendo entrado em 1991,

foi a responsável por várias das reformas no *Caderno 2* que, até meados da década de 1990, franqueava seu espaço a uma série de matérias sobre temas diversos à cultura, como colunas militares, de religião, judiciárias, de atos administrativos etc. A última reforma no *Caderno 2* foi no ano 2000, que modificou a parte gráfica e a exploração de fotografias, e redirecionou a linha editorial para a ênfase na prestação de serviço e informações de agenda cultural.(p.70)

Atualmente, o *Caderno 2* circula diariamente e possui uma versão maior que circula nas sextas-feiras chamada *Fim de Semana*. A estrutura do suplemento em 2007, ano escolhido para a nossa pesquisa, continua sendo a mesma em 2008. Ele é formado diariamente, com exceção da sexta-feira, por oito páginas e transparece em suas seções muitos dos problemas do jornalismo cultural atual que discutimos anteriormente. Alguns deles são: a presença forte da agenda cultural ocupando três páginas inteiras com programação de cinema (*CineCartaz*), programação de eventos ligados à música, dança, teatro e exposições (*Agende-se*), além de televisão (seção *Hoje na TV*); uma página inteira ocupada por passatempos, quadrinhos e astrologia; o espaço das matérias encurtado pela publicidade e colunas sociais; a pouca presença da crítica no geral.

Na edição de sexta-feira, o caderno circula com dez páginas e tem, portanto, um número um pouco maior de matérias, mas também um aumento da agenda cultural com a seção *Dicas* que sinaliza ao leitor restaurantes, museus, bares e outras coisas para se fazer no

final de semana. No geral, os textos se preocupam mais com eventos e artistas locais, mas também se nota a presença de artistas e acontecimentos nacionais e internacionais. Os assuntos vão além das artes tradicionais, ou seja, música, artes plásticas, dança, teatro e cinema. Matérias sobre moda, decoração e beleza, por exemplo, também estão presentes no caderno.

Além das matérias, pequenas notas, agendas culturais e colunas sociais, outros formatos de textos compõem o *Caderno 2*: as crônicas, ensaios e artigos de escritores nacionalmente conhecidos. Na sexta-feira, Carlos Heitor Cony, no sábado, Hélio Pólvora e, no domingo, João Ubaldo Ribeiro possuem colunas em que escrevem a partir de fatos atuais da sociedade. Nas edições dos domingos, o suplemento possui algumas seções diferenciadas como a *Comes & Bebes*, sobre culinária, a coluna da jornalista e escritora Danuza Leão e um espaço para o leitor tirar dúvidas sobre português, a seção *Ler e Escrever*, ou sobre saúde, a seção *Pergunte ao Pediatra*. Essas seções de respostas aos leitores confirmam a presença cada vez maior do jornalismo de serviço ao leitor.

Para finalizar, devemos destacar a seção que sai às terças-feiras no *Caderno 2*, - com exceção do período de Carnaval, em que ela torna-se diária - a *Sotaque Baiano*. Esse espaço que ocupa normalmente a última página do caderno, ou seja, a contra-capas, é voltado apenas para música. Ele é formado por pequenas notas, uma ou duas matérias maiores e, de vez em quando, uma pequena entrevista. Devido ao seu tamanho reduzido, os textos da seção são curtos e de caráter mais informativo, dificilmente tem-se alguma crítica. Apesar de tratar de música, a *Sotaque Baiano* abre mais espaço para os gêneros de maior consumo em Salvador, principalmente a *axé music*. O *reggae*, o *forró* e o *pagode* também aparecem na seção, mas o *rock* é pouco tratado nela, apesar de aparecer de vez em quando.

O espaço para a crítica, principalmente no que diz respeito à música, é pequeno no *Caderno 2*. A maior parte dos textos prioriza a informação e o suplemento ocupa suas

páginas principalmente com prestação de serviços, informando eventos a serem realizados, horário, local e outros detalhes. Geralmente, quando há uma crítica a um álbum musical ou a alguma exposição, por exemplo, esta vem inserida na própria matéria. Mas vale lembrar que existe uma seção chamada *Tentações* que é formada por críticas, às vezes de literatura, cinema, música ou por dicas de produtos de beleza. Pelo que observamos, essa seção não tem uma periodicidade muito definida, apesar de observarmos que na maioria das vezes em que foi publicada, a seção tratava de livros. Já as críticas aos filmes são diárias e estão inseridas na seção da agenda cultural voltada para o cinema, a *CineCartaz*. Esse espaço traz todos os filmes com seus horários e locais de exibição além de cotações com estrelas (que não deixa de ser uma crítica), e um pequeno texto crítico no centro, podendo ser de algum filme em cartaz ou lançamento de DVD, por exemplo. A seção *Agende-se* também traz, com exceção das sextas-feiras, um pequeno texto ao centro com foto e mais detalhes sobre algum show, peça ou apresentação de dança. Consideramos aqui esse texto da *Agende-se* como uma nota, devido ao seu tamanho e ao seu caráter principalmente informativo.

4.1.2 Caderno Dez!

O Caderno *Dez!*, também do jornal *A Tarde*, foi escolhido como material de análise do presente trabalho por ter o rock baiano como um assunto da cultura jovem local, público-alvo do suplemento. Apesar do rock não ser em Salvador uma cena tão prestigiada, o caderno preocupa-se com a formação de um público mais alternativo, que tenha acesso não apenas aos produtos do *mainstream* baiano. O *Dez!* pode ser considerado um caderno cultural, por tratar de temas como música e cinema em todas as suas edições, mas ele também lida com o factual, trazendo matérias sobre acontecimentos atuais em uma versão mais voltada ao leitor jovem. Normalmente classificado como caderno jovem, o suplemento surgiu

em março de 2001 a partir de uma coluna do *Caderno 2*, a *Zona Teen*, e era publicado às quintas-feiras. Hoje em dia, ele ainda é semanal, mas sua publicação é sempre às terças-feiras. Assim como no caso do *Caderno 2*, exporemos aqui a estrutura do *Dez!* como observamos ao longo da pesquisa, ou seja, no ano de 2007, mas ela pode ter sofrido alterações no início do ano deste trabalho.

O *Dez!* é um caderno semanal em formato tablóide com doze páginas, normalmente. Os formatos de textos presentes no caderno variam bastante, desde pequenas críticas a grandes reportagens. O Caderno possui um *blog* em que o leitor pode participar com textos e comentários a respeito dos textos postados ou publicados na versão impressa. Possui, portanto, um caráter bem interativo, refletindo a realidade do público jovem inserido na cultura da Internet. Em sua versão impressa, ele abre espaço para a publicação dos comentários deixados no *blog*, além de possuir uma seção onde os leitores podem tirar dúvidas sobre sexo.

Especificamente para a música, o *Dez!* tem sempre publicadas seções como: a *CD-R* com críticas de álbuns recentemente lançados, a *Coletânea*, que em 2007 era escrita pelo jornalista Luciano Mattos, a *Headphone*, em que um músico ou profissional ligado ao mundo da música, dá suas dicas do que está ouvindo no momento, além de matérias maiores apresentando bandas e da agenda cultural, que sempre tem dicas de shows e eventos. O rock sempre está presente nessas seções do caderno, mais do que qualquer outro estilo musical. Deduzimos que isso ocorre pelo fato do rock se tratar de um fenômeno, como já vimos anteriormente no trabalho, ligado à cultura juvenil e por ter esse caráter, na Bahia, de não ser vinculado a uma grande massa, ou seja, ser considerado um fenômeno alternativo. Pelo que percebemos, o *Dez!* prima pela formação de um público jovem mais crítico e reflexivo, engajado social e politicamente, e que circule por outras cenas da cidade que não façam parte do *mainstream*.

Além da música e interatividade, o suplemento tem ainda a seção *Película* sobre cinema escrita pelo jornalista João Carlos Sampaio, que escreve também para o *Caderno 2*; a seção *Na Rede* de Danilo Fraga com dicas de *sites* da Internet; além de matérias maiores que tratam principalmente de assuntos relacionados à cultura jovem ou a fatos atuais que de alguma forma são importantes para este público. Quadrinhos, pequenas crônicas na coluna *Cabeceira* de Breno Fernandes e a seção *RG*, que apresenta e entrevista um jovem com um trabalho ou uma história de vida interessante, complementam o caderno.

A presença da crítica musical no *Dez!* não é muito grande. A seção *CD-R* apresenta sempre três pequenas críticas de lançamentos de álbuns e a matéria que sai normalmente na quinta página do jornal apresentando alguma banda, costuma conter um texto com comentários sobre o trabalho do grupo citado. Afora isso, os textos são mais informativos, como a coluna *Coletânea* que costuma divulgar próximos shows a serem realizados e o que está acontecendo de interessante na cena baiana, além da seção de agenda cultural na contracapa do suplemento.

A equipe do jornal é composta pelos jornalistas já citados que escrevem em seções fixas, mas podem também fazer matérias maiores sobre outros assuntos. Além disso, estagiários e colaboradores de outros cadernos também escrevem para o *Dez!*.

4.1.3 Caderno Folha da Bahia

Do *Correio da Bahia*, segundo jornal mais vendido e em importância da Bahia, trabalhamos apenas com o caderno cultural *Folha da Bahia*. Antes de o suplemento ser criado em 1993, o *Correio* possuía dois cadernos de cultura: o *Segundo Caderno* e o *Arte e Lazer*. Lançado com oito páginas diárias, com exceção das segundas-feiras em que saía com seis, o *Folha da Bahia* conta hoje com seis páginas e com os mesmos problemas do jornalismo

cultural pelos quais passa o *Caderno 2*. Grande parte dele é ocupada por agenda cultural, programação de tv e cinema e coluna social, sobrando pouco espaço para matérias mais aprofundadas e/ou críticas dos espetáculos, álbuns lançados e exposições.

A organização do suplemento é bem parecida em todos os dias da semana, diferindo um pouco do *Caderno 2* que possui algumas seções específicas a depender do dia. São seis páginas, com exceção da segunda-feira, em que apenas quatro páginas são publicadas. Na segunda, portanto, seções como *Programa* que apresenta os shows, peças e exposições que acontecem pela cidade não são publicadas. Já a seção *Televisão* com a programação televisiva e matérias retiradas de agências de notícias é publicada quase todos os dias, exceto aos domingos. E, no sábado, ela conta com alguns textos da própria redação na parte *Zapping*. O suplemento não possui passatempos e quadrinhos como o *Caderno 2*, mas tem a coluna social chamada de *Gente e Zoom Social*, e a parte de horóscopo, que saem diariamente. Algumas seções como a *etc...* tem uma periodicidade não muito definida, sendo publicada, porém, quase todo os dias. São pequenas notas informativas com assuntos que variam dos seriados americanos a eventos locais, de teatro ou música. Outras seções que pudemos observar foi a *Estante*, com notas sobre lançamentos de livros, e *Vitrine* que aborda principalmente artes plásticas e exposições, ambas também sem uma periodicidade definida, porém menos presentes do que a anterior. Já a seção *Cinema*, com programação do que está passando nos cinemas da cidade, é publicada todos os dias.

Diferente do *Caderno 2*, não há muitas colunas de artigos e ensaios. A única que encontramos foi a *Parabólica*, escrita pelo jornalista Hagamenon Brito e publicada às segundas-feiras. Dele também é a seção voltada apenas para música, *Discomania*, com matéria, listas de músicas (consideradas boas pelo jornalista) e pequenas notas reunidas na coluna *Pop Takes*. Essa seção é publicada às quartas-feiras. Voltada principalmente à música pop e rock, percebemos uma presença maior de artistas internacionais e nacionais na seção,

especialmente no formato de matéria. A música local está mais presente em 2007, portanto, nas matérias sem seção específica do caderno *Folha da Bahia*, como veremos em nossa análise.

Os assuntos abordados no suplemento são mais restritos aos assuntos do que se considera como arte, ou seja, música, cinema, teatro, dança, literatura e artes plásticas. Apesar disso, a televisão e o mundo das celebridades entram também no caderno, mas encontram espaço maior no caderno semanal, publicado aos domingos. Como já foi apontado anteriormente, diferente do *Caderno 2*, o *Folha da Bahia* dificilmente aborda temas como moda e gastronomia, ficando estes reservados ao suplemento *Bazar*. Também percebemos que o *Folha*, assim como o *Caderno 2*, dá espaço ao trabalho local dos artistas, apesar de não ser parte do nosso trabalho, observar a quantidade desse espaço e nem se ele é maior ou menor do que o espaço dado aos eventos e artistas nacionais e internacionais.

4.2 Análise abrangente

Antes de partirmos para uma análise dos textos selecionados com base nos conceitos de valor, gosto e gênero musical, abordaremos a presença do rock baiano no jornalismo cultural impresso em alguns termos como: em que parte do jornal se encontra, quem escreve sobre o assunto, em que formato os textos são escritos e a periodicidade em que são publicados. Os textos desta análise, portanto, trazem bandas de rock baianas ou eventos locais como tema central ou pelo menos com algum comentário ou informação a respeito deles, podendo ser, por exemplo, uma matéria sobre um show de uma banda nacional com participação de uma banda local. Com base na organização dos cadernos, anteriormente detalhada, em nossos dados da pesquisa e em entrevistas concedidas por alguns jornalistas,

iniciaremos essa reflexão pelo jornal *A Tarde* e seus cadernos analisados, o *Caderno 2* e o *Dez!*.

Os cadernos culturais do jornal *A Tarde* são, em geral, bem receptivos ao rock baiano. Apesar de ser um estilo musical pouco consumido na capital baiana, em que os eventos locais dificilmente atingem mais de 200 pessoas (com algumas exceções como o *Palco do Rock* durante o Carnaval, por exemplo), muito se fala sobre o rock. Encontramos matérias publicadas em todos os meses de 2007, algumas maiores, outras menores e nem todas com críticas. A maioria dos textos foi publicada dentro do jornal, ou seja, poucas matérias de capa (ao todo, foram cinco no *Caderno 2*). No caderno *Dez!*, não houve nenhuma, já que o formato do suplemento não comporta texto na capa, apenas manchete com fotos ou figuras. No *Caderno 2*, os formatos dos textos variam de matérias maiores, entrevistas ou notas nas seções *Agende-se*, *Curtas* e *Sotaque Baiano*. Nessa última, foi encontrada uma quantidade pequena de textos sobre o rock local, cerca de 18, entre notas e pequenas entrevistas e cinco matérias maiores, mas foi um resultado surpreendente, pois no início da pesquisa, esperávamos que ainda menos fosse encontrado, já que a seção refere-se mais a gêneros predominantes na Bahia como *axé music* e *forró*, por exemplo.

Apenas três críticas envolvendo o rock baiano foram publicadas na seção *Tentações* ao longo de 2007. Não levamos em consideração em nossa pesquisa as notinhas de shows da seção *Agende-se*, que apenas dão informações como dia, local, horário e preço do evento, apesar de que os eventos de rock baiano sempre estão presentes. Dela, apenas consideramos as notas maiores que são publicadas no centro juntamente com uma foto. No total, foram publicadas 45 notas nas seções *Curtas* e *Agende-se* e 31 matérias, envolvendo desde o lançamento de um CD até pequenas participações de bandas locais em shows de bandas nacionais.

Percebemos que no *Caderno 2* dois jornalistas escreveram a maior parte dos textos, Chico Castro Jr. e Marcos Casé. Apesar disso, neste suplemento, não há um jornalista especialista para cada tema, ou seja, eles também escrevem sobre outras coisas além de música no jornal. Chico Castro Jr. costuma falar, no *Caderno 2*, principalmente de temas mais ligados à “cultura pop” como quadrinhos, além de escrever críticas sobre livros. Mas, segundo depoimento, ele sempre quis escrever sobre rock e esteve envolvido na cena local. Acredita que falar sobre rock em um jornal baiano é buscar a formação de um público mais coeso. Atualmente, o jornalista também escreve para a coluna *Coletânea* do caderno *Dez!*, antes escrita por Luciano Matos. Marcos Casé também manifesta interesse por essa cena local que sempre acompanhou, mas no caso dele, foi meio por acaso que começou trabalhar no caderno cultural do jornal *A Tarde*, já que iniciou sua carreira falando sobre esportes no *Correio da Bahia*. Ele defende que escreve sobre rock porque há quem leia sobre o assunto e sempre tem novidades para se falar. Ainda complementa: “O público de rock tem crescido e o jornal quer esse leitor por perto. É uma via de mão dupla, tanto o que aparece no jornal pode criar expectativa no leitor quanto o que o leitor quer ler chama a atenção do veículo. Acho que todo mundo ganha”. O público que escuta e gosta de rock baiano pode ser pequeno, mas é formador de opinião e para o jornal acaba sendo importante também agradar a essas pessoas mantendo-as informadas. Marcos Casé escreve também no *Caderno 2* críticas sobre livros e outros assuntos como decoração, mas a maioria de suas matérias está relacionada a diversos tipos de música incluindo o rock.

No caderno *Dez!*, encontramos também algumas matérias, geralmente divididas em uma parte mais informativa e outra crítica. No total, foram 11 deste tipo. Na seção *CD-R*, contabilizamos apenas cinco críticas de lançamentos do rock local. Segundo Pedro Fernandes, jornalista do caderno, a preferência é dada nas matérias grandes para bandas e músicos locais, mas pelo que percebemos não há uma preocupação em diferenciar-se do

Caderno 2, pois foram encontradas matérias em ambos cadernos falando sobre o mesmo lançamento. Já os lançamentos internacionais ganham mais espaço justamente na seção *CD-R*, ao menos que seja um lançamento de grande relevância. Na seção *Coletânea*, que era do jornalista Luciano Matos, foram publicadas cerca de 36 notas ao longo do ano que mencionavam bandas locais, mas apenas informativas, ou seja, nenhum texto que fizesse crítica a alguma banda ou produto lançado. Quase todas as edições do caderno *Dez!* tinham na seção pelo menos uma nota relacionada ao rock baiano. Geralmente estas notas estavam ligadas aos próximos shows das bandas, participações em festivais ou lançamentos.

Além de Luciano Matos, jornalista envolvido na cena e que em 2007 possuía a coluna *Coletânea*, as matérias de música do caderno *Dez!* são escritas por pessoas diferentes. Jornalistas como Pedro Fernandes e Danilo Fraga, que possui a seção *Na Rede*, além de estagiários e outros jornalistas convidados, dividem a tarefa, não tendo ela um único especialista. Essa é uma diferença importante encontrada com relação aos outros dois cadernos analisados, pois no caso deste suplemento, com exceção de Luciano Matos, os autores dos textos não possuem tanto envolvimento com a cena local, apesar de conhecê-la. Luciano Matos considera que o público de rock em Salvador é maior do que se pensa, mas as pessoas não têm acesso às informações. Segundo ele, seu trabalho está justamente em passar para esse público tudo que fica sabendo a respeito de música que não tem tanto espaço na mídia, principalmente no rádio e na TV.

Fora os lançamentos e shows, outros assuntos abordados são bandas novas consideradas interessantes em um formato de matéria-apresentação ou algum tema em que bandas possam servir de exemplo como lançamento de músicas na Internet, por exemplo. Normalmente, como complementa Pedro Fernandes, as bandas citadas têm alguma importância na cena e são consideradas boas ou pelo menos boas o suficiente para se falar mal delas.

As matérias publicadas no *Caderno 2* também citam bandas em mais destaque (quando se trata de algum lançamento ou show importante) ou grandes eventos e shows de bandas de rock nacionais em que grupos locais fazem alguma participação. Eventos como o *Coca-Cola Vibe*, na Praia do Forte, em que atrações como Pitty fizeram parte, além das atrações locais, ou o *Palco do Rock* durante o carnaval com bandas menos conhecidas no circuito, mas que tiveram nota na seção *Agende-se* durante todos os dias da folia. O festival *Arena 1*, a *Convenção de Tatuagem* e o *BoomBahia*, eventos locais que prestigiam o rock, também renderam matérias, predominantemente informativas, detalhando o evento e os shows a serem realizados. Em ambos os jornais foi notado que a maioria das matérias é a respeito de bandas com maior prestígio na cena, podendo elas serem consideradas como parte do circuito independente médio, como já explicamos anteriormente. São grupos que possuem composições próprias, trabalhos gravados e distribuídos na Internet ou em CDs, e que tocam não apenas em Salvador, mas em festivais pelo Brasil. O que pode ser classificado realmente como *underground*, bandas menores de periferia, por exemplo, apenas são citadas quando ocorre algum show eventual, como o *Palco do Rock* ou o festival do Beiru.

No *Correio da Bahia*, no caderno *Folha da Bahia* foi encontrado um número um pouco menor de matérias voltadas ao rock baiano ao longo do ano de 2007, se considerarmos a soma dos textos de todas as seções do *Caderno 2*. Foram 28 matérias e 37 notas nas seções *etc...* e *Gente*. Apesar disso, há uma semelhança grande entre os assuntos do *Folha da Bahia* e do *Caderno 2*, o que mostra um agendamento do jornalismo musical, ou seja, a busca de ambos por fatos atuais como realização de shows e grandes eventos como *Boom Bahia*, *Arena 1* e *Maniac Metal Fest*, fora os lançamentos de discos. Na seção musical semanalmente publicada, a *Discomania*, escrita pelo jornalista Hagamenon Brito²¹, apenas uma matéria que trata sobre o rock baiano foi encontrada, falando sobre o lançamento do CD

²¹ O jornalista tem grande importância na história da crítica musical baiana, inclusive já escreveu bastante sobre a cena rocker local. Como não conseguimos depoimentos dele, não foi possível entrar em detalhes a respeito do seu trabalho.

de Paulinho Oliveira. Apesar disso, cerca de 37 notas foram publicadas na coluna *Pop Takes*. Grande parte das matérias e notas é informativa e a crítica musical está menos presente do que no *Caderno 2*.

Leonardo Maia, jornalista responsável por grande parte das matérias encontradas (algumas estavam sem autoria) no *Correio*, possui também, como os jornalistas do *Caderno 2*, uma afinidade por música, especialmente pelo rock, e acompanha de perto amigos e conhecidos que fazem parte da cena local. Atualmente ele não escreve mais para o jornal, mas admite que, na época em que o fazia, as bandas com carreira mais sólida na cena baiana viravam mais facilmente uma pauta. Segundo ele:

A agenda de shows é sim responsável por uma presença maior do rock. Sempre que há shows, especialmente aqueles que trazem um diferencial (como lançamento de disco, dobradinha com banda de fora, festa temática, temporada de shows, etc), o Folha costuma dar espaço no roteiro, uma nota ou matéria.

Ainda de acordo com Leonardo, o rock local é assunto porque há quem leia sobre ele, e quanto maior o número de matérias mais possibilidades de despertar o interesse daquele que não está inserido ou não conhece a cena. Para ele, o público de rock tem interesse em matérias mais aprofundadas e voltadas às questões técnicas da música.

4.3 Análise de textos selecionados

A análise mais específica de alguns textos selecionados de nossa pesquisa nos fará perceber como o jornalista baiano dos cadernos culturais percebe o rock local. Em termos do trabalho crítico, já sabemos que ele trabalha com gostos e valores que não são pessoais, repartindo-os com uma comunidade. Além disso, utiliza a noção de gênero e tudo que ela engloba encaixando a banda ou música mencionada em um tipo com determinadas regras.

Rotulação, adjetivação e comparação são as principais estratégias usadas pelos jornalistas para criticar, e é principalmente através da procura delas nos textos que iremos aprofundar nossa análise. Seleccionamos, portanto, textos que possuíssem alguma crítica ou que fossem críticos no sentido estrito. Já desenvolvemos a idéia da importância desse tipo de gênero jornalístico para o meio musical, e é também a partir disso que refletiremos sobre cada um dos textos escolhidos.

Ao longo do ano de 2007, não houve muitos lançamentos ou novidades no rock baiano. Dos 266 textos encontrados nos três cadernos, 177 foram predominantemente informativos, principalmente as notas. As 81 matérias são principalmente informativas, mas possuem, em sua maioria, comentários breves sobre as bandas citadas. Como texto crítico em sentido estrito, encontramos apenas oito no *Caderno 2* e *Dez!* do jornal *A Tarde*. Embora haja uma grande divulgação dos shows e eventos que circulam pela cena rocker baiana, dificilmente se escrevem textos sobre eles após a sua realização. As críticas encontradas, portanto, voltam-se mais a lançamentos de CDs ou músicas. Além disso, não são textos exclusivamente críticos, são informativos e mesclados com alguma crítica do produto ou informativo e com uma crítica ao lado, por exemplo.

Os principais critérios de seleção foram, portanto, haver alguma crítica no texto e que o assunto abordado fosse também matéria dos outros cadernos para que posteriormente pudéssemos fazer uma comparação. Devido a dificuldades em encontrar nos três cadernos matérias sobre o mesmo tema, optamos por utilizar matérias com determinados assuntos que fossem presentes pelo menos nos dois jornais, mesmo que em formato de nota, mas que possuísse comentários críticos. As matérias sobre o lançamento do CD da banda *The Honkers*, *Roll Up Your Sleeves and Help Us Rock This Honker World*, foram encontradas no *Caderno 2*, do jornal *A Tarde* e no *Folha da Bahia*, do *Correio da Bahia*. O lançamento do CD da banda *Los Canos*, *Cada Dia Mais Limpo e Romântico*, foi encontrado também em ambos os

jornais, sendo que no *A Tarde*, houve ainda uma pequena crítica no *Dez!*, além da matéria do *Caderno 2*. Já o lançamento da *Brinde*, o disco *Sabe Aquela Coragem?*, teve duas matérias no jornal *A Tarde*, uma no *Caderno 2* e outra no *Dez!*, além de uma nota na seção *Discomania* de Hagamenon Brito. Este também foi o caso do lançamento da música *Aquela Dança*, do grupo *Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta* que rendeu duas matérias no *A Tarde* e uma nota com crítica no *Correio*.

Antes de partirmos para a análise, devemos pontuar que, para os textos do jornal *A Tarde*, as análises puderam ser feitas também com detalhes como a localização do texto nos cadernos, a presença de imagens e outros dados da diagramação, pois o site oferece aos assinantes uma versão digital da impressa. Já a análise do *Correio da Bahia* não pôde ser feita dessa forma, pois no site do jornal na Internet apenas encontramos disponíveis os textos. Ao analisarmos as matérias sobre as bandas, faremos uma pequena introdução a respeito da história, influências e principais realizações de cada grupo e, após as análises dos textos, uma breve comparação entre eles.

4.3.1. THE HONKERS

A banda *The Honkers* surgiu em maio de 1997, mas o projeto só tomou sua forma em 2000 quando fizeram seu primeiro show. As composições da banda, formada por Rodrigo Sputter (vocal), Felipe Brust (guitarra e vocal), Bruno T. (guitarra), T612 (baixo) e Dimmy (bateria), são em inglês e as influências abrangem diversos estilos, principalmente *punk*, *rockabilly*, *ska*, *indie* e *surf music*. Lançaram o primeiro EP *Between The Devil and The Deep Blue Sea*, composto por cinco canções, em 2004. Em 2007, foi lançado o CD *Roll Up Your Sleeves And Help Us Rock Up This Honker World*, que, além das cinco canções, têm mais sete gravadas ao vivo em estúdio. Além disso, o grupo tem um trabalho composto

apenas de covers, *Underground Music For Underground People*. A *The Honkers* possui em sua trajetória alguns feitos como uma viagem em um Santana Quantum que durou 38 dias pelo Brasil e Argentina, em que fizeram 29 shows, além das inusitadas performances, incluindo *stripteases* do vocalista Rodrigo Sputter durante as apresentações.

CADERNO 2

A matéria “De Mangas Arregaçadas” sobre o lançamento do álbum *Roll Up Your Sleeves And Help Us Rock Up This Honker World* pela banda *The Honkers* foi capa da edição do *Caderno 2* de 29 de abril de 2007. Com esta posição, já se percebe que a banda é bem conceituada pela editoria do caderno, merecendo lugar de destaque no suplemento. E não apenas a banda, mas o que ela representa, a força do rock baiano feito como um “trabalho de formiga” segundo o jornalista Chico Castro Jr., em que as bandas seriam como estes insetos dedicando-se integralmente a seu trabalho, organizando as festas e criando, assim, a cena. Ele ressalta essa marca do trabalho independente do rock local, principalmente do ponto de vista econômico, de não ser “apadrinhado”, não ter por trás uma grande produção ou empresários e gravadoras, possivelmente fazendo uma referência à indústria do *axé music*. Apesar de ocupar a capa do *Caderno 2*, a matéria não ocupa nem sua metade, já que divide o espaço com uma publicidade grande e uma foto da banda.

O texto se desenvolve inicialmente com uma apresentação da banda e o uso de adjetivações como “fabulosos” para valorizar seus integrantes. O jornalista a destaca como uma das mais divertidas da cena baiana em que os grupos costumam perder dinheiro ao invés de ganhar, mas, mesmo assim, se divertem e batalham para conquistar seu espaço. De acordo com o autor, a banda *The Honkers* trabalha bastante: já lançou dois EPs, fez parte de coletâneas e tocou, inclusive, fora do Brasil. Ele ainda cita um polêmico show no Festival de

Verão de 2006 em que o vocalista “apareceu de cuecas na TV”, possivelmente para comprovar, para aqueles que não conhecem a banda, como ela é “divertida”.

A partir do quinto parágrafo, o texto volta-se ao fato que agendou a matéria: o lançamento do CD *Roll Up Your Sleeves And Help Us Rock Up This Honker World*, de onde vem o título da matéria (*Roll up your sleeves* quer dizer em português “arregace suas mangas”). O jornalista vai descrevendo o produto lançado (“13 faixas, sendo as sete primeiras inéditas e gravadas ao vivo no estúdio”) com trecho de entrevista dos próprios integrantes da banda, reforçando a qualidade do trabalho. Na declaração de Felipe Brust, guitarrista da banda, “Foi tudo ao vivo no estúdio, senão perde o punch. Nosso som não precisa de maquiagem”. A gravação ao vivo é um recurso muito comum entre bandas independentes, e para os admiradores e críticos de rock, o trabalho mais cru, sem grandes efeitos, é visto com respeito. Essa é uma espécie de rotulação do rock, ou seja, quanto mais “cru” um som, melhor. Após isso, o autor comenta sobre a rápida turnê que a banda fez em São Paulo (“quatro shows em três dias”) e sobre o lançamento do CD em Salvador, todos os shows realizados em casas de show do circuito alternativo (*Funhouse* e *Inferno Club* em São Paulo e Teatro Sitorne em Salvador), dividindo o palco com bandas como *Zefirina Bomba* e *Vamoz!*, nomes importantes dentro do circuito médio independente do rock brasileiro. O jornalista, portanto, caracteriza a banda a partir do que ela realiza e de como o faz, colocando-a dentro de um gênero a partir de suas regras, ou seja, a própria banda organizando seus shows e participando de todo processo da gravação, sem interferências. Ainda menciona o clipe - outra marca das bandas do circuito médio independente - da faixa *People Love To Hate* que será exibido durante a festa, tendo sido dirigido pelo “premiado” Alexandre Xanxa Guena. Apesar de adjetivá-lo como “premiado”, o autor não esclarece em quê. O diretor já recebeu prêmios como o da *MTV* pelo clipe da cantora Pitty *Memórias* e o Galgo Alado em Gramado por *Sete Sete* da banda *Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta*.

Segundo Chico Castro Jr., além do CD lançado, a banda possui um projeto de gravação de cinco CDs com repertórios diferentes (de acordo com o baterista da banda: um mais pop com baladas, outro mais “porradeiro e punk”, um terceiro no “meio termo”, um quarto de *covers* e um quinto com músicas em português). Provavelmente o jornalista menciona esse fato por ser uma outra marca de diferenciação do grupo, de um trabalho original, já que não há registros de ter sido feito algo assim antes (“projeto inédito no mercado fonográfico”). Os integrantes são chamados aqui pelo autor de “maluquinhos”, devido às idiossincrasias da banda como essa tentativa inédita da gravação dos cinco CDs. Chico Castro também caracteriza com maiores detalhes o vocalista e compositor (“com 300 letras rabiscadas e engavetadas”) Rodrigo Sputter Chagas, definindo-o como “desbandeirado”, além de curtir fazer strip-tease nos shows e de ser “leitor voraz de autores *beatniks* e marginais em geral”. O jornalista ressalta que, apesar da idéia já ter algum tempo na mente da banda (segundo um dos integrantes, surgiu em 2004), há muitas dificuldades para um projeto como esse sair do papel, ainda mais na “maldita e malquista cena rock soteropolitana”, como ele relembra.

Intitulado pelo substantivo em seu aumentativo “golaço”, que pode ser considerado aqui um adjetivo, a crítica avalia positivamente o álbum (“...o negócio é curtir o CD da hora. E que CD.”, “um belo disco e mais um golaço do rock baiano”) e destaca, principalmente para os que não conhecem a banda, outros grupos e estilos similares, tática muito comum nas críticas em geral, como já vimos. Sugerindo inicialmente a audição do álbum como “percorrer as 13 faixas sem esforço”, o autor usa a expressão “curto e grosso”, além de outras como “rock de garagem” e “levadas para entortar o pescoço”, que são lugares-comuns no mundo do rock, principalmente de bandas que têm um som mais cru e pesado. O “entortar pescoço” refere-se ao balançar de cabeças nas performances ao vivo dos diversos gêneros do rock. E as referências, como Chuck Berry, *rockabilly*, *punk*, a época dos anos 60 e

70, além de influências mais recentes como o grupo *The Strokes*, situam o leitor menos informado. A seguir, o autor destaca algumas canções como *She'll Be My Little One*, *Devil Girl* e *Distorced Party* rotulando-as como “surf music de primeira”, *Let Me Feel The Sun* como “garage psicodélico dos anos 60” e *Where do I Go* como “ska”, fazendo referência a alguns estilos que podem ser encontrados pelo leitor. E também descrevendo verbalmente as três primeiras músicas citadas e “*Between the Devil And The Deep Blue Sea*” na tentativa de traduzir a sonoridade que o leitor irá encontrar ao ouvir o álbum e o tipo de comportamento que proporciona: “para se descabelar na pista” e “balada *indie* para casais de todas as idades dançarem juntinho”.

O texto aqui analisado desvia-se um pouco do seu propósito. Ele acaba muito mais apresentando a banda e mostrando ao leitor sua força dentro da “malquista” cena baiana do que criticando o álbum lançado. Chico Castro Jr. ressalta as qualidades da banda, suas idiossincrasias e o fato dela ser independente. A crítica em si resume-se aos últimos parágrafos do texto, apenas fazendo referências a gêneros presentes nas músicas, comparações com outras bandas, além de observações a respeito do comportamento gerado a partir destas músicas, ou seja, música para dançar, balada mais romântica etc. Aspectos como as letras das músicas ou a técnica, os instrumentos utilizados, timbres, arranjos, nada disso é sequer mencionado. Não se trata, portanto, de uma crítica em sentido estrito, mas de uma valoração de um jornalista que parece ser participante da cena rocker local.

FOLHA DA BAHIA

No caderno *Folha da Bahia*, do *Correio*, foram encontrados dois textos referentes ao lançamento do CD da banda *The Honkers*. Um deles foi publicado em 12 de maio, em um formato maior de matéria, também mesclando informação e comentários a

respeito do trabalho e foi escrito pelo jornalista Leonardo Maia. Já o outro texto foi publicado bem antes, em 17 de janeiro na coluna *Pop Takes* da seção semanal *Discomania* de Hagamenon Brito.

Leonardo Maia seguiu um caminho muito similar ao de Chico Castro Jr em seu texto publicado no *Caderno 2*. Caracterizou a banda, inclusive, com adjetivos já usados pelo jornalista do *A Tarde* como “divertida”, e de “alma garageira” (essa expressão provavelmente deve ter sido tirada do *press release*). Ele destaca também as performances da banda considerando-as “explosivas”. Apesar disso, as idéias foram mais sintetizadas, tornando o texto mais curto e na última parte predominantemente informativo.

Fala-se da turnê em São Paulo (“miniturnê de quatro shows”) sem entrar em detalhes e do lançamento em Salvador com a banda *Vamoz!*, caracterizando seu som (“rock direto, bem melódico”) e suas influências (Neil Young e *The Beatles*). Apesar do texto ser menor, Leonardo Maia menciona algumas particularidades não citadas na matéria do *Caderno 2*, como o projeto gráfico do CD (feito pelo designer Mauro Ybarros) que adjetiva como “ótimo”, a participação do selo baiano *Atalho Discos* na divulgação do trabalho e o fato das músicas já estarem disponíveis na Internet. Chico Castro Jr. acaba dando muita ênfase na questão da independência do grupo e não menciona esse detalhe de ter um selo, apesar de também independente, mas que facilita um pouco o processo.

Para viabilizar o conhecimento do trabalho pelos leitores, o autor usa também referências de gêneros presentes nas músicas como “punk”, “indie rock”, “ska” e “rockabilly” para caracterizar a própria banda e o CD lançado, comparando e ao mesmo tempo rotulando o trabalho. O jornalista rotula também a banda como tendo duas vertentes (não se sabe se essa informação foi dada pela própria banda ou se o jornalista chegou a essa conclusão): uma mais “suja e energética” e a outra mais “pop e baladeira”. Com esses adjetivos, ele tanto caracteriza o som da banda, como a forma de ouvi-la, ou seja, “energética”, no sentido de que se pode

dançar e/ou pular com as músicas durante os shows e “baladeira” no sentido de mais romântica, mais lenta.

Nos dois últimos parágrafos, o texto diferencia-se um pouco da matéria do *Caderno 2*, já que Leonardo Maia destaca o show (25 músicas com canções mais lentas no início até explodir com as mais pesadas), a performance ao vivo da banda (“performances catárticas” do vocalista, referindo-se provavelmente aos seus *stripteases*) e o repertório a ser tocado (todas as canções do novo CD, além de faixas antigas não tocadas há muito tempo), valorizando mais a informação. A única opinião dada é sobre a faixa *This is an old World*, - “a ótima *This is an old world* (com uma guitarra que é a cara do *Strokes*)” – fazendo uma comparação com a banda norte-americana de Nova Iorque.

Leonardo Maia faz um texto mais descritivo e informativo. A crítica ao CD aparece apenas com pequenos comentários, através de adjetivos e rotulações. O foco maior do texto é o show, informando inclusive o repertório que será tocado. Ele passa alguns dados importantes a respeito do disco lançado, mas dá apenas uma vaga idéia do que pode ser encontrado pelo leitor ao ouvir o CD. O jornalista permanece em uma posição mais neutra, praticamente descrevendo, mas não avaliando de fato o produto. Pode-se concluir, portanto, que o texto não se trata de uma crítica musical em sentido estrito.

Em sua nota publicada no dia 17 de janeiro, Hagamenon Brito faz uma breve crítica do trabalho dos *The Honkers*, além de anunciar o show que a banda faria dali a alguns dias. Inicialmente, o autor coloca o trabalho do grupo como um dos mais “interessantes”, localizando-o no rock independente nacional, extrapolando o que tanto Chico Castro quanto Leonardo Maia fizeram ao colocar a banda apenas como um destaque baiano. Nas palavras dele, com o novo CD, a banda reitera “a condição de ser uma das mais interessantes e vibrantes bandas do rock independente nacional”. Assim como os dois jornalistas, porém mais objetivamente, Hagamenon Brito conclui que “A virtude do grupo de Rodrigo ‘The Sputter’

Chagas está em saber combinar várias influências (punk rock, rockabilly, ska punk, neo-garage, etc) com peso e boas melodias pop, chegando a criar baladinhas nota 10”. O jornalista, portanto, reconhece o talento dos músicos, valorizando a mistura que fazem a partir de diversas influências. Ele consegue, diferente dos outros textos, argumentar o porquê da banda ser considerada boa.

Uma dessas “baladinhas”, de acordo com Hagamenon Brito é a música *Between the devil and the deep blue sea*. O crítico lembra aqui que o título da faixa é homônimo a um clássico do jazz (de Harold Arlen e letra de Ted Koehler – não mencionado no texto). Esse fato provavelmente é citado também para valorizar a banda, já que o *jazz* é um gênero respeitado dentro do rock. Ainda segundo o jornalista, o grupo *The Honkers* “poderia estar na trilha de The O.C. fossem americanos ou ingleses”. Como considera o seriado “a melhor série teen pós-Barrados no baile (anos 90) e foi, de longe, a que teve a melhor trilha sonora da tevê” (publicado em nota no dia 11 de abril de 2007, na coluna *Pop Takes* da seção *Discomania*), só podemos concluir que se trata de um elogio. Essas referências enriquecem o texto, mas exigem um leitor com uma bagagem cultural maior.

No texto, Hagamenon Brito passa também algumas informações como a aparência do álbum (arte gráfica de Mauro YBarros e estojo de acrílico) e a respeito das músicas: sete inéditas e gravadas no *Vértice Estúdio* (é o único que cita o nome do estúdio em que o álbum foi gravado) e cinco do EP anterior, elogiando-o aqui de “ótimo”. Dentre as inéditas, a “strokeana” faixa bônus do disco *This is an old world*, fazendo, assim como os outros dois jornalistas, uma comparação com a banda *The Strokes*. Ele não destaca mais nenhuma música até pelo tamanho do texto que não o permite fazê-lo. Finaliza a nota informando os planos futuros da banda: “Em 2007, os Honkers querem tocar na Europa e nos EUA e planejam lançar cinco CDs de vez”.

Hagamenon Brito, apesar do tamanho do texto menor em comparação aos outros dois, traz praticamente as mesmas informações sobre o disco lançado, e consegue também fazer uma crítica, apesar de pequena, mas com alguma opinião. Além dos elogios, faz referências mais interessantes como a do seriado *The O.C.*, deixando o leitor mais situado do que pode encontrar no disco. Apesar disso, a crítica ainda deixa a desejar, pois nada se fala sobre as letras das músicas ou maiores detalhes sob o ponto de vista técnico, dos arranjos ou instrumentos, por exemplo.

COMPARAÇÃO

Entre os três textos analisados, o que mais bem conduz a crítica é Hagamenon Brito. Levamos aqui em consideração que, apesar disso, o texto de Chico Castro Jr. satisfaz quanto a passar informação ao leitor, sendo bem detalhista em relação à banda, sua história, curiosidades, etc. Mas o jornalista faz questão de frisar o quanto a banda é batalhadora, defendendo sua independência e o esforço do rock baiano em se manter, situando-se, portanto, como um defensor dessa cena. Já o texto de Leonardo Maia é bem fraco no que diz respeito a crítica. Na realidade, o texto praticamente só informa. Hagamenon Brito consegue passar as informações e mostrar sua veia crítica, fazendo comentários mais aprofundados e tecendo elogios a partir de valorações bem argumentadas. Apesar das diferenças, os três autores fazem a comparação de uma das músicas da banda com o grupo *The Strokes*, o que permite inferir que não há dúvidas do tipo de rock que o leitor vai encontrar e do direcionamento do álbum.

4.3.2. LOS CANOS

A *Los Canos* surgiu entre os anos de 2002 e 2003. Guitarrista na época da banda *A Grande Abóbora*, Eduardo Penna (também conhecido como Dudu de Carvalho), havia escrito algumas músicas que não combinavam com o estilo do seu grupo e pensou em gravá-las e disponibilizá-las na Internet. Assim, despreziosamente, juntou-se a dois colegas do curso de Publicidade e Propaganda da UCSal, Gil (baixista, apelidado de Loinho Sweet) e Maurício (ou Cicinho, baterista). Depois de definir o tipo de som que tocariam, mais dois integrantes juntaram-se à banda: Michael (guitarrista) e Mariana (*backing vocal*), e a *Los Canos* tomou um rumo mais sério, apesar das letras sempre irreverentes. Em 2003, gravaram o EP *Meu Hobby é Te Amar* e começaram a tocar em festivais. E, no início do ano passado, lançaram o CD *Cada Dia Mais Limpo e Romântico* com produção de Beto Neves através do selo capixaba *Läjä Records*. Um pouco antes do lançamento, Dudu de Carvalho decidiu sair da banda e André Mendes, ex-integrante da banda *Maria Bacana*, assumiu seu lugar.

CADERNO 2

A matéria publicada no *Caderno 2* a respeito do lançamento do novo CD *Cada Dia Mais Limpo e Romântico* da banda *Los Canos* ocupa mais da metade da página três do suplemento. Publicado em 24 de fevereiro e escrito por Chico Castro Jr., o texto divide-se em duas partes, uma mais informativa e outra com uma crítica grande a respeito do disco, além de uma foto de performance ao vivo da banda. O jornalista começa com uma apresentação mais geral da banda adjetivando-a de “romântica” e “adolescente”. O fato de ser considerada “adolescente” não significa uma imaturidade do grupo, mas uma característica que define seu som, diferenciando-o dos demais (“espírito de adolescente que tempera e dá cara própria ao

som da Los Canos”). Além disso, ele valoriza a banda como “um dos destaques do rock local”.

O texto segue um pouco mais informativo ao anunciar o lançamento do CD (“A festa de lançamento já tem data e local: 31 de março, na casa de shows Boomerangue”), com alguns trechos de entrevista dos integrantes sobre os possíveis convidados do show (a banda *Automatas*, segundo o vocalista Dudu de Carvalho), e contando a formação do grupo que surgiu em 2002, mas só começou a se apresentar no ano seguinte. Nesse momento, Chico Castro Jr. localiza a banda no circuito médio independente quando afirma que ela chamou atenção “no cenário alternativo” com seu primeiro trabalho realizado. O EP *Meu Hobby é Te Amar*, “sucesso instantâneo no meio rock”, foi distribuído também através de mp3 pela Internet. Segundo o jornalista, a banda, em sua estréia, “esbanjou sabedoria de pátio de colégio”. Com essa expressão, refere-se ao som “tosco” do grupo, ou seja, aos aspectos técnicos do trabalho: um som cru, sem grandes harmonizações. Esse termo pode ser entendido também como uma rotulação, como se uma banda formada por adolescentes fosse necessariamente tosca. Também a caracteriza como independente ao citar os diversos festivais deste circuito em que tocou (*Claro que é Rock* em Salvador, *Goiânia Noise* em Goiás, *MADA* e *Festival do Sol* no Rio Grande do Norte e *Mor-Março* na Paraíba, dentre outros shows). O jornalista cita ainda bandas com as quais a *Los Canos* dividiu o palco como *Cansei de Ser Sexy* e *Forgotten Boys*, dois nomes fortes do rock independente e que são referências, mesmo para quem não conhece tanto do cenário.

No último tópico, antes de partir para a crítica, ele menciona como foi o processo de gravação através da negociação com o selo capixaba *Läjä Records* (fizeram contato com o dono do selo, Fábio Mazine, que gostou do som da banda em Goiânia). Comenta ainda curiosidades como o fato da *Los Canos* ter o disco lançado também no Japão, já que o *Läjä* possui acordo com o selo japonês *Karasu Killer*, e das inspirações para o disco

(segundo o vocalista, “as namoradas”), tudo isso com depoimentos da banda, que complementam o texto. Essas informações são interessantes para mostrar ao leitor características do grupo como a descontração e a afirmação da sua independência, de não ter ligação com nenhuma gravadora. O jornalista finaliza com um comentário de Loinho Sweet, o baixista. Segundo ele, “Estou muito satisfeito com a banda e com o disco, menos comigo. A pior coisa da Los Canos é a gente mesmo” e Chico Castro Jr. sinaliza aqui a autodepreciação comum nos adolescentes, o que dá o diferencial da banda.

Em seguida, a segunda parte do texto é uma crítica ao CD. Com o título “Eles vão invadir sua praia, a festa, o carro, o churrasco...”, o autor faz uma referência ao grupo *Ultraje a Rigor* e seu disco *Nós vamos invadir sua praia* que explora mais adiante. O título não deixa de ser um elogio, já que se entende que o álbum é adequado em diversos momentos de lazer e do cotidiano. Chico Castro Jr. faz uso de estratégias de valoração através de adjetivações, comparações e referências e tenta definir o estilo da banda a partir de trabalhos conceituados como o do artista gaúcho Wander Wildner e o da banda *Ratos de Porão*. Da última, a *Los Canos* tirou a idéia para o título de seu CD já que o grupo liderado por João Gordo possui um disco chamado *Cada Dia Mais Sujo e Agressivo*(1987), como bem lembra o jornalista. Já Wander Wildner, “rei gaúcho do punk-brega”, está presente em uma letra de música da banda e isso para Chico Castro Jr. é um sinal de que o disco “só pode ser bom”.

O autor opina, através de adjetivos, sobre o som da banda e suas letras que, segundo ele, são “simples e diretas”. “Fofútil” é uma das expressões utilizadas pelo jornalista para rotular o trabalho do grupo. Segundo ele, “esperta, a rapaziada da Los Canos sabe que é muito fácil fazer pose de roqueiro malvado e parte para o caminho inverso – ou fofútil” (o cantor da banda quis dizer na verdade “fofucho”, mas o jornalista provavelmente não o entendeu ou fez um trocadilho). Além dessa, outras expressões como “tom de gaiatice” e “deliciosa coleção de faixas solares, velozes, e auto-irônicas” são também utilizadas. Esses

adjetivos possivelmente indicam que o autor considera as músicas agitadas (o que se infere pelo adjetivo “velozes”), solares no sentido de que são alegres e auto-irônicas, provavelmente por satirizarem os próprios integrantes da banda, que devem ter passado por situações típicas da adolescência e que agora as descrevem em suas canções. A fim de esclarecer o leitor, Chico Castro Jr. cita algumas faixas (*Patrícia*, *Garota Nota Sete*, dentre outras) indicando como elas enfocam “tipos comuns e universais na vida escolar”.

O tópico introduzido pela palavra “*Début*”, já que este é o primeiro CD da banda, inicia fazendo a comparação já mencionada com a estréia da banda *Ultraje a Rigor* e seu álbum *Nós Vamos Invadir Sua Praia*. Segundo o jornalista, o disco da *Los Canos*, assim como este último, é uma “sucessão de canções fáceis”. Ele utiliza ainda a expressão “punk rock bubblegum” (músicas que grudam) comparando a banda aos *Ramones* devido à facilidade em fazer grandes *hits* com humor e animação.

Após as comparações, Chico Castro Jr. aborda aspectos da recepção, considerando o possível comportamento dos ouvintes diante das músicas da banda (“candidatas a hit”, “quase sempre muito engraçadas”, “aptas a animar qualquer festinha”). Esse “quase sempre” aproxima-se de um comentário negativo, mas não é desenvolvido no texto. O jornalista deixa bem claro que o som da banda é descontraído e que não é intenção deles fazer uma música mais madura e trabalhada. Apesar de elogiar o CD, define-o como um bom trabalho naquilo a que se propõe (segundo ele, essas pretensões são impublicáveis), avisando ao leitor que, caso não seja do seu gosto, melhor procurar um artista como Joe Satriani, guitarrista conceituado e que utiliza diversos acordes em suas canções, diferente da banda *Los Canos*.

Para finalizar, o jornalista adjetiva o trabalho como “um bom disco de rock’n’roll feito com garra, sinceridade, emoção e inteligência” e cita algumas músicas em destaque (*Uma Bandinha de Rock*, *Nada Sem Você*, *Mercadologia* e outras já citadas),

considerando-as como “clássicos instantâneos”, talvez pelo fato de “grudarem” ao serem escutadas. No último parágrafo, o autor elogia de “excelente” o trabalho gráfico do CD (feito por Mauro YBarros) na mesma linha “adolescente” das músicas, imitando uma agenda de garotas em idade escolar com corações e outros “badulaques”. Segundo ele, o disco é “um dos melhores lançamentos do rock baiano de 2007”.

O texto de Chico Castro Jr. é bem produtivo ao trazer muita informação a respeito da banda *Los Canos*, da sua trajetória e sobre o disco, que é o objeto principal da matéria. Para quem não a conhece, é possível ter uma boa noção do som e da sua proposta, e para quem a conhece, é um resumo de sua história, citando momentos importantes da trajetória. A crítica, apesar de só contar pontos favoráveis ao disco, faz diversas comparações com outras bandas, rotulando bem o tipo da música. Sente-se falta, porém, de um pouco mais de argumentação e profundidade, além de falar da parte técnica das músicas, instrumentos, arranjos, etc. O autor preocupa-se principalmente com as letras e com aquilo que a banda quer passar, tanto através do som, como da proposta do grupo.

CADERNO DEZ!

No caderno *Dez!*, o lançamento do CD *Cada Dia Mais Limpo e Romântico* da banda *Los Canos* teve como repercussão apenas uma pequena crítica na seção *CD-R*. Escrita por Danilo Fraga, a crítica foi publicada no dia 13 de março. Com o título “espírito adolescente”, adjetivando a banda e o trabalho, o jornalista inicia afirmando que o rock é adolescente e não há como fugir disso. É como se a *Los Canos* fosse uma prova disso, assim como outras bandas que ele menciona fazendo algumas comparações como *Ramones*, *Little Quail & The Mad Birds* e *Cascavalletes* que “descobriram a fonte da juventude e foram felizes para sempre”. Para um outro tipo de música, que não o rock, talvez isso soasse como

uma falta de maturidade, de crescimento. Segundo Danilo Fraga, a *Los Canos*, mesmo soando adolescente, está no caminho certo. Mas ele alerta que nem sempre as canções são “inteligentes”, referindo-se provavelmente às letras, apesar de serem “divertidas”.

O jornalista finaliza com um comentário pertinente, utilizando a própria letra de uma das músicas do álbum, *Garota Nota 7*. Segundo ele, a banda é nota sete, mas é bem melhor que uma banda nota dez, ou seja, ela não é das melhores musicalmente falando, mas cumpre com sua finalidade de divertir sem compromisso.

A crítica de Danilo Fraga é um texto bem superficial que apenas dá uma noção ao leitor do trabalho da banda *Los Canos*. Até pelo pouco espaço que se resume a uma nota, o jornalista não entra em detalhes técnicos do tipo de som que o leitor vai encontrar ou da produção do álbum. Ele apenas faz comparações e adjetivações mais relacionadas às letras das músicas. Vale ressaltar que, mesmo assim, há uma distância entre o autor e o objeto criticado já que ele consegue não se deter aos elogios, reconhecendo até onde vai a potencialidade do grupo.

FOLHA DA BAHIA

A matéria escrita pelo jornalista Leonardo Maia a respeito do lançamento do novo CD da banda *Los Canos* foi publicada no caderno *Folha da Bahia* em 30 de março. Bem diferente da matéria publicada no *Caderno 2*, que deu ênfase ao disco, aqui, o texto volta-se para o lançamento deste e para a saída do vocalista e principal compositor da banda. Apesar disso, também critica o produto em seus parágrafos finais.

Boa parte do texto de Leonardo Maia se preocupa em contar sobre a saída do vocalista Eduardo Penna (apresentado por Chico Castro Jr. como Dudu de Carvalho), seus motivos (“familiares e profissionais”), a entrada do substituto - não oficializada na época -

André Mendes, que era do grupo *Maria Bacana* e o show de lançamento com a nova formação (na casa de shows *Boomerangue*, no Rio Vermelho). Também faz uma breve apresentação de como surgiu a banda e cita *shows* e trabalhos anteriores. Segundo ele, o grupo surgiu nos corredores do curso de Publicidade e Propaganda da UCSal em 2002 e de forma “despretensiosa” começou a tocar em festivais alternativos e gravou o EP *Meu Hobby é Te Amar*. Ao longo do texto, alguns adjetivos definem a banda como “punk romântico e divertido” e “desleixado” referindo-se ao jeito do ex-vocalista que acabou dando cara à banda. Os integrantes comentam a respeito da saída do vocalista, afirmando que foi uma decisão dele e torcendo para que a nova formação se consolide.

Antes de partir para uma pequena crítica ao disco, o jornalista fala sobre o repertório da banda para o *show* de lançamento: todas as músicas do novo CD, destacando algumas (*Garota Nota 7*, *Nada Sem Você*, *Patrícia*, *Ela Não Gosta de Mim*, dentre outras) e alguns *covers* de bandas como *Gun's Roses* e *Ramones*.

Com o subtítulo “Energético”, a crítica ao álbum toma conta dos últimos parágrafos do texto. Começando por uma rotulação e adjetivação do trabalho, Leonardo Maia indica que o trabalho é “rock”, “romântico”, “brega”, “punk” e “guitarreiro”. Novamente aqui, como na matéria do *Caderno 2*, é lembrada a “despretensão” da banda “adolescente” e “bem enérgica” (daí o subtítulo) e faz-se uma comparação com a *Jovem Guarda*, provavelmente pelo fato de ser um rock mais “jovial”. Também há comentários a respeito das letras (“engraçadas”) e, do ponto de vista técnico, destaca-se o fato do trabalho ter sido feito “sem arroubos instrumentais”. Segundo o jornalista, apesar da demora de dois anos, a espera pelo disco foi válida. Ele elogia o trabalho, assim como a produção de Beto Neves (“bem-acabada”) e o projeto gráfico de Mauro YBarros (“caprichadíssimo”), também mencionado por Chico Castro Jr.. O autor faz ainda referências às inspirações da banda, comparando-a com as nacionais Wander Wildner (artista citado em uma música), *Little Quail & The Mad*

Birds, *Autoramas*, *Os Pedrero* e *Cascavelletes* dando uma prévia ao leitor do que ele pode encontrar no CD a partir de artistas um pouco mais conhecidos. Apesar disso, essas referências funcionam melhor para quem conhece o circuito independente do rock, pois esses artistas não estão ligados ao *mainstream* (lembrando que a *Cascavelletes* pode ser a mais próxima disso, já que chegou a ter uma música em trilha sonora de novela da Rede Globo).

Nos destaques das músicas, o jornalista ressalta *Patrícia, Gatinha* (comparando esta ao som da banda *Nirvana*) e *Eu Sou Mau* que ele rotula como de “veia garageira”. Além dessas, outras canções são rotuladas do ponto de vista técnico: *Mercadologia* (“porrada punk”), e *Garota Nota 7*, *Ela não gosta de Mim* e *Coração Bola Oito* que, segundo ele, possuem um “acento pop”. As três últimas também são avaliadas do ponto de vista textual (“letras irreverentes e românticas”).

O texto de Leonardo Maia, apesar do menor tamanho e de concentrar-se na saída do vocalista da banda, traz também uma boa noção a respeito do CD lançado. Algumas comparações similares às que Chico Castro Jr. propõe, porém buscando outras referências (possivelmente essas estariam no *press release*). Novamente aqui não há grande profundidade na crítica, apenas adjetivos, qualificando o trabalho, principalmente as letras das canções, além das comparações e rotulações dos gêneros das músicas. Percebe-se uma posição mais neutra do jornalista que prefere não emitir opiniões. Como o foco do texto é o show de lançamento sem o vocalista e principal compositor da banda, informações mais detalhadas sobre o processo de gravação do disco, por exemplo, não são mencionadas.

COMPARAÇÃO

Os três textos são diferentes em diversos aspectos, começando pelo tamanho e direcionamento de cada um deles. O texto de Chico Castro Jr. é certamente o mais completo e

que reserva maior espaço para crítica. Apesar disso, não se aprofunda ao criticar, apenas adjetivando e rotulando o som e fazendo comparações com outras bandas. Estas também são as ferramentas de crítica utilizadas pelos outros dois autores. As comparações com outras bandas, ou pelo menos algumas delas, são iguais nos três textos, o que nos deixam duas opções: ou foram retiradas do material de divulgação da *Los Canos* ou a sonoridade do grupo realmente remete a essas bandas. O texto de Leonardo Maia tem um caráter mais informativo concentrando-se nos três parágrafos finais na crítica. Esta se resume a comentários a respeito das letras, comparações e elogios. Apesar dos três textos valorizarem bastante o álbum, Danilo Fraga é o que mais se distancia do puro elogio (ao afirmar que nem todas as letras são inteligentes), apesar de que Chico Castro Jr. também admite que o grupo não possui uma maturidade musical, cumprindo porém com seus objetivos de diversão.

4.3.3. BRINDE

A *Brinde* foi formada em 2001 por Henrique Neves (vocal e guitarra), Leno Blumetti (baixo) e Voltz (bateria). Nesse mesmo ano, lançaram o primeiro EP com apenas quatro faixas, mas que foi bem sucedido. No segundo semestre de 2002, o EP foi relançado pelo selo baiano *Big Bross Records* e a *Brinde* tocou em diversos festivais pelo Brasil. As músicas da banda são em português, mas os integrantes se dizem influenciados pelo *britpop*, *indie rock* e *Beatles*, além do rock nacional. Em 2004 lançaram, pelo selo *Monstro Discos*, o primeiro CD *Histórias sem meio, começo e fim* com a produção de André T. e, em 2007, o segundo trabalho intitulado *Sabe Aquela Coragem?*, sob a produção de Julio Moreno. A banda acabou pouco tempo depois desse último lançamento.

CADERNO DEZ!

O lançamento do CD *Sabe Aquela Coragem?* da banda *Brinde* rendeu duas matérias no jornal *A Tarde*, uma no *Caderno 2* e outra no *Dez!*. Com uma diferença de mais de um mês entre as publicações, as matérias seguem caminhos um pouco diferentes apesar de tratarem do mesmo assunto. No caderno *Dez!*, o texto foi publicado em 30 de janeiro, na página cinco, onde costumam sair as matérias relacionadas à música, ocupando mais da metade da página. Dividido em duas partes, texto informativo e crítica, foi escrito por duas pessoas, Gabriela Quintela e Lucas Cunha, na época estagiários do caderno. Além disso, conta com uma fotografia posada da banda ao centro.

Gabriela começa seu texto descrevendo o CD (“onze músicas em 33 minutos”) e considera positivo (“sem delongas”) o fato de ser um álbum de tempo curto. Ela, então, caracteriza o trabalho da banda como mais “cru” que o anterior *Histórias sem Começo, Meio e Fim* do ponto de vista técnico, já que a banda, segundo declaração do baterista Voltz, gravou apenas com seus instrumentos e sem muitos efeitos (“truques de estúdio” e “vocaís mirabolantes”). A jornalista chama atenção para o fato de que Voltz “adora ser comparado a Keith Moon, o baterista louco do The Who” (segundo o músico, as pessoas sempre o cumprimentam no final do show e comentam sobre a semelhança). Além dessa comparação, cita as influências da banda, principalmente do *britpop*, como *Oasis* e *Blur*, e do rock britânico dos anos 60, como *The Kinks* e *The Jam*, localizando o leitor e rotulando também o som. No tópico “Otimista”, Gabriela Quintela expõe a idéia das letras da banda, tocando um pouco na questão textual do trabalho e tecendo elogios, o que sugere que ela considera uma possível evolução do grupo nesse sentido. De acordo com ela, as letras da *Brinde*, que normalmente falam de amores mal-sucedidos, neste novo trabalho estão mais “intimistas” e

cita a faixa *Nascer do Sol*, adjetivando-a como “otimista” e “ensolarada”, na tentativa de caracterizar um pouco o sentido que o compositor quis passar através da música.

No tópico “Baixista Novo”, a autora comete um pequeno deslize ao afirmar que este é o primeiro CD da banda com o novo baixista Rodrigo Damati. Segundo o músico, em depoimento, ele não participou da gravação do disco, apenas fez parte da banda durante alguns meses, dividindo o palco com a *Brinde*, até que Leno Blumetti retornasse. Ela cita também a participação de Nancyta Viégas na gravação de quatro faixas, mas sem dar maiores informações sobre a cantora, o que acaba sendo pouco interessante para quem não a conhece. O resto do texto apenas informa ao leitor outros dados como a tiragem de 500 cópias do CD, “metade” do álbum anterior, devido à “crise na venda de CDs”. Não deixa de ser um fato importante para que o leitor saiba da independência da banda, localizando-a neste circuito. Esta independência também fica clara ao serem mencionados os próximos planos da *Brinde*: “a banda pretende organizar um circuito de shows, aproveitando os festivais do Brasil” e a dificuldade de tocar em Salvador: “a produção de shows na cidade tem melhorado, mas ainda deixa muito a desejar”. O breve texto que se segue, “Para nossos Ipods mentais”, escrito por Lucas Cunha, é uma crítica ao novo trabalho da banda, mas acaba adquirindo um tom bem pessoal, já que o jornalista admite conhecer a banda desde 2001 e ter se impressionado com a capacidade do grupo em fazer músicas que “viram hits em nossos ipods mentais”, o que deixa transparecer o seu apreço pela banda.

Ao longo do texto, ele elogia o CD, caracterizando-o como “coletânea de sucessos”, e compara o grupo com a banda britânica dos anos 60 *The Kinks*. Ressalta a não utilização de outros instrumentos ou efeitos, referindo-se aqui aos aspectos técnicos, e comparando ao trabalho anterior que usava melotrons e pianos. Segundo o jornalista, “no novo disco, o que se escuta é um *power trio*, mais próximo de como a *Brinde* soa ao vivo”. Ele valoriza, portanto, o som puro da banda e sua performance ao vivo. Destaca apenas duas

canções, talvez pela falta de espaço para falar mais sobre outras faixas: *Jeito Que Me Convém* pelo “forte refrão” que “ganha o ouvinte de primeira” e *Talento Pra Sedução* como “hit” do disco. Para finalizar sua crítica, Lucas Cunha tenta rotular a banda comparando-a com outras do *britpop*, como *Blur* e *Stereophonics*, mas conclui que o som dela é “considerado pop demais pelos roqueiros e rock demais pelos fãs de Britney Spears” e por isso não emplaca nas rádios brasileiras. Ele termina o texto afirmando ter esperança de que a *Brinde* um dia seja parte da trilha sonora da novela *Malhação (Rede Globo)*. Como fã da banda, acredita-se que o jornalista considere como ponto positivo fazer parte da trilha da novela.

Publicados no caderno *Dez!* os textos de Gabriela Quintela e Lucas Cunha se complementam, mas percebe-se que os dois autores possuem visões e conhecimento distintos da banda. Gabriela Quintela apresenta a parte mais informativa da matéria utilizando-se bastante dos depoimentos dos integrantes para confirmar suas suposições. Ela pouco avalia o álbum ou a banda, apenas refere-se as suas influências e elogia uma das faixas do CD, deixando a crítica para Lucas Cunha. A crítica é claramente um texto escrito por um fã da banda, inconformado com o pouco sucesso que ela atinge. Bem curto, ele é superficial, fazendo comparações a outras bandas, mas não definindo exatamente o som da *Brinde*.

CADERNO 2

A matéria do *Caderno 2*, publicada em 13 de março, e escrita por Chico Castro Jr., ocupou menos da metade de uma página, mas o tamanho do texto foi maior do que a média das matérias que encontramos em nossa pesquisa. O texto mescla informação e crítica, não possuindo uma divisão clara entre ambos. Também contendo uma foto posada ao centro (já de volta com a formação original da banda, Leno Blumetti no baixo e não mais Rodrigo Damatti), a matéria começa rotulando a *Brinde* como parte da cena de rock baiano, em uma

suposta geração mais madura de 2000, que, segundo ele, possui uma marca de crescimento: “a certeza do que se está fazendo”. De acordo com o jornalista, que demonstra bom conhecimento da cena, a *Brinde* seria um exemplo desse “fenômeno”, lado a lado com outras bandas como *Los Canos*, *The Honkers* e *Pessoas Invisíveis*.

Ao afirmar que o novo CD da *Brinde* agradará aos fãs de bandas como *Supergrass*, *Superchunk* e *Hüsker Dü*, Chico Castro Jr. compara e rotula o grupo como sendo influenciado pelo gênero *britpop* e “rock alternativo americano dos anos 90”, além de adjetivar o seu som como sendo “básico, veloz e sentimental”, “típico” dos grupos e gêneros mencionados. As bandas *Supergrass* e *Superchunk* fazem parte do *britpop* e do “rock alternativo americano dos anos 90”, respectivamente, mas a outra referência fica meio solta, já que a *Hüsker Dü* não está incluída em nenhum dos dois movimentos, sendo americana e tendo terminado no final da década de 80. Essas bandas citadas não são conhecidas do grande público, servindo como referência apenas aos mais conhecedores do circuito alternativo.

O jornalista ressalta o fato do álbum ter sido gravado sem efeitos e ao vivo (segundo o baterista Voltz, a banda gravando todos os instrumentos de uma só vez) valorizando-o positivamente do ponto de vista técnico do trabalho. De acordo com ele, “O resultado gravado em quatro dias ficou bem mais próximo daquilo que se ouve nas apresentações ao vivo da banda, com sua estética de *power trio* crua, direta, sem intermediários”. Também é mencionada a pouca participação do produtor Júlio Moreno (o vocalista Henrique afirma que como já sabiam o que fazer, permitiram menos interferência dele). O autor, assim, comprova a independência da banda e o amadurecimento, já apontados como valores positivos (“marca de crescimento”).

Após os elogios, Chico Castro Jr. inicia algumas avaliações não tão positivas. Ele compara o trabalho da banda com *I should coco* (1995) da britânica *Supergrass*, afirmando que o CD da *Brinde* tem “similaridades” com o último, mas com uma menor

variedade em “timbres e climas”. Segundo ele, o grupo tem boas idéias, mas não consegue transformá-las em “reluzentes pérolas pop”. Após essa declaração, afirma que as canções que podem parecer “lineares” aos ouvidos dos menos atentos, são na verdade “lindas” e acaba se perdendo entre elogios e considerações negativas. Como no parágrafo seguinte em que afirma que a banda está em busca de uma “maioridade criativa” ao elogiar a participação “preciosa” da cantora Nancyta Viégas como “preenchedora de algumas lacunas”. A citação da participação da cantora é necessária, mas deveria ser mais esclarecedora. Na cena de rock local ela é bem conhecida, porém para o leitor leigo não passa de um nome.

Perto de finalizar, Chico Castro Jr. ressaltava novamente a questão da independência em relação ao mercado fonográfico (“Em um mundo onde o tamanho do sucesso é uma questão de quanto se paga por ele (...) é um alívio perceber que garotos honestos ainda se dispõem a dar a cara a tapa”), valorizando essa característica do grupo ao afirmar que ele está no caminho certo e elogiando o “talento” dos integrantes, entendida aqui como uma vantagem da *Brinde* contra aqueles que pagam pelo sucesso. Essa opinião é comum entre os críticos de rock que valorizam o talento das bandas e artistas mais do que o número de vendas.

Nos dois últimos parágrafos do texto, que se torna mais informativo, o jornalista menciona os planos dos músicos. Entre eles “batalhar escalação nos festivais que pipocam Brasil afora”, com a ajuda do selo goiano *Monstro Discos*, que está por trás do lançamento dos dois CDs da banda. A participação em festivais e contribuição de um selo em seu trabalho são também características que localizam a *Brinde* no circuito médio independente.

Chico Castro Jr. apresenta um texto mais voltado à informação, porém pontuado por comentários críticos a respeito do novo trabalho da banda *Brinde*. Ele dá bastante ênfase ao fato dela ter um trabalho independente, mas ainda assim maduro, e tece

elogios também ao rock baiano, como costuma fazer em seus textos. Mesmo com tantos elogios, ele encontra espaço para tecer comentários não tão positivos, considerando que a banda está no caminho, sem duvidar do seu talento, mas que ainda há muito pela frente a ser feito. Como participante da cena, há uma certa defesa e vontade do jornalista de fazer com que ela aconteça. Porém percebe-se que o seu texto é focado no público que já faz parte da cena.

FOLHA DA BAHIA

No caderno *Folha da Bahia*, foi encontrada apenas uma nota referente ao lançamento do segundo CD da banda *Brinde*. Na coluna *Pop Takes* da seção *Discomania*, publicada no dia sete de fevereiro, Hagamenon Brito faz uma rápida crítica ao disco. Inicialmente, ele elogia o trabalho anterior da banda (“Brinde fez bonito ao estrear em 2004”) e rotula seu som (“inspirado pelo rock britânico”). As comparações com outras bandas são as mesmas usadas pelos jornalistas do jornal *A Tarde*: *Supergrass*, *The Who*, *The Kinks*, *The Beatles* e *Blur*. Segundo o jornalista, neste segundo trabalho o grupo “mantém a fé no power pop simples”. Podemos interpretar essa rotulação como músicas com força e bom apelo mas sem grandes efeitos. Ele também destaca, como nas outras duas matérias analisadas, a participação da cantora Nancyta em quatro faixas, novamente sem muitas explicações de quem seja a artista.

O jornalista comete o erro também de citar como baixista do CD Rodrigo Damati que, como já esclarecemos, não participou da gravação do álbum. A crítica de Hagamenon Brito é equilibrada, ou seja, enxerga dois lados do disco. Segundo ele, há um “encanto inicial”, e cita a faixa “Te dizer não” como exemplo desse encanto que é “arranhado” pela falta de outras boas canções. E complementa avaliando negativamente as

letras, ou seja, do ponto de vista textual, ele considera as músicas com “excesso de romantismo looser”, o que entendemos como sendo exageradamente românticas, talvez chegando à pieguice. O “*looser*” (que em português significaria “perdedor”) da expressão provavelmente refere-se aos relacionamentos mal acabados descritos nas letras. Interessante notar que na matéria do caderno *Dez!* o depoimento do vocalista dizia exatamente o contrário, assim como a opinião da jornalista, que localizava o novo trabalho como mais otimista.

Hagamenon Brito em sua pequena nota crítica ao novo lançamento da banda *Brinde* consegue passar ao leitor uma noção do que vai encontrar no disco. Mas ele toma uma posição de distanciamento do produto criticado, considerando o trabalho anterior da banda melhor do que este último. Para a cena de rock baiana, essa é uma posição necessária, já que a crítica, importante para a sua consolidação, não deve se fazer apenas de elogios.

COMPARAÇÃO

Temos aqui três textos bastante distintos: o primeiro deles inclui uma crítica de um fã inconformado da banda, o segundo, um partidário da cena de rock baiana, que tropeça ao querer fazer comentários negativos a respeito de uma banda desta cena, e um terceiro que nem é fã e tampouco parte da cena, não deixando de falar o que pensa. Percebemos, porém, semelhanças nos textos como as comparações e rotulações feitas, talvez influenciadas pelo material de divulgação da banda. Todos os textos rotulam o som do grupo como similar ao *britpop* e influenciado pelo rock britânico em geral. Essa característica permite ao leitor perceber uma unidade no som da *Brinde*, além do fato também dos três autores ressaltarem a simplicidade deste som como uma característica positiva, aproximando o álbum às performances ao vivo do grupo. Apesar disso, a crítica nos três textos foi feita, no geral, de maneira superficial, não mencionando detalhes das músicas ou dos instrumentos,

preocupando-se no máximo com as letras ou com a participação da cantora Nancyta Viegas, que nenhum deles identifica quem seja.

4.3.4. RONEI JORGE E OS LADRÕES DE BICICLETA

Inicialmente pensando em um projeto solo, o músico Ronei Jorge, que cantou na *Saci Tric*, queria juntar músicos apenas para gravar suas composições. Como encontrou parceiros com os quais se deu muito bem musicalmente falando, ele optou por fazer parte de uma banda, apesar de que a maioria das composições ainda são suas. A *Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta*, formada também por Pedrão (bateria), Edinho (guitarra) e Sergio Kopinsky (baixo), não gosta de ser rotulada, tendo influências diversas, que vão do rock à MPB. De 2003 até o momento, os músicos fizeram diversos shows em Salvador e Brasil afora, chamando a atenção da *Folha de São Paulo*, *Revista Bizz* e *MTV*. Lançaram seu primeiro CD, homônimo à banda, no final de 2005 com produção de Luiz Brasil e, no momento, estão em processo de gravação do segundo trabalho, que inclui a música *Aquela Dança*, lançada em 2007 no formato compacto.

CADERNO DEZ!

O lançamento do compacto com a música *Aquela Dança* da banda *Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta* rendeu matérias nos três cadernos dos dois jornais analisados. Apesar de tratar do mesmo assunto, nas matérias dos *Cadernos 2* e *Dez!* do jornal *A Tarde* podemos perceber semelhanças e divergências. No caderno *Dez!*, a matéria, escrita por Pedro Fernandes e publicada no dia seis de fevereiro, ocupou boa parte da página cinco do suplemento, tendo uma foto de performance ao vivo da banda. Com o título “Minha carne é

de Carnaval”, fazendo referência ao próprio ritmo da música e às possíveis influências que levaram a banda a compô-la (essa frase faz parte da letra da música “Swing de Campo Grande” do grupo Novos Baianos), a matéria divide-se em duas partes: uma informativa e a outra crítica.

O texto tem início questionando até quando uma banda de rock influenciada pela MPB pode fugir da sua baianidade nagô, o que já nos leva a perceber uma rotulação do seu som. Com a resposta “até agora”, o jornalista anuncia o feito como inédito na história da *Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta*. Para ele, a mistura feita pelo grupo - considerado como integrante da cena de rock baiano - com o ritmo africano ijexá (usado principalmente pelos blocos afoxés como *Filhos de Gandhi*, mas presente em músicas MPB de artistas como Caetano Veloso, Gal Costa, Gilberto Gil e Gerônimo, por exemplo) pode chocar os mais puristas (aqueles que pensam que o rock não deve ser misturado com mais nada). Mas Pedro Fernandes reconhece que a novidade do hibridismo não é tão inédita assim: “Que os puristas não se choquem, até porque o som deles nunca teve nada de puro” e que a influência na verdade vem da releitura que outros artistas já fizeram do ritmo.

No tópico “Antiquados”, usado para adjetivar a banda que queria na verdade lançar um vinil em plena era da troca de músicas pela Internet (“como seria bem mais caro, eles deixaram pra lá”), algumas informações sobre a tiragem do *single* (inicialmente 200 cópias à venda no dia do show) e a produção de Gilberto Monte (nome reconhecido pela cena de rock baiana) na gravação de *Aquela Dança*, que “embora não seja uma prévia do disco que está para começar a ser gravado, estará entre as cerca de oito músicas”. São também mencionados os futuros planos do grupo, como a entrada em estúdio para gravação do próximo álbum, que remetem ao fato de que ela é parte do circuito médio independente. Ao invés de se organizarem a partir de datas e pressões estipuladas por uma gravadora, os integrantes juntamente com o produtor planejam sobre o próximo trabalho (“Não sabemos se

vamos lançar as músicas aos poucos em singles ou pela Internet mesmo. Ainda não está decidido”; “Nossa pressão é por fazer uma música que a gente ouça e tenha tesão”). A respeito do primeiro CD (elogiado pela crítica e público cativo da banda, de acordo com o jornalista), ressalta-se a produção do músico Luiz Brasil, citando nomes como Caetano Veloso e Cássia Eller que também já trabalharam com ele, e valorizando, portanto, a banda de Ronei Jorge.

A crítica intitulada “Quando o rock e o axé se aproximam” afirma que o rock soteropolitano a partir dos anos 90 sempre se defendeu “com unhas e dentes” de influências como *axé music*. O jornalista lamenta o fato de se perder uma influência “bastante rica” de um rock com aproximação a uma cultura afro, subentendo-se que ele é a favor desse tipo de mistura. Esse pode ser um fato contestado já que não há um radicalismo tão grande nessa separação. Outras bandas da cena soteropolitana como *Retrofoguetes* já fizeram, inclusive, versões de grandes clássicos do axé.

Pedro Fernandes percorre então o caminho das influências encontradas na canção *Aquela Dança*, rotulando-a e tentando defini-la para o leitor. Segundo ele, a música resgata uma “sonoridade característica dos carnavais dos anos 80”, comparando-a aos sons do guitarrista Armandinho e da banda *A Cor do Som* e esclarecendo um pouco sobre a questão técnica, o tipo de som que o leitor interessado encontrará ao ouvi-la. Ele, então, faz uma breve descrição desse som: “guitarra baiana” e percussão na batida ijexá, “sem deixar de ser rock”. Após isso, o jornalista entra na questão textual buscando o sentido da letra da música que, de acordo com ele, “conta a história de um desencontro amoroso”, ajetivando-a como sendo ao mesmo tempo simples e poética, e falando sobre o processo de recepção, ou seja, o comportamento dos ouvintes ao escutá-la: “refrão que se decora na primeira audição”. Apesar do refrão que se decora tão facilmente, o que é mais comum em músicas não tão consagradas pela crítica e pelos fãs do rock em geral, o autor rebate declarando que a simplicidade do

refrão “projeta imagens bonitas e evoca a inocência da festa”. E completa alegando que música e letra se apóiam com “elegância”. Ele termina com a afirmação de que *Aquela Dança* é o que foi feita para ser, uma música de Carnaval, podendo ser tocada, inclusive, em cima do trio.

O texto de Pedro Fernandes tem um foco principal: uma banda de rock, muito bem vista pela crítica em geral, fez uma música inspirada no ijexá. A partir daí, argumenta com fatos da história do grupo, que sempre buscou fazer misturas, e da produção da música, em defesa do hibridismo e de um puritanismo menos radical em relação a esse tipo de trabalho. Percebe-se que o jornalista se coloca a favor da *Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta* e valoriza esse hibridismo como algo positivo e desejável, a partir de adjetivos como “bastante rica” (mistura do rock com cultura afro) e comparações da canção *Aquela Dança* ao trabalho de artistas consagrados da música baiana, que fizeram uso do ritmo anteriormente.

CADERNO 2

A matéria publicada no *Caderno 2* no dia nove de fevereiro, ou seja, na mesma semana da publicação do caderno *Dez!*, ocupou apenas $\frac{1}{4}$ da página três do suplemento, situando-se ao lado de uma publicidade. Na verdade, o texto em si ocupa ainda menos espaço, já que o divide com uma foto da banda em performance ao vivo. Escrita por Chico Castro Jr. Jr, a matéria intitula-se “A música é o que importa”. Este título explica-se logo no início do texto quando o autor comenta que “os puristas vão sapatear” por não aceitarem a mistura do rock com outros estilos musicais, mas a banda “não está nem aí”, ou seja, o que importa para eles é a música e não o que os outros vão pensar dela. Esse detalhe já situa a *Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta* como parte do circuito médio independente. Apesar das possíveis

opiniões contrárias dos puristas, o jornalista adjetiva a música, rotulando-a como um “irresistível rock-ijexá”.

Chico Castro Jr. assinala que o show de lançamento de *Aquela Dança* terá a participação do guitarrista Luiz Brasil, produtor do primeiro disco da banda, mas que independente disso os puristas vão torcer o nariz por não aceitar essa mistura (“é pecado do rock baiano trazer elementos alienígenas à estética roqueira”). De acordo com o autor, Ronei Jorge não se abala por saber o que faz, não deixando de incluir novidades em seu trabalho por causa de algo externo à música. E completa com uma declaração dele: “É nisso que eu me concentro: tesão pela música, pela sonoridade, mesmo”. O jornalista parece valorizar essa postura, pois elogia a canção, como já vimos acima, e, conseqüentemente, a banda.

Para argumentar a respeito da qualidade da música, após rotulá-la como “francamente carnavalesca”, ele menciona a produção de Gilberto Monte, produtor “conceituado”, e completa adjetivando a canção de “pérola” do “cada vez mais popular rock baiano”. Essa última observação é bem comum nos textos de Chico Castro Jr. que sempre enche de elogios o rock baiano e tem uma postura de defendê-lo e divulgá-lo. O jornalista inicia então um destrinchamento de *Aquela Dança* fazendo observação sobre cada instrumento e destacando, assim, alguns pontos da sua parte técnica: “balanço da cozinha (baixo e bateria) atentam para os quadris” e “guitarra de Edson Rosa emula um nobre sabor Armandinho Safra anos 70”, referindo-se à época de auge do artista que animava os carnavais com sua guitarra baiana. Percebe-se que para falar sobre os instrumentos, o autor não se aprofundou em características musicais como o timbre, por exemplo. Ele usou o comportamento do ouvinte diante do som (“atentam para os quadris”) e a estratégia da comparação (“sabor Armandinho”). A *Cor do Som* também funciona, assim como na matéria do caderno *Dez!*, como forte referência a este trabalho da banda. Segundo o texto, quem ouve a música “mata logo a charada”, ao perceber a semelhança clara com o referido grupo.

Na parte final do texto, o autor apenas informa ao leitor detalhes sobre o show de lançamento do *single*, incluindo as participações “muito especiais” da irmã de Ronei Jorge, Andréa Martins, na época vocalista da banda *Canto dos Malditos na Terra do Nunca*, e do “parceirão” Luiz Brasil. A vocalista, segundo ele, participa pela primeira vez de um show do irmão cantando a “bela O Drama”, do primeiro disco. Chico Castro localiza o guitarrista Luiz Brasil, para quem não o conhece: “Luiz Brasil, o outro nome em cartaz dessa noite, com seu show intitulado *Back in Bahia*, dispensa apresentações, tendo tocado com Caetano Veloso, Jussara Silveira e outros grandes nomes da MPB”. E adjetiva os músicos da banda dele como “experimentados”, todos participantes de outros projetos como Rowney Scott, por exemplo, saxofonista que toca no trio de jazz *Rowney Scott Trio*. O jornalista fala ainda sobre o repertório do artista e sua banda: “muitas releituras de músicas de Gilberto Gil, como ‘Expresso 2222’ e ‘O canto da Ema’, além de ‘Maracatu Atômico’, de Jorge Mautner”. Mas comete um erro ao afirmar que a música *O Canto da Ema* foi composta por Gilberto Gil, quando, na verdade, é da autoria de Jackson do Pandeiro.

O texto de Chico Castro Jr. é mais informativo. A preocupação maior é passar as informações a respeito do show de lançamento da canção “Aquele Dança” da banda *Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta*. Mas, no desenvolvimento das idéias, o jornalista tece comentários e deixa sua opinião. Ele destaca a posição independente do grupo, pois para ele o que importa é a música e não o que os outros vão pensar a seu respeito. Utilizando-se de estratégias comuns da crítica de rock em geral, percebemos a defesa do rock baiano pelo autor e a necessidade de falar da banda como sendo pertencente a essa cena, como uma maneira de orgulhar-se desta.

FOLHA DA BAHIA

O *Correio da Bahia* publicou duas notas a respeito do show de lançamento da música *Aquela Dança* da banda *Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta*. Uma delas não analisaremos em nosso trabalho já que é apenas informativa e não possui nenhum tipo de comentário ou crítica. A outra, publicada no dia sete de fevereiro, na Coluna *Pop Takes* da seção *Discomania*, foi escrita por Hagamenon Brito. Apesar do tamanho (apenas cinco linhas), o texto tece alguns comentários a respeito da canção lançada.

Para começar, o crítico já rotula e adjetiva a música afirmando que a banda entrou em clima de carnaval e gravou “o delicioso rock ijexá”. Ainda elogiando o som e fazendo comparações, declara que a canção honra artistas como Moraes Moreira e *A Cor do Som*, ajudando o leitor a localizar que tipo de som exatamente vai ouvir. Antes de passar para informações a respeito do show como dia, horário, local e participações da irmã de Ronei Jorge, Andréa Martins, e do guitarrista Luiz Brasil, Hagamenon Brito faz um breve comentário, valorizando ainda mais *Aquela Dança*. Segundo ele, Caetano Veloso “vai adorar, certamente”. Esta é uma estratégia diferente de se elogiar um trabalho musical, refletindo sobre o que um artista consagrado como Caetano Veloso acharia dele. Além de ser um cantor prestigiado, ele também tem canções com influências do ijexá, e funcionaria, portanto, como uma autoridade na avaliação do produto. Aos olhos de um leitor não conhecedor da cena de rock baiana possivelmente faz mais diferença saber a opinião de um artista consagrado do que de um jornalista.

Hagamenon Brito é bem sintético em sua crítica. A nota tem como objetivo anunciar o show de lançamento da música da banda, mas ele aproveita para fazer comentários a respeito dela, elogiando-a com bastante segurança no que diz. O autor procura cativar o leitor através dessa estratégia pouco comum de pensar a opinião de um artista consagrado a

respeito daquilo que está criticando. Ele emite sua opinião, mesmo que rapidamente, através do adjetivo “delicioso” e dos artistas aos quais compara a banda. Mas devido ao tamanho do texto e à pouca argumentação, a crítica ficou superficial, e através dela pouco se sabe realmente sobre a música. Os elogios são feitos, mas não argumentados.

COMPARAÇÃO

A banda *Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta* parece ser bem “queridinha” dos jornalistas baianos. Nos três textos, percebemos o valor que se dá ao trabalho do grupo, defendendo a nova música que propõe uma mistura não tão comum no rock baiano. Desta vez, Chico Castro Jr. ateu-se um pouco mais às informações, mas não deixou de fazer comparações e pensar nos aspectos comportamentais da canção, ou seja, nas sensações que ela provoca. Pedro Fernandes busca a partir de suas argumentações uma defesa bem ferrenha de *Aquela Dança*, talvez para agradar aos tais “puristas” que podem não apreciá-la. Pela primeira vez, encontramos traços de uma análise um pouco mais aprofundada que entra nos detalhes da música, falando um pouco sobre a função de cada instrumento. Isso provavelmente ocorre por se tratar do lançamento de apenas uma canção e não de um álbum como foram nos outros três casos anteriores. Ainda assim, percebe-se que o fato da banda ser “queridinha” influencia na formação de uma opinião muito semelhante dos três jornalistas, sem destacar nenhum ponto desfavorável e buscando talvez, inclusive, agradar ao gosto dos puristas do rock.

Considerações finais

O jornalismo de rock na Bahia se resume aos suplementos culturais dos jornais impressos. Como já vimos, não há revistas ou importantes *sites* na Internet que representem jornalisticamente esse fenômeno local. A partir da análise dos três cadernos culturais dos jornais *Correio da Bahia* e *A Tarde* durante o ano de 2007, chegamos a algumas conclusões a respeito de como o rock baiano é retratado, qual o espaço que ele ocupa, quem escreve sobre ele, que tipo de gênero jornalístico predomina entre os textos encontrados e quais são as principais estratégias, principalmente da crítica ao refletir sobre o rock baiano.

Percebemos inicialmente que os cadernos culturais dos principais jornais da Bahia refletem alguns dos problemas pelos quais passa o jornalismo cultural supostamente em “crise”. A maioria dos textos encontrados foram pequenas notas informativas, passando apenas informações essenciais ao leitor, além das notinhas do roteiro ou agenda cultural que ocupa maior parte dos suplementos, mas que aqui não levamos em consideração. Muitas das matérias analisadas dividem espaço com publicidades, o que caracteriza um outro problema sofrido pelo jornalismo cultural, ou seja, os textos cada vez menores dividindo espaço com grandes fotos²², propagandas, passatempos, colunas sociais e roteiro cultural.

Apesar disso, o espaço dado ao rock baiano é grande, se levarmos em conta uma predileção do jornalismo cultural atual por grandes fenômenos de audiência. Por ser parte de um circuito alternativo da cidade, ou seja, mais próximo do *underground* do que do *mainstream*, o rock baiano é bem valorizado pelos jornalistas locais que parecem querer mudar o cenário musical da Bahia. O trabalho de assessorias de imprensa não influencia em praticamente nada, já que as bandas locais dificilmente possuem assessores que divulguem seus trabalhos. O que nos ajuda a concluir que os jornalistas que escrevem sobre o rock

²² Consideramos que a imagem atualmente exerce papel importante no jornalismo impresso, talvez por influência de mídias como televisão e Internet.

baiano normalmente possuem alguma ligação com a cena, e, de certa forma contribuem com ela a partir de seu trabalho, pautando os eventos e lançamentos atuais.

Praticamente todos os textos encontrados tratavam de *shows* a serem realizados em uma data próxima ou um disco recém-lançado. Esse fato traduz a noção de agendamento que o jornalismo cultural, e especificamente o musical, normalmente segue. Ou seja, os eventos atuais tornam-se pautas impreterivelmente. E a idéia dos jornalistas entrevistados em nosso trabalho é também de divulgar essa cena, instaurando um agendamento contrário, da imprensa para o público, fazendo com que os lançamentos e eventos do rock baiano se transformem em assunto entre os consumidores de bens culturais. Além disso, é característica de boa parte das bandas mencionadas fazerem parte do circuito médio independente, ou seja, o jornalismo cultural baiano privilegia os grupos e artistas com mais visibilidade na cena local. Eles valorizam, portanto, o “*mainstream*” do *underground*, mostrando que, mesmo buscando ir além dos grandes fenômenos de audiência, o jornalista aposta no trabalho mais prestigiado.

Além das notas, o rock baiano também é assunto de textos maiores, sendo a maioria, porém, informativa. O jornalismo cultural é enriquecido e tem seu papel cumprido principalmente através do texto crítico. Mas, como vimos em nossa análise, a crítica é quase inexistente no texto jornalístico voltado ao rock baiano. Nas matérias em que há uma crítica ao lado ou que tecem comentários críticos ao longo do texto informativo, estes são normalmente positivos. O fato de grande parte das avaliações serem positivas não é um problema, e sim a ausência de críticas pontuais. A cena local possui muitos produtos feitos de forma independente e sem pretensões mercadológicas, o que de forma alguma é mencionado pelos jornalistas. Com comentários negativos, apenas o texto que se refere a banda *Brinde* escrito por Hagamenon Brito, que aliás é o que mais consegue se distanciar da cena, provavelmente por não fazer mais parte dela, tendo assim menos vínculos.

Os textos dos jornalistas Leonardo Maia e Chico Castro Jr. analisados seguem, portanto, uma estratégia de colocar entrevista, informações e críticas, mostrando uma certa dificuldade em construir um espaço crítico. Em depoimento, ambos se consideram participantes da cena por acompanharem os eventos e serem amigos de algumas bandas. Não é errado, como vimos, gostar daquilo que está criticando, mas deve-se ter cuidado com uma aproximação extrema que acaba influenciando no momento de falar sobre determinada obra ou trabalho. De acordo com Piza (2003),

Não existe uma regra que impeça que críticos e criticados sejam amigos, para além de seus contatos profissionais. Mas é bom, caso aconteça essa amizade, que se deixe claro, para ambos os lados, de que há esses dois níveis de amizade. (...) Tal atitude, diga-se, não é muito comum no meio cultural brasileiro. Como nossa cultura hipervaloriza os laços afetivos e ainda há muito espírito de “compadrio” ou “clubismo” na mentalidade nacional (...), é comum que um jornalista se deixe envolver (...) e perca parte da clareza sobre essas relações.(p.91-92)

As estratégias utilizadas nas críticas são basicamente as mesmas: comparação, adjetivação e rotulação. Elas são uma forma de descrever as sensações musicais, mas o que encontramos, na maioria das vezes, são adjetivações que não são sustentadas por uma apreciação mínima do produto criticado. Ou seja, elogios são feitos à banda ou aos discos, mas não há uma argumentação aprofundada. E em se tratando de gênero, as críticas localizam o leitor a partir das rotulações do som e das comparações feitas com grupos do mesmo gênero, mas o fazem de maneira superficial, deixando de analisar diversos aspectos como as regras técnicas e formais, por exemplo, que dizem respeito à maneira como as músicas são tocadas, os instrumentos, os arranjos, o ritmo e a melodia, a qualidade da gravação, etc... Estes aspectos, muito importantes na crítica a um produto musical, estão ausentes em praticamente todos os textos analisados. Reconhecemos que nem sempre há a intenção do profissional ou

do veículo em utilizar o formato de crítica, mas o que levamos em consideração é a importância deste tipo de texto para a consolidação de cenas musicais.

A análise nos leva a concluir que a ausência de uma indústria, um mercado fonográfico na cena do rock baiano dificulta o surgimento do espaço crítico, de discussão argumentada sobre o trabalho das bandas. Os jornalistas acabam tendo uma posição favorável ao crescimento da cena, já que ela é alternativa, procurando divulgar os eventos e discos lançados e não exatamente criticá-los, eximindo-se de aprofundar julgamentos mais assertivos que poderiam comprometer a já precária cena rocker baiana. A maioria dos profissionais conhece as bandas e seus integrantes e batalha ao lado deles para alcançar esse espaço entre o público consumidor de música da Bahia. Alguns jornalistas, como vimos, afirmam que escrevem sobre o rock justamente para estimular o crescimento desse público nos shows e na procura por álbuns e músicas. Ainda segundo eles, o público de rock é maior em potencial do que se encontra nos eventos. Mas essa questão ficaria para um futuro trabalho: afinal qual o tamanho real do público de rock baiano, ou seja, o público que se volta para o que é feito localmente?

Esperamos com o presente trabalho ter colaborado para uma visão ampliada e crítica da produção do jornalismo musical baiano, principalmente voltado ao rock local. E estabelecer, assim, um caminho para que a crítica seja mais presente e cuidadosamente construída e estimule, assim, a consolidação da cena do rock baiano. Devemos reconhecer, porém, que devido a inexistência de um mercado forte, que possibilite um pouco mais de independência em relação aos juízos de valor sobre os produtos musicais da cena local, o esforço dos jornalistas deve ser maior em busca de um afastamento dessa cena no momento de escrever sobre ela. Somente assim o crítico poderá cumprir seu real papel de mediador entre produtores e consumidores.

Referências Bibliográficas

A TARDE. Salvador: Editora A Tarde SA. 1912- . Diário. Disponível em: <http://www.atarde.com.br>

ANDRADE, Jorge Wagner Mello de. **A imprensa musical no Brasil e a revista Rolling Stone**. 2007. Monografia (Bacharel em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro. Disponível em: http://screamyell.com.br/outros/JW_MONOGRAFIA2007.pdf. Acesso em: 04 mar. 2008.

ANTONELLI, Valdir. **Música independente na mídia: uma busca por espaço**. 2006. Monografia (Pós-Graduação *Lato Sensu* em Jornalismo Cultural) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo. Disponível em: http://www.dropmusic.com.br/bsite/independentes_na_midia.pdf. Acesso em: 10 jan. 2008.

BRAGA, José Luiz. O sistema de resposta social. In: BRAGA, José Luiz. **A Sociedade Enfrenta sua Mídia**. Dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006. cap.1, p.21-44.

BRANDINI, Valéria. **Cenários do rock: mercado, produção e tendências no Brasil**. São Paulo: FAPESP/Olho d'água, 2007.

BRITO, Hagamenon. Pop Takes (Nota sobre a banda The Honkers). Correio da Bahia, Salvador, 17 jan. 2007. Folha da Bahia, Discomania. Disponível em: <http://www.correiodabahia.com.br>.

_____. Pop Takes (Nota sobre a banda Brinde). Correio da Bahia, Salvador, 7 fev. 2007. Folha da Bahia, Discomania. Disponível em: <http://www.correiodabahia.com.br>.

_____. Pop Takes (Nota sobre a banda Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta). Correio da Bahia, Salvador, 7 fev. 2007. Folha da Bahia, Discomania. Disponível em: <http://www.correiodabahia.com.br>.

BUITONI, Dulcilia Helena Schroeder. **“Entre o consumo rápido e a permanência: jornalismo de arte e cultura”**. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). *Outras Leituras: literatura, televisão, jornalismo de arte e cultura, linguagem interagente*. São Paulo: Editora Senac São Paulo: Itaú Cultural, 2000. p. 55-72.

CALABRESE, Omar. O gosto e o método. In: CALABRESE, Omar. **A Idade Neobarroca**. Lisboa: Edições 70, 1988. cap.1, p.13-40.

CASTRO JR., Chico. **A música é o que importa**. A Tarde, Salvador, 9 fev. 2007. Caderno 2, p.3. Disponível para assinantes em: <http://www.atarde.com.br>.

_____. **Uma banda ‘fofútil’**. A Tarde, Salvador, 24 fev. 2007. Caderno 2, p.3. Disponível para assinantes em: <http://www.atarde.com.br>.

_____. **No Caminho certo, a Brinde lança segundo CD.** A Tarde, Salvador, 13 mar. 2007. Caderno 2, p.3. Disponível para assinantes em: <http://www.atarde.com.br>.

_____. **De mangas arregaçadas.** A Tarde, Salvador, 29 abr. 2007. Caderno 2, p.1. Disponível para assinantes em: <http://www.atarde.com.br>.

COELHO, Marcelo. **Jornalismo e Crítica.** In: MARTINS, Maria Helena (org.). Rumos da crítica. São Paulo: Itaú Cultural, 2000. p. 83-94.

_____. **Crítica Cultural:** teoria e prática. São Paulo: Publifolha, 2006.

COELHO, Teixeira. **Outros olhares.** In: LINDOSO, Felipe (org.). Rumos (do) jornalismo cultural. São Paulo: Summus/Itaú Cultural, 2007. p. 25-29.

CORREIO DA BAHIA. Salvador: Rede Bahia de Comunicação SA. 1979- . Diário. Disponível em: <http://www.correiodabahia.com.br>.

CUNHA, Lucas; QUINTELA, Gabriela. **Com muitos hits de brinde.** A Tarde, Salvador, 30 jan. 2007. Caderno Dez!, p.5. Disponível para assinantes em: <http://www.atarde.com.br>.

DÓRIA, Pedro. **Dilemas on-line.** In: LINDOSO, Felipe (org.). Rumos (do) jornalismo cultural. São Paulo: Summus/Itaú Cultural, 2007. p.98-102.

FRAGA, Danilo. **O beat e o bit do rock brasileiro:** internet, indústria fonográfica e a formação de um circuito médio para o rock no Brasil. In: E-Compós (Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação), edição 9, agosto de 2007. Disponível em: http://www.compos.org.br/files/23ecompos09_DaniloFraga.pdf. Acesso em: 04 mar. 2008.

_____. **Espírito Adolescente.** A Tarde, Salvador, 13 mar. 2007. Caderno Dez!, CD-R. P.4. Disponível para assinantes em: <http://www.atarde.com.br>.

FREIRE FILHO, João e FERNANDES, Fernanda Marques. **Jovens, espaço urbano e identidade: reflexões sobre o conceito de cena musical.** In: FREIRE FILHO, João e JANOTTI JÚNIOR, Jeder (orgs.). **Comunicação & música popular massiva**, p. 25-40. Salvador: EDUFBA, 2006.

FREIRE Filho, João. **Das subculturas às pós-culturas juvenis: música, estilo e ativismo político.** In: **Contemporanea.** Revista de Comunicação e Cultura / Journal of Communication and Culture , Salvador, V. no. 1, Jun/2005.

FRITH, Simon. **Performing rites:** on the value of popular music. Cambridge: Harvard University Press, 1998.

GARRIDO, Aline. **Música para ler:** Uma análise dos critérios utilizados na abordagem da música popular nos cadernos de cultura dos jornais A Tarde e Correio da Bahia. 2002. 137 f. Monografia (Bacharel em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.

JANOTTI Jr., Jeder. **Aumenta que isso aí é rock and roll**. Mídia, gênero musical e identidade. Rio de Janeiro, E-Papers, 2003.

_____. **Gêneros musicais, performance, afeto e ritmo: uma proposta de análise midiática da música popular massiva**. In: Contemporânea. Revista de Comunicação e Cultura / Journal of Communication and Culture, Salvador, V 2, no.2, 2004. p. 189-204.

JASMIN, Camila; MAIA, Leonardo. **Frente e Verso**: A música e a rotina de cinco bandas do rock baiano. 2006. Projeto Experimental (Bacharelado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

MAIA, Leonardo. **Lançamento Desfalcado**. Los Canos faz show do seu primeiro CD sem a presença do vocalista e principal letrista da banda. Correio da Bahia, Salvador, 30 mar. 2007. Folha da Bahia. Disponível em: <http://www.correiodabahia.com.br>.

MAIA, Leonardo. **O rock explosivo da The Honkers**. Banda baiana lança disco em Salvador e divide o palco com a Vamoz! Correio da Bahia, Salvador, 12 mai. 2007. Folha da Bahia. Disponível em: <http://www.correiodabahia.com.br>.

Manual da Redação: Folha de S. Paulo – São Paulo: Publifolha, 2007.

Manual de Estilo acadêmico: monografias, dissertações e teses / Nídia M.L. Lubisco; Sônica Chagas Vieira; revisão e sugestões de Isnaia Veiga Santana. 2. ed.rev.e ampl. – Salvador: EDUFBA, 2003. 145p.

MAULER, João Paulo Alvim. **Consumo de música na pós-modernidade**: as novas tecnologias e o papel da crítica. 2007. 64f. Monografia (Bacharel em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

MEDINA, Cremilda. **Leitura Crítica**. In. LINDOSO, Felipe (org.). Rumos (do) jornalismo cultural. São Paulo: Summus/Itaú Cultural, 2007. p.32-35.

NETO, Pedro Fernandes da Silva. **Avaliação e música popular massiva**: uma análise de críticas musicais publicadas em jornais impressos. 2006. 52f. Monografia (Bacharel em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

_____. **Minha carne é de carnaval**. A Tarde, Salvador, 6 fev. 2007. Caderno Dez!, p.5. Disponível para assinantes em: <http://www.atarde.com.br>.

PIRES, Paulo Roberto. **A ilusão tecnicista**. In. LINDOSO, Felipe (org.). Rumos (do) jornalismo cultural. São Paulo: Summus/Itaú Cultural, 2007. p.30-31.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.

RIVERA, Jorge B. **El Periodismo Cultural**. Buenos Aires: Pardos, 1995.

SACRAMENTO, Ednilson. **Rock baiano**: História de uma cultura subterrânea. Salvador, BA, Faz Cultura, 2002.

SALDANHA, Rafael Machado. **Rock em revista**: o jornalismo de rock no Brasil. 2005. Projeto Experimental (Bacharel em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. Disponível em: http://www.facom.ufjf.br/projetos/1sem_2005/pdf/RSaldanha.pdf. Acesso em: 10 jan. 2008.

SCHOENHERR, Rafael. **Ajustes e possibilidades de estudo do agendamento musical jornalístico**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., 2004. Porto Alegre. Anais... São Paulo: Intercom, 2004. CD-ROM. Disponível em: <http://repositorio.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/17303/1/R1484-1.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2008.

SEIXAS, Raul. **O baú do Raul revirado**. Org. e apres. Sílvio Essinger. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

STYCER, Maurício. **Seis problemas**. In: LINDOSO, Felipe (org.). Rumos (do) jornalismo cultural. São Paulo: Summus/Itaú Cultural, 2007. p.72-75.

SZANTÓ, András. **Um quadro ambíguo**. In: LINDOSO, Felipe (org.). Rumos (do) jornalismo cultural. São Paulo: Summus/Itaú Cultural, 2007. p.37-46.

ANEXOS

HONKERS – A TARDE: CADERNO 2

De mangas arregaçadas

Chico Castro Jr.

Nos subterrâneos da capital baiana, formiguinhas dedicadas trabalham dia e noite (mais à noite) animando suas próprias festas, criando sua própria cena cultural, administrando suas próprias carreiras – sempre de forma independente e sem pedir licença, nem a bênção de ninguém, nem homenageando a quem quer que seja.

Ninguém ganha dinheiro com isso – pelo contrário, costuma-se perder – mas, pelo menos, o pessoal se diverte adoidado. E nesse quesito – diversão – poucas bandas se equiparam aos fabulosos The Honkers. Idealizada em 1997, fez seu primeiro show somente no ano 2000. De lá para cá, a banda lançou dois EPs, participou de coletâneas, rodou o Brasil e a Argentina fazendo shows e apareceu de cuecas na TV, durante um polêmico show no Festival de Verão de 2006.

Na verdade, foi só o vocalista Rodrigo Sputer Chagas que ficou de cueca, mas da destruição que se seguiu no palco, com a quebra dos instrumentos, todos da banda participaram.

Agora eles estão de volta à estrada, finalmente lançando seu primeiro CD cheio, Roll Up Your Sleeves And Help Us Rock Up This Honker World. Em bom português, “Arregace as mangas e ajudemos a balançar este mundo Honker”.

São 13 faixas, sendo as sete primeiras inéditas e gravadas ao vivo no estúdio. O restante saiu no EP Between The Devil And The Deep Blue Sea (2004, esgotado), com exceção de This Is An Old World, lançada em single.

“O objetivo é de ser uma demo, mesmo. Foi tudo ao vivo no estúdio, senão perde o punch. Nosso som não precisa de maquiagem”, dispara o guitarrista Felipe Brust, demarcando território. Para lançar o CD, os rapazes viajaram na semana passada a São Paulo, onde cumpriram uma apertada agenda de quatro shows em três dias.

O primeiro foi quinta-feira na casa Funhouse. Na sexta, a banda foi a Campinas, onde tocou no Bar do Zé. No sábado, sessão dupla em São Paulo. De tarde eles animaram um pocket-show no Radio Clash, uma loja de discos na Galeria do Rock, e, à noite, ‘quebraram tudo’ no Inferno Club, com os paraibanos da Zefirina Bomba e o DJ/produtor baiano Rogério Big Brother.

“E todos os shows com repertórios diferentes!”, garantiu um post recente no fotolog oficial da banda (www.fotolog.com/thehonkers).

Em Salvador, o show de lançamento será no próximo dia 13 de maio, no Teatro Sitorne (Rio Vermelho), com participação da ótima banda indie pernambucana Vamoz!, que também estará lançando CD e DVD ao vivo.

Na mesma ocasião, ainda será exibido em primeira mão o clipe da faixa People Love Hate, dirigido pelo premiado Alexandre Xanxa Guena.

QUÍNTUPLOS – Este ano, os meninos maluquinhos dos Honkers pretendem iniciar um projeto inédito no mercado fonográfico: gravar e lançar, simultaneamente, cinco CDs diferentes.

Repertório para isso eles já têm. Consta que Rodrigo Sputer Chagas, o vocalista desbandeirado, que curte um semi-striptease no palco e é um leitor voraz de autores beatniks e marginais em geral, teria umas 300 letras rabiscadas e engavetadas.

“Tem um disco que é só de música bem pop e baladas. Um mais porra-deiro, punk. O terceiro é no meio termo. O quarto é só de covers e o quinto, com músicas em português”, descreve o baterista Dimmy O Demolidor Drummer.

Se esse é um projeto certamente impraticável para bandas estabelecidas nas majors e de vendagem garantida, que dirá para um grupo de garagem independente – e pior: oriundo da maldita e malquista cena rock soteropolitana.

Não à toa, o projeto custa a sair do papel, arrastando-se há anos. “Esse projeto dos cinco discos surgiu em 2004, mas de lá pra cá a gente teve que repensar. A indústria, a conjuntura, toda mudou muito. Mas de qualquer jeito, vamos entrar em estúdio para registrar todas as músicas do projeto original. Aí então é que vamos estudar a melhor maneira de implementá-lo”, garante Brust.

GOLAÇO – Enquanto os cinco discos não vêm, o negócio é curtir o CD da hora. E que CD. Curto e grosso, percorrem-se suas 13 faixas sem qualquer esforço.

É rock de garagem na veia, com suíngue e levadas para entortar o cangote de qualquer um, com muitas influências de Chuck Berry, rockabilly, garageiros dos anos 60 e 70, punk e até mesmo indie rock contemporâneo, como na citada This Is An Old World, que parece ter sido surrupiada de alguma sobra de estúdio dos Strokes.

Os momentos mais dançantes ficam com She'll Be My Little One, Devil Girl e Distorced Party (surf music de primeira).

É música para se descabelar na pista de dança. Let Me Feel The Sun namora com o garage psicodélico dos anos 60, Where Do I Go é ska na linha The Specials e Between the Devil And The Deep Blue Sea é uma balada indie para casais de todas as idades dançarem juntinho. Um belo disco e mais um golaço do rock baiano – cada dia melhor, apesar dos mil e um percalços e dificuldades.

HONKERS – CORREIO DA BAHIA: FOLHA DA BAHIA

O rock explosivo da The Honkers

Banda baiana lança disco em Salvador e divide o palco com a Vamoz!

Leonardo Maia

Uma das bandas mais divertidas do rock baiano, a The Honkers é conhecida pelas performances explosivas, música alta até o talo e alma garageira. Mas eles também são bons em estúdio e prova disso é a demo Roll up your sleeves and help us rock up this honker world, que está saindo pelo selo local aTalho Discos. O álbum de 13 faixas já foi lançado oficialmente em São Paulo, onde a banda esteve no mês passado para uma miniturnê de quatro shows, mas a festa na cidade natal tem sempre um gosto especial. O encontro está marcado para amanhã, a partir das 16h, no Teatro Sitorne (Rio Vermelho), contando com a presença da ótima banda pernambucana Vamoz!, que traz também um lançamento na bagagem: o CD e DVD Damned rock n'roll. Pela segunda vez na Bahia, a Vamoz! faz um rock direto, bem melódico, com influência de Neil Young e The Beatles.

O disco, que será lançado amanhã pelo Honkers, é na realidade, a junção de dois trabalhos da banda, o elogiado EP Between the devil and the deep blue sea (já esgotado) e um outro que não chegou ao formato físico, mas cujas músicas já estavam disponíveis na internet. O trabalho (com belo projeto gráfico de Mauro YBarros) confirma a veia garageira da banda, com influências de diversos estilos como punk, indie rock, power pop, ska e rockabilly. “É um trabalho mais profissional. Demoramos de lançar por causa de grana, a gravação mais recente é de dezembro de 2004, mas dá para sacar a cara da banda”, conta o vocalista Rodrigo Chagas, 28, mais conhecido como Sputter.

Quando fala da cara da banda, Sputter se refere às duas tendências seguidas pelo Honkers: de um lado a vertente mais suja e energética, do outro a veia mais pop e baladeira, chegada ao indie rock. Seguindo uma lógica, o show de amanhã deve começar com canções mais lentas até explodir com as mais pesadas, num total de 25 canções. “O show do Honkers é espontâneo, nunca se sabe o que vai acontecer. O clima vai ser animado, vamos estar na pilha de tocar”, promete Rodrigo, que costuma entregar performances catárticas, ao lado de Felipe Brust (guitarra e vocal), Bruno T. (guitarra), T612 (baixo) e Dimmy (bateria).

O repertório trará todas as canções de Roll up your sleeves..., incluindo faixas mais antigas não tocadas há tempos, como Where do I go? e Pretty punk girl. Serão apenas músicas próprias, a exemplo de She'll be my little one, People love hate (com um quê de punk) e a ótima This is an old world (com uma guitarra que é a cara do Strokes). Para aqueles que não sabem se irão ao show, devido ao Dia das Mães,

Rodrigo manda um recado: “Leve sua mãe também! Mãe entra de graça e grávida paga meia”, anuncia, sempre divertido.

Hagamenon Brito

THE Honkers (BA) reiteram a condição de ser uma das mais interessantes e vibrantes bandas do rock independente nacional atual com o CD Roll up your sleeves and help us rock up this honker world (Atalho Discos, R\$15). A virtude do grupo de Rodrigo “The Sputter” Chagas está em saber combinar várias influências (punk rock, rockabilly, ska punk, neo-garage, etc) com peso e boas melodias pop, chegando a criar baladinhas nota 10 como Between the devil and the deep blue sea (de título homônimo ao clássico do jazz), que bem poderia estar na trilha de The O.C. se os Honkers fossem americanos ou ingleses. O disco é uma espécie de CD-demo de luxo, a começar pelo estojo de acrílico e arte gráfica maneira de Mauro YBarros: reúne sete canções gravadas ao vivo em apenas uma tarde no Vértice Estúdio, uma bônus (a strokeana This is and old world) e cinco faixas do ótimo e esgotado primeiro EP. Em 2007, os Honkers querem tocar na Europa e nos EUA e planejam lançar cinco CDs de vez. Dia 2 de fevereiro, às 20h, a banda faz show no Dubliner’s Irish Pub (Barra), junto com Vendo 147 e a paraibana e boa Zeferina Bomba.

LOS CANOS – CORREIO DA BAHIA

Lançamento desfalcado

Los Canos faz show do seu primeiro CD sem a presença do vocalista e principal letrista da banda

Leonardo Maia

Na noite mais importante da sua trajetória, a banda baiana Los Canos vive uma situação no mínimo inusitada. O lançamento do CD de estréia, o ótimo Cada vez mais limpo e romântico, não vai contar com a presença do vocalista e principal letrista da banda, Eduardo Penna. A saída, provocada por motivos familiares e profissionais, pegou a todos de surpresa, mas os remanescentes da Los Canos trataram rapidamente de convocar um substituto: André Mendes, do grupo Maria Bacana. É com essa formação provisória que a banda apresenta seu punk romântico e divertido amanhã, a partir das 22h, na Boomerangue (Rio Vermelho). A festa também conta com a presença dos cariocas do Autoramas e dos DJs El Cabong e Janocide, idealizadores da Festa Nave.

Foi nos corredores do curso de Publicidade e Propaganda da Ucsal, em 2002, que a Los Canos surgiu. Despretensiosa, como uma brincadeira feita para sobreviver apenas na internet, a banda cresceu, tocou em festivais alternativos importantes, como o Ruído Festival (Rio de Janeiro), Mada (Natal) e MorMarço (João Pessoa), e reuniu elogios da crítica com o EP O meu hobby é te amar (2003). Mesmo assim, a questão de não responder pelo sustento dos seus componentes colaborou para o racha do grupo. “O fato é que a banda sempre foi um hobby e um hobby bem caro e que ocupa muito tempo. E a vida vai andando e temos que fazer com que as coisas que realmente fazem diferença no futuro andem”, esclarece Penna.

A decisão, porém, surpreendeu a todos, afinal é a voz de Penna que marca todo o disco e o jeito desleixado da banda se deve muito à postura do cantor no palco. “A partir do momento que uma pessoa não quer, é melhor que não faça mesmo. Acabou se tornando uma decisão coletiva. Havia um descontentamento, mas não esperava que ele saísse agora”, afirma o baixista Gil, 25, que responde pela Los Canos ao lado de Michael (guitarra), Glauco Neves (bateria) e Mary (backing vocal).

Mesmo que André Mendes ainda não tenha sido oficializado como novo vocalista, é desejo da banda que ele assuma de vez o posto. “Sempre curtimos a Maria Bacana e o André está nos dando a maior força. Vamos deixar a coisa rolar, se ele quiser, vai ser fantástico”, torce Gil, aproveitando para adiantar que devem rolar participações especiais no show de Fábio Cascadura e dos componentes da Vinil 69.

O disco vai pintar quase por completo na apresentação de amanhã, com destaque para as divertidas Garota nota 7, Nada sem você, Ela não gosta de mim, Patrícia, Camisas listradas te fascinam e Tudo por você. Vão rolar ainda covers de Ramones e Guns N’Roses, mas músicas mais novas, que foram compostas após a gravação do disco, devem ficar de fora, devido ao pouco tempo de ensaio. “Dessa fase nova, tem composições de todos nós, não só de Penna. São canções de amor, mas com termos, andamentos e melodias diferentes. Músicas mais trabalhadas e adultas”, explica.

Energético - É rock, é romântico, é brega, é punk, é Jovem Guarda, é guitareiro. Muito pode se falar sobre o disco Cada dia mais limpo e romântico, que sai pelo selo capixaba Läjä Rekords. Principalmente que é um fiel registro da despretensão da Los Canos, uma banda adolescente e bem enérgica. Foram necessários quase dois anos para o álbum finalmente sair do forno e o resultado valeu a espera. O material traz uma produção bem-acabada de Beto Neves e um projeto gráfico caprichadíssimo, nos moldes de uma agenda típica dos teens, com assinatura do designer Mauro YBarros.

Bebendo na fonte de artistas como Wander Wildner, Little Quail & The Mad Birds, Autoramas, Os Pedrero e Cascavelletes, a Los Canos entrega ótimas músicas, com letras engraçadas, ar jovial e sem grandes arroubos instrumentais. Mercadologia, a primeira música composta pela banda, abre o disco como uma porrada punk, com letra divertida sobre uma temida disciplina da faculdade. Em faixas como Patrícia, Gatinha (mezzo Nirvana) e Eu sou mau, a banda deixa mais à vista a sua veia garageira.

Sobressaem-se também as irreverentes e românticas letras de Penna, como em Garota nota 7 ("Essa garota faz meu tipo/ Essa garota é nota 7/Mas é bem melhor que/ Sua garota nota 10"), Ela não gosta de mim ("Você gosta tanto de mulher quanto eu/ Mas se for ver quem pega mais, aí você venceu/ Ela não gosta de mim por que não gosta de garotos") e Coração bola oito ("Menina tatuada, me apaixonei por você/ Seu coração bola oito destruiu minha razão"). Canções com acento pop que a Los Canos pretende mostrar em muitos outros shows, assim que for definida a nova formação.

LOS CANOS – A TARDE: CADERNO 2

Uma banda fofútil

Chico Castro Jr.

Eles são românticos, eles são cara-de-pau e parecem não querer crescer nunca. Ainda bem, porque é exatamente o espírito de eterno adolescente que tempera e dá cara própria ao som da Los Canos, um dos destaques do rock local, que finalmente chega ao aguardado primeiro cd, Cada dia mais limpo e romântico (Läjă Records).

A festa de lançamento já tem data e local: 31 de março, na casa de shows Boomerangue. "Estamos vendo se trazemos o Autoramas pra tocar com a gente, mas isso ainda não está confirmado. Queremos fazer um festão mesmo, tipo baile de debutantes, avisa Dudu de Carvalho (guitarra e vocal do grupo).

Formada por Dudu, Loinho Sweet (baixo), Mary (backing vocal), Michael (guitarra) e Glauco (bateria), a LC surgiu em 2002, mas só começou a fazer shows no ano seguinte. "Eu tinha uma outra banda, mas não tinha muito a ver. Fiz umas letras, mas o pessoal só gostou de uma, Mercadologia. Isso mudou o tom da banda e acabou por definir o estilo da Los Canos", conta Dudu, autor de quase todas as faixas do disco.

MORAL – Esbanjando sabedoria de pátio de colégio no som cru - ou "tosco" como classificam os mais ranhetas - , a Los Canos logo começou a chamar a atenção no cenário alternativo. Já em 2004 lançou seu primeiro registro em cd, o EP Meu Hobby é te amar, sucesso instantâneo no meio rock, facilitado pela distribuição das faixas em MP3 Brasil afora.

No mesmo ano, começaram a viajar para se apresentar nos festivais de rock de outros estados, tendo tocado no Rio, São Paulo, Goiás, Rio Grande do Norte e Paraíba. Em terras cariocas chegaram cheios de moral, como umas das apostas do festival Ruído. "A gente tava meio apavorado de tocar no Rio. No mesmo dia saíram matérias sobre o festival n' O Globo e no JB, dando um puta destaque pra Los Canos", recorda Loinho Sweet. "Quando a gente soube que o Tom Capone estava na platéia só pra nos ver, então, eu comecei a tremer. Sério, minha mão tremia na guitarra", confessa Dudu, referindo-se ao famoso produtor morto em 2004, num acidente de moto em Los Angeles.

De lá pra cá, tocaram no histórico festival Claro que é Rock, que balançou a Concha Acústica em 2005 com o show da banda inglesa Placebo, além do Goiânia Noise, MADA, e Festival do Sol (ambos no Rio Grande do Norte) e Mor-Março (Paraíba). Já abriram shows para bandas como Cansei de Ser Sexy, Forgotten Boys e Pitty, entre muitos outros.

JASPION- Em Goiânia, travaram contato com Fábio Mazine, agitador da cena punk capixaba e dono da Läjă Records. Mazine, que já havia gostado do EP de 2004, prontamente se disponibilizou para lançar o primeiro CD da LC. "Foi um lançamento do tamanho que a gente queria. O Läjă é um selo que lança várias bandas que a gente gosta e o patrão é empolgadão com nosso som, o CD tá baratinho (R\$13) e será distribuído nos locais certos", garante Loinho. O mais legal é que o Läjă ainda tem acordo com o selo japonês Karasu Killer, ganhando distribuição na terra do Sol Nascente. "Me senti o próprio Jaspion,

quando recebi o material da Karasu, umas fotos nossas com aqueles caracteres japoneses”, brinca o baixista.

“Tentamos fazer o disco mais fofútil do mundo. Nos inspiramos em nossas namoradas, tanto que o encarte tem um design imitando aquelas agendas de menina”, conta Dudu.

Satisfeitos com o que conseguiram, mas dispostos a conseguir muito mais, a Los Canos quer trabalhar direitinho o lançamento do seu primeiro “filhote”. “Estou muito satisfeito com a banda e com o disco, menos comigo. A pior coisa da Los Canos é a gente mesmo”, ri Loinho, naquela autodepreciação adolescente que é a cara da banda.

Eles vão invadir sua praia, a festa, o carro, o churrasco...

Um disco que já começa dizendo que “ontem eu fui ver um show do Wander Wildner” só pode ser bom. Inspirado pelo rei gaúcho do punk-brega, um bem-vindo tom de gaiatice permeia todo o primeiro cd da Los Canos – a começar pelo título, Cada dia mais limpo e romântico, uma tiração de sarro com o clássico punk Cada dia mais sujo e agressivo (1987), dos Ratos de Porão de João Gordo.

Esperta, a rapaziada da Los Canos sabe que é muito fácil fazer pose de roqueiro malvado e parte para o caminho inverso – ou “fofútil”, como definiu seu vocalista Dudu de Carvalho. O resultado é uma deliciosa coleção de faixas solares, velozes e auto-irônicas.

Punk Rock bubblegum na veia dos Ramones até o osso, as letras simples e diretas enfocam aqueles tipos tão comuns e universais na vida escolar de todos nós: a patricinha que nunca nos deu bola (em Patrícia), à Garota Nota Sete (mas que “é bem melhor que sua garota nota dez”) ou a adolescente lésbica (“Ela não gosta de mim porque não gosta de garotos”).

DÉBUT – Cada dia mais limpo e romântico chega a lembrar uma outra estréia fonográfica de 22 anos atrás: Nós vamos invadir sua praia, do Ultrage a Rigor. Assim como o genial primeiro disco da banda paulista, o debut da Los Canos é uma verdadeira sucessão de canções fáceis, candidatas a hit e quase sempre muito engraçadas, aptas a animar qualquer festinha.

Claro que com um perfil tão descontraído e francamente adolescente, a chamada maturidade musical não é forte nem o foco dessa galera que só quer se divertir e proporcionar diversão a sua audiência.

Portanto, se sua idéia de boa musica está atrelada ao número de acordes de uma canção, esqueça a Los Canos e fique com aquele seu CD de Joe Satriani, que é melhor.

Dito isso, pode-se afirmar que Cada Dia mais Limpo e Romântico é um disco que preenche plenamente suas pretensões – sejam lá quais forem, já que, provavelmente, são impublicáveis.

De qualquer modo, se sua pretensão é apenas curtir um bom disco de rock’n’roll feito com garra, sinceridade, emoção e inteligência, não deixe de conferir clássicos instantâneos como Uma Bandinha de Rock, Nada sem Você, as citadas Garota Nota Sete, Ela não Gosta de Mim e Mercadologia.

Destaque também para o excelente trabalho gráfico de capa e encarte de autoria de Mauro Ybarros, imitando uma daquelas agendas de menina, cheia de coraçõezinhos, anotações e outros badulaques típicos de garotas em idade escolar. Desde já, um dos melhores lançamentos do rock baiano em 2007.

Por enquanto, só é possível adquirir o CD da LC em Salvador na loja Copyluz (G Barbosa Costa Azul) ou pelo e-mail frangoterecords@gmail.com. Breve, também nas melhores casas do ramo.

LOS CANOS – A TARDE: CADERNO DEZ

Danilo Fraga

Espírito adolescente/ Rock é adolescente e não dá pra fugir disso. Ramonesm Little Quail & The Mad Birds e Cascavelletes descobriram a fonte da juventude e foram felizes para sempre. E os Los Canos está no caminho, ainda bem. São canções que falam do cotidiano juvenil. São inteligentes às vezes, outras não. Mas sempre são divertidas. A menina que nunca lhe deu bola (Patricinha), a que até dá bola mas é lésbica (Ela não gosta de mim), todas estão lá. Essa banda é nota sete, mas é bem melhor que sua banda nota dez.

BRINDE – A TARDE: CADERNO DEZ

Com muitos hits de brinde

Gabriela Quintela

Onze músicas em 33 minutos. É assim, sem delongas, que a Brinde dá o recado em seu novo álbum, *Sabe Aquela Coragem?*, lançado este mês. Quem já conhecia o trio vai perceber uma sonoridade bem mais crua do que no disco anterior, *Histórias Sem Começo, Meio e Fim*, de 2004.

“A gente simplificou as coisas nesse disco novo, não usamos truques de estúdio, nem vocais mirabolantes. Buscamos fazer o que fazemos no palco”, conta Voltz, 27, que adora ser comparado a Keith Moon, o baterista louco do The Who: “Sou fã do Keith e sempre no fim dos shows as pessoas vêm me cumprimentar e comentam sobre a semelhança. Acho que tocamos com a alma, é o que temos em comum. Não importa se ta errado, ou se é tosco”.

Além do The Who, a Brinde tem outras influências do rock britânico, como The Kinks e The Jam,, dos anos 60, e as bandas que fizeram sucesso na invasão do britpop na década passada, como Oásis e Blur. “Desta vez, a gente finalmente conseguiu aquela sonoridade anos 60 buscada desde o primeiro disco”, comenta Henrique Neves, 26, o vocalista, alvo dos gritinhos das fãs durante os shows.

OTIMISTA – Surpreendentemente risonho para alguém que é conhecido pelas letras sobre relacionamentos malsucedidos, Henrique avalia que de uns tempos pra cá essa temática tem ocupado cada vez menos espaço em suas canções. Até porque, diz ele, anda bem-resolvido na área afetiva e por isso prefere escrever letras mais intimistas, como a de *Nascer do Sol*, faixa que abre o disco e é tão otimista e ensolarada como sugere o título.

O que não mudou é que o rapaz continua compondo apenas em Cruz das Almas, cidade onde a banda nasceu. “Em Salvador, eu pego o violão e não sei nada. Só consigo compor em Cruz das Almas, em casa”.

BAIXISTA NOVO – *Sabe Aquela Coragem?* É o primeiro álbum com o novo baixista Rodrigo Damati, que substituiu Leno Blumetti, e conta com a participação da cantora Nancyta Viégas, em quatro faixas. “Tinha uns vocais complicados de fazer e a gente logo pensou nela... Ela é talentosa pacas”, comenta Voltz.

O álbum sai com uma tiragem de apenas 500 cópias. É metade da tiragem inicial do álbum anterior. A decisão foi motivada pela crise na venda de CDs: “Naquela época não existia iPod”, justifica Voltz, bem-humorado.

A turnê começa dia 8, em Recife. Daí em diante, a banda pretende organizar um circuito de shows, aproveitando os festivais do Brasil. Sobre o lançamento do álbum em Salvador, ainda não há nada previsto.

Na opinião de Voltz, a produção de shows na cidade tem melhorado, mas ainda deixa muito a desejar: “É mais fácil pra gente tocar no Rio Grande do Sul do que aqui. Em Salvador, você tem que se produzir e isso tira a qualidade do som, porque você tem que se preocupar em arranjar desde bilheteiro ao cara do som”, explica.

Enquanto programa a turnê, a Brinde já vai pensando no terceiro disco, previsto para ser gravado no ano que vem. “Henrique é um compositor compulsivo”, avisa Voltz.

Para nossos ipods mentais

Lucas Cunha

Quando conheci a Brinde em 2001, me impressionei com a capacidade da banda em fazer músicas que viram hits em nossos ipods mentais.

Seis anos depois, eles apresentam um disco que mais parece uma coletânea de sucessos, devido à força de cada uma das 11 canções.

Se, em 2004, o disco invocava a veia Beatles, com melotrons e pianos, no novo disco, o que se escuta é um power trio, mais próximo de como a Brinde soa ao vivo. É como se eles gritassem “Sim, achamos os Beatles os maiores, mas nós também amamos os Kinks!”.

O primeiro single, Jeito Que Me Convém, é daquelas músicas com forte refrão que já ganham o ouvinte de primeira, apesar de o grande hit do disco ser Talento Pra Sedução. Pena é saber que o som da Brinde, assim como das bandas do britpop que os influenciaram (como Blur e Stereophonics), é considerado pop demais pelos roqueiros e rock demais pelos fãs de Britney Spears. Dificilmente emplaca nas rádios brasileiras. Mas espero que eu esteja errado e escute alguma música da banda na trilha de Malhação.

BRINDE – A TARDE: CADERNO 2

No caminho certo, a Brinde lança segundo CD

Chico Castro Jr.

Um fenômeno interessante ocorre com as bandas da geração 2000 do rock baiano: a puberdade. Só que, invés das espinhas na cara que tanto chateia os adolescentes, os sinais que explicam esse crescimento se traduzem em discos que trazem em si uma marca de crescimento: a certeza do que se está fazendo.

A Brinde, banda contemporânea de representações como Los Canos, The Honkers e Pessoas Invisíveis, é um bom exemplo desse “fenômeno”.

Com o segundo disco, intitulado *Sabe Aquela Coragem?*, recém-lançado, os três meninos de Cruz das Almas (cidade de origem da banda) chegaram a um resultado que certamente agradará aos fãs de bandas como Supergrass, Hüsker Dü e Superchunk: aquele som básico, veloz e sentimental, típico do Brit pop e do rock alternativo americano dos anos 90.

“O disco foi todo gravado ao vivo, todo mundo tocando junto ao mesmo tempo”, revela o baterista Voltz. “Só as vozes e uma coisa ou outra de guitarra foram adicionadas depois”, completa Henrique Neves, guitarrista e vocalista que divide a frente do palco com Leno Blumetti (baixo). Henrique diz que ficou mais satisfeito com esse novo trabalho do que com o primeiro disco, *História sem Meio, Começo e Fim* (2004), exatamente porque como tinha certeza do que queria fazer, permitiu menos interferência do produtor: “No primeiro disco, a gente se deu muito para o André T. O resultado foi que o CD não ficou muito com a nossa própria cara. Mas o André é um excelente produtor, nós é que éramos muito inexperientes. Nesse segundo, já fizemos um bom trabalho de pré-produção antes de começarmos a gravação. Gravamos também uma demo para nos guiarmos, e ao produtor (Júlio Moreno) também”, conta Henrique.

O resultado gravado em quatro dias, ficou bem mais próximo daquilo que se ouve nas apresentações ao vivo da banda com sua estética de *power trio* crua, direta, sem intermediários. “A gente gosta de dizer que esse é o nosso *i should coco*”, brinca Voltz, referindo-se à clássica estréia dos britânicos do Supergrass, de 1995.

De fato, o CD guarda lá suas similaridades com a proposta do disco citado, ainda que se recinta de uma maior variedade em timbres e climas.

Entenda-se: de boas idéias, *Sabe Aquela Coragem?* está até bem servido. O que parece faltar ainda à Brinde é um certo *know-how* para lapidar sua matéria-prima, transformando as tais boas idéias em reluzentes pérolas pop.

Para ouvidos desatentos, as 11 faixas do CD poderão parecer algo lineares, muito parecidas umas com as outras. O que é, no mínimo, uma injustiça com lindas canções como *Talento para Sedução*, *Desvendar*, *A paz que me traz* e a faixa de abertura, *Nascer do Sol*, entre outras.

A preciosa participação da cantora Nancyta em algumas faixas – especialmente em *Te dizer Não* – até que preenche algumas dessas lacunas, mas ainda é pouco para conferir ao disco a maioria criativa que a banda parece buscar.

No caminho certo, porém, eles estão. Em um mundo onde o tamanho do sucesso é uma questão de quanto se paga por ele – sim, é do vil metal do que se fala aqui – é um alívio perceber que garotos honestos ainda se dispõem a dar a cara a tapa – armados apenas do próprio talento.

“Estamos muito satisfeitos com o resultado do CD e curtimos muito gravá-lo assim, ao vivo. Era um sonho do Henrique”, conta Voltz, entusiasmado.

Agora é marcar uma data em local decente para lançar o CD e batalhar a escalação da banda nos festivais que pipocam Brasil afora durante o ano. “Está difícil marcar esse lançamento em Salvador, mas o pessoal da Monstro Discos (o badalado selo goiano que lançou os dois CDs da banda) ficou de tentar encaixar a gente em alguns festivais aí”, conta Henrique.

Mas quem quiser conferir a Brinde ao vivo já pode marcar na agenda: no dia 30, eles tocam na Boomerangue com a ótima Pessoas Invisíveis e uma terceira banda a confirmar – possivelmente a pernambucana Vamoz!.

BRINDE – CORREIO DA BAHIA: FOLHA DA BAHIA

Hagamenon Brito

BRINDE fez bonito ao estreiar em 2004 com o CD *Histórias* sem meio, começo e fim, com um som inspirado pelo rock britânico (Beatles, Kinks, Who, Supergrass, Blur). Em seu segundo CD, *Sabe aquela coragem?* (Monstro Discos), Henrique Neves (voz, guitarra), Rodrigo Damati (que substitui Leno Blumetti no baixo) e Voltz (bateria) mantêm a fé no power pop simples e contam com participação de Nancyta em quatro faixas. O encanto inicial, porém, é arranhado pela falta de um número maior de boas canções (como *Te dizer não*, por exemplo) e o excesso de romantismo loser das letras de Henrique.

RONEI JORGE E OS LADRÕES DE BICICLETA – A TARDE: CADERNO DEZ

Minha carne é de carnaval

Pedro Fernandes

Até quando uma banda baiana, mesmo que de rock (e muita influência da MPB) pode fugir da sua própria baianidade nagô? Para Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta a resposta é: até agora.

É que dia 9 a banda lança na Boomerangue (Rio Vermelho) o single Aquela Dança, um rock com alguma influência do ijexá.

Que os puristas não se choquem, até porque o som deles nunca teve nada de puro. “Faz parte do espírito baiano e não estamos fechados para isso. É saudável trabalhar com outros ritmos”, diz Ronei.

Aquela Dança nasceu da invenção frustrada de fazer um frevo. “Tinha vontade de fazer algo carnavalesco, algo meio A Cor do Som. A banda entrou no espírito e fizemos um ijexá”.

A influência, ele avisa, não vem direto da fonte. É uma espécie de processamento de leituras que músicos como Caetano e Gil já fizeram do ritmo.

Antiquados – Se você acha meio antiquado lançar um compacto em plena efervescência da troca de músicas pela Internet, saiba que a banda queria mesmo era fazer um vinil. Como seria bem mais caro, eles deixaram para lá. O importante era ter o objeto materializado em mãos.

“A gente queria ver o produto, com a capa de Edinho (guitarrista e designer das outras capas de CDs da banda), com a ficha técnica. Eu e os meninos da banda somos fissurados em ficha técnica”.

Serão produzidas inicialmente 200 cópias que estarão à venda no dia do show, com participação da irmã de Ronei, Andréa Martins, vocalista e compositora da Canto dos Malditos na Terra do Nunca, e de Luiz Brasil, produtor do disco anterior.

A canção, produzida por Gilberto Monte, embora não seja uma prévia do disco que está para começar a ser gravado, estará entre as cerca de oito músicas.

Eles devem entrar em estúdio em março, mas ainda não há previsão de como o lançamento será feito. “Não sabemos se vamos lançar as músicas aos poucos em singles ou pela Internet mesmo. Ainda não está decidido”.

Lançado há mais de um ano, o primeiro CD foi bastante elogiado pela crítica e pelo público cativo da banda. Um dos resultados da produção de Luiz Brasil – conhecido por seus trabalhos com MPB e com nomes como Caetano Veloso e Cássia Eller – certamente foi a suavização de músicas da banda, que tinham uma veia mais ácida no disco anterior.

O novo, que terá a produção de Gilberto Monte, ainda não tem uma diretriz definida, mas já dá pra saber que o trabalho de composição não está indo para um lado tão rock. “Não dá pra dizer ainda como vai ficar. Vai depender das decisões do Gilberto no processo de mixagem”.

Sem pressão (mesmo que interna) para alcançar o mesmo êxito, Ronei explica a demora para colocar na rua um trabalho novo. “Nossa pressão é por fazer uma música que a gente ouça e tenha tesão. Demora para sair porque são longas as preleções”.

Quando o rock e o axé se aproximam

O rock soteropolitano, especialmente aquele feito a partir da década de 90, sempre se defendeu com unhas e dentes de influências que se aproximam do axé music. Tudo que pudesse lembrá-la deveria ser afastado. Com isso se perdeu uma influência bastante rica de um tipo de rock que se aproximava da cultura afro.

Com Aquela Dança, Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta resgatam uma sonoridade característica dos carnavais dos anos 80 feita por Armandinho e a Cor do Som: guitarra baiana, percussão levada numa batida semelhante à do ijexá, mas sem deixar de ser rock.

A letra, que conta a história de um desencontro amoroso durante o Carnaval, não perde a poesia pela sua simplicidade e pelo refrão que se decora na primeira audição. Ao contrário. Consegue projetar imagens bonitas e evocar uma certa inocência em relação à festa. É aí que letra e música se apóiam com muita elegância.

O caminho que o rock baiano adotou como estratégia de distinção começa a se alargar. Aquela Dança é o que desejou ser. Uma canção para ser tocada em cima de qualquer trio.

RONEI JORGE E OS LADRÕES DE BICICLETA – A TARDE: CADERNO 2

A MÚSICA É O QUE IMPORTA

Chico Castro Jr.

Os puristas vão sapatear, mas eles não estão nem aí. Hoje, às 22h no Boomerangue (Rio Vermelho), Ronei Jorge & os Ladrões de Bicicleta lançam sua nova música, *Aquela Dança*, um irresistível rock-ijexá, em single que será distribuído gratuitamente às 50 primeiras pessoas que chegarem ao local do show. Amanha, a canção já estará disponível para ser baixada por qualquer pessoa no site da banda (www.roneijorgeosladores.com.br).

“A gente quer mais é que essa musica circule, mesmo”, anuncia o band leader Ronei Jorge. A noite ainda terá o show do guitarrista Luiz Brasil, produtor do primeiro disco do cantor. Mas os puristas do rock vão torcer o nariz. Por que? (sic) Simples: é pecado do rock baiano trazer elementos alienígenas à estética rockeira, como os ritmos afro-baianos. E *Aquela Dança*, de cara, é enunciada como um rock de “roupagem ijexá”.

Mas Ronei não se abala, e, com a tranquilidade de quem sabe o que faz, diz não se preocupar com isso: “Eu entendia isso na década de 80, até o início dos 90, mas aí já foi, né? Não vou deixar de trazer algo novo para o meu trabalho por causa de algo externo à música. É nisso que eu me concentro: tesão pela música, pela sonoridade, mesmo”, garante ele.

Francamente carnavalesca e produzida pelo conceituado Gilberto Monte (tara_code), *Aquela dança* é mais uma pérola trazida a luz pelo – cada vez mais popular – rock baiano. O balanço da cozinha de Sérgio Kopinski (baixo) e Maurício Pedrão (bateria) atentam para os quadris, enquanto a guitarra de Edson Rosa emula um nobre sabor Armandinho Safra anos 1970.

Quem ouve, mata logo a charada: a Cor do Som é a grande referência aqui. “Isso foi coisa de Gilberto Monte e Edinho (guitarrista). Eu já tinha dito que queria fazer alguma coisa nessa linha, mas quando cheguei no estúdio, eles já tinham isolado aquele timbre característico, que acabou ficando muito bacana”, conta Ronei. E se alguém levasse a música para a folia na avenida, melhor ainda: “Eu com certeza, ia adorar, mas não há nada planejado”, diz.

No show de hoje, a banda contará com as participações muito especiais da cantora Andréa Martins, da banda Canto dos Malditos na Terra do Nunca, e do parceirão Luiz Brasil. Andréa é irmã de Ronei e participará de uma apresentação dos Ladrões pela primeira vez, cantando a bela *O Drama*, do primeiro disco. Já a participação do Luiz, “vai sair na hora. Provavelmente alguma música do disco de estréia também”, prevê o músico.

Luiz Brasil, o outro nome em cartaz dessa noite, com seu show intitulado *Back in Bahia*, dispensa apresentações, tendo tocado com Caetano Veloso, Jussara Silveira e outros grandes nomes da MPB. Neste show, ele fará uma ponte entre seu último CD, *Brasilêru*, e o próximo, ainda sem nome. No repertório, muitas releituras de músicas de Gilberto Gil, como *Expresso 2222* e *O canto da Ema* (***música na verdade Jackson do pandeiro segundo Leo***), além de *Maracatu Atômico*, de Jorge Mautner. Sua banda conta com experimentados Rowney Scott (sax), Marcelo Galter (piano), Ledson Galter (baixo) e Victor Brasil (bateria).

RONEI JORGE E OS LADRÕES DE BICICLETA E LUIZ BRASIL/Hoje, 22h/Boomerangue (3334-6640) / Rua da Paciência, Rio Vermelho/ R\$ 15 mais R\$ 10 de consumação

RONEI JORGE E OS LADRÕES DE BICICLETA – CORREIO DA BAHIA: FOLHA DA BAHIA

Hagamenon Brito

RONEI Jorge e Os Ladrões de Bicicleta entram no clima do Carnaval com o delicioso rock ijexá *Aquela dança*. A canção honra o som que A Cor do Som e Moraes Moreira fizeram no passado. Caetano vai adorar, certamente. O lançamento do single acontece sexta, 22h, no Boomerangue (Rio Vermelho), numa apresentação com participação de Andréa Martins (CMTN) e Luiz Brasil, que também fará o seu próprio show. Ingresso: R\$15 (+ R\$10 de consumação). Os 50 primeiros ganharão o single.

MÚSICA | Ronei Jorge e Os Ladrões de Bicicleta lançam dia 9 o single *Aquela Dança*, mistura de rock e ijexá

Minha carne é de Carnaval

PEDRO FERNANDES

pfernandes@grupotarde.com.br

Até quando uma banda baiana, mesmo que de rock [e muita influência de MPB] pode fugir da sua própria baianidade nagô? Para Ronei Jorge e Os Ladrões de Bicicleta a resposta é: até agora.

É que dia 9 a banda lança na Boomerang [Rio Vermelho] o single *Aquela Dança*, um rock com alguma influência do ijexá.

Que os puristas não se choquem, até porque o som deles nunca teve nada de puro. "Faz parte do espírito baiano e não estamos fechados para isso. É saudável trabalhar com outros ritmos", diz Ronei.

Aquela Dança nasceu da intenção frustrada de fazer um frevo. "Tinha vontade de fazer algo carnavalesco, algo meio A Cor do Som. A banda entrou no espírito e fizemos um ijexá".

A influência, ele avisa, não vem direto da fonte. É uma espécie de processamento de leituras que músicos como Caetano e Gil já fizeram do ritmo.

ANTIQUADOS – Se você acha meio antiquado lançar um compacto em plena efervescência da troca de músicas pela internet, saiba que a banda queria mesmo era fazer um vinil. Como seria bem mais caro, eles deixaram para lá. O importante era ter o objeto materializado em mãos.

"A gente queria ver o produto, com a capa de Edinho [guitarrista e designer das outras capas de CDs



Ronei conta que a música nasceu da intenção frustrada de fazer um frevo, ritmo que faz 100 anos em 2007

da banda], com a ficha técnica. Eu e os meninos da banda somos fissurados em ficha técnica".

Serão produzidas inicialmente 200 cópias que estarão à venda no dia do show, com participação da irmã de Ronei, Andréa Martins, vocalista e compositora da Canto dos Malditos na Terra do Nunca, e de Luiz Brasil, produtor do disco anterior.

A canção, produzida por Gilberto Monte, embora não seja uma prévia do disco que está para começar a ser gravado, estará entre as cerca de oito músicas.

Eles devem entrar em estúdio em março, mas ainda não há previsão de como o lançamento

será feito. "Não sabemos se vamos lançar as músicas aos poucos em singles ou pela internet mesmo. Ainda não está decidido".

Lançado há mais de um ano, o primeiro CD foi bastante elogiado pela crítica e pelo público cativo da banda. Um dos resultados da produção de Luiz Brasil – conhecido por seus trabalhos com MPB e com nomes como Caetano Veloso e Cássia Eller – certamente foi a suavização de músicas da banda, que tinham uma veia mais ácida no disco anterior.

O novo, que terá produção de Gilberto Monte, ainda não tem uma diretriz definida, mas já dá para saber que o trabalho de

composição não está indo para um lado tão rock. "Não dá para dizer ainda como vai ficar. Vai depender das decisões do Gilberto no processo de mixagem".

Sem pressão [mesmo que interna] para alcançar o mesmo êxito, Ronei explica a demora para colocar na rua um trabalho novo. "Nossa pressão é por fazer uma música que a gente ouça e tenha tesão. Demora para sair porque são longas as preleções".

RONEI JORGE E OS LADROES DE BICICLETA toca dia 9 de fevereiro, às 22h, na Boomerang [Rio Vermelho]. O ingresso é R\$ 15 e os 50 primeiros que comparem o consultam o compacto de presente.

Comentário

✱ Quando o rock e o axé se aproximam

O rock soteropolitano, especialmente aquele feito a partir da década de 90, sempre se defendeu com unhas e dentes de influências que se aproximam do axé music. Tudo que pudesse lembrá-la deveria ser afastado. Com isso se perdeu uma influência bastante rica de um tipo de rock que se aproximava da cultura afro.

Com *Aquela Dança*, Ronei Jorge e Os Ladrões de Bicicleta resgatam uma sonoridade característica dos carnavais dos anos 80 feita por Armandinho e a Cor do Som: guitarra baiana, percussão levada numa batida semelhante à do ijexá, mas sem deixar de ser rock.

A letra, que conta a história de um desencontro amoroso durante o Carnaval, não perde a poesia pela sua simplicidade e pelo refrão que se decora na primeira audição. Ao contrário. Consegue projetar imagens bonitas e evocar uma certa inocência em relação à festa. É aí que letra e música se apóiam com muita elegância.

O caminho que o rock baiano adotou como estratégia de distinção começa a se alargar. *Aquela Dança* é o que desejei ser. Uma canção para ser tocada em cima de qualquer trio. [pf]

HEADPHONE

LUISÃO PEREIRA, 38, já foi guitarrista da Penélope. Hoje ele é produtor de discos e dos shows de Los Hermanos, Nação Zumbi, Mombójo e Canto dos Malditos pelo Nordeste



1

CAETANO VELOSO
POR QUÊ?

As interpretações de Caetano pra mesma frase "Estou-me a vir" e o piano Rhodes de Ricardo Gomes.

2

NOVOS BAIANOS
A MENINA DANÇA

Pepeu Gomes é a guitarra brasileira com pegada rock [e não a guitarra rock tocando música brasileira].

3

IRON MAIDEN
THE TROOPER

Um dia, atrás do trio de Dodô e Osmar, notei a semelhança entre as duas bandas. E esta canção exemplifica isto.

4

RADIOHEAD
AIRBAG

A primeira vez que ouvi, foi uma porrada. A única coisa que consegui comentar foi "Parece a voz do Jessé!"

5

CHARLOTTE GAINSBORG
5:55

A voz suave da herdeira dos "Je T'Aime" é incrível e esta canção fala por si "again and again..."

TEATRO | O espetáculo *Vixe Maria! Deus e o Diabo na Bahia!* direção de Fernando Guerreiro, reflete a alma baiana

Com o diabo no quadril

EDUARDA UEDA

ueda@opostonline.com.br

O espírito festivo e andrúquico dos baianos, suas crenças, superstições e criatividade são muito bem retratados na comédia *Vixe Maria! Deus e o Diabo na Bahia!*, direção de Fernando Guerreiro (*Boca de Ouro*), que comemora um público de quase 150 mil espectadores desde que estreou em 2004. Está em cartaz no Teatro Castro Alves, de hoje a domingo, às 20 horas.

O espetáculo integra as linguagens de teatro, dança e música. Com texto de Gil Vicente Favres, Claudio Simões e Cacilda Póvoas, conta a história das artimanhas do Diabo para fundar uma igreja na Bahia no período do Carnaval. A proximidade da folia de Momo faz com que a montagem conquiste ainda mais a plateia, que se reconhece nas cenas hilárias, todas muito bem-custuradas.

Na trama, para barrar as investidas do Diabo, Deus resolve descer do céu e visitar a terra, terminando por se dedicar com os encantos da cidade de Salvador, sobretudo, com suas festas de larga, religiosidade popular, culinária e ritmos musicais. E ele não dispensa nem uma visita a um terreiro de candomblé e outros prazeres proibidos ao Todo Poderoso. Nesse clima de orgia, vale beber, fumar e pular Carnaval, na maior descarrada.

ELENCO AFIAADO - O elenco é afinadíssimo, o que possibilita ao público boas e sonoras gargalhadas. Além dos protagonistas Jackson Costa (na interpretação de Deus) e Frank Menezes (Diabo) - em atuações impecáveis - que voltaram à cena, após temporário afastamento por conta da agenda profissional, o espetáculo conta com a verve cômica de Cristiane Mendonça (Naja, a



A comédia *Vixe Maria! Deus e o Diabo na Bahia!*, que está em cartaz no TCA, às 20 h, estendeu a temporada até domingo por conta do grande sucesso de público

A comédia *Vixe Maria! Deus e o Diabo na Bahia!*, que estreou em março de 2004, recebeu duas indicações ao Prêmio Brasil de Teatro, conquistando o prêmio de Melhor Ator Coadjuvante (Cristiane Mendonça, a Naja).

O espetáculo já foi assistido por quase 150 mil espectadores, desde que estreou na capital baiana. Além da assinatura de Fernando Guerreiro, traz na assistência de direção Antônio Sanches, direção musical de Jarbas Britencourt, cenografia de Euro Pires, luz de Irma Vidal, figurino de Miguel Carvalho e coreografias de Rita Brandi e Léo Reis.

noiva do Diabo), que não fica atrás. Vale registrar que Daniel Becker e Edmilson Barros, que substituíram Jackson e Frank também foram excelentes.

Também os intérpretes Alan Miranda (Anjo Gabriel), José Carlos Júnior (travesti, pastor evangélico etc), Sue Ribeiro (mãe-de-santo, entre outros tipos), Aless Borges (um dos integrantes da dupla Cosme e Damiano), Paulo Borges (São João, travesti e coro), Edvânia Carmo de Carvalho (Santa Bárbara, entre

vários outros tipos) e Virgílio Fadur (Tônho de Ogum, travesti) são destaques, em boas e convincentes atuações.

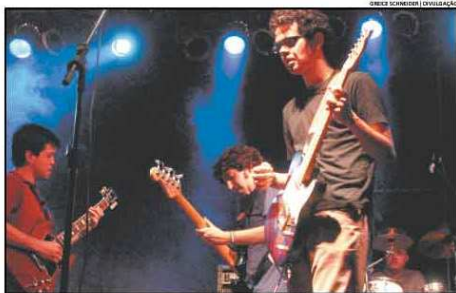
DANÇARINOS - Os dançarinos dão uma interessante movimentação à peça, que mescla a popular teatro de revista, estética carnavalesca e teatro de contê. Todos cantam, dançam e representam personagens. O corpo de dançarinos cantantes é formado por Florivaldo Santos, Ana Maria Durgos, Cristiane Florentino, Isis Cardoso e

Milena Bonfim. Vale conferir. E o diretor da peça, Fernando Guerreiro, já está às voltas com um novo espetáculo. Trata-se de *Shopping and Fucking*, texto do inglês Mark Ravenhill, que tem previsão de estreia em 15 de novembro, com elenco experiente.

VIXE MARIA! DEUS E O DIABO NA BAHIA | De hoje a dom, 20h | Teatro Castro Alves (3339-8014) | Pça. Dois de Julho, s/n, Campo Grande | Sex, R\$ 16 a R\$ 8 | Fim de semana, R\$ 20 (preços R\$ 10 meia)

ROCK-JEJEXA

A música é o que importa



Ronei Jorge e Os Ladrões de Bicicleta lançam nova música hoje no Boomerang, com Luiz Brasil

CHICO CASTRO JR.

castrojr@opostonline.com.br

Os puristas vão sapatear, mas eles não estão nem aí. Hoje, às 22 horas, no Boomerang (Rio Vermelho), Ronei Jorge e Os Ladrões de Bicicleta lançam sua nova música, *Aquela Dança*, um irresistível rock-jeje, em single que será distribuído gratuitamente às 50 primeiras pessoas que chegarem ao local do show. Amanhã, a canção já estará disponível para ser baixada por qualquer pessoa no site da banda (www.roneijorgeeosladrões.com.br).

A gente que mais é que essa música circula, mesmo", anuncia o band leader Ronei Jorge. A noite ainda terá o show do guitarrista Luiz Brasil, produtor do primeiro disco do cantor.

Mas os puristas do rock vão torcer o nariz. Por quê? Simples: é pecado no rock baiano trazer elementos alienígenas à estética rockeira, como o virtuosismo baiano. É *Aquela Dança*, de cara, é anunciada como um rock de "traspasse jeje".

Mas Ronei não se abala, e, com a tranquilidade de quem sabe que faz, diz não se preocupar com isso. "Eu entendi isso na década de 80, até o início dos 90,

mas aí já foi, né? Não vou deixar de trazer algo novo para o meu trabalho por causa de algo externo à música. É isso que eu me concentro: tesão pela música, pela sonoridade, mesmo", garante ele.

Francamente carnavalesca e produzida pelo conceituado Gilberto Monte (tata, code), *Aquela Dança* é mais uma pérola trazida à luz pelo - cada vez mais popular - rock baiano. O balanço da cozinha de Sérgio Kopinski (bateria) e Maurício Pedrão (bateria) atenta para os quadris, enquanto a guitarra de Edison Rosa emula o nobre sabor Armadinho saía MPB. Neste show, ele fará uma ponte entre seu último CD, *Brasília*, e o próximo, ainda sem nome. No repertório, muitas releituras de músicas de Gilberto Gil, como *Expresso 2222* e *O Cantor de Eva*, além de *Monozu Atômico*, de Jorge Mautner. Sua banda conta com os experientes Ronei e Scott (sax), Marcello Galtier (piano), Ledson Galtier (baixo) e Victor Brasil (bateria).

Quem ouve, mata logo a chama: a Cor do Som é a grande referência aqui. "Isso foi coisa de Gilberto Monte e Edilson (guitarrista). Eu já tinha dito que queria fazer alguma coisa nessa linha, mas quando cheguei no estúdio, eles já tinham isolado aquele timbre característico, que acabou ficando muito bacana", conta Ronei. E se alguém levasse a música para a folia na avenida, melhor ainda: "Eu com certeza, ia adorar, mas não há nada planejado", diz.

No show de hoje, a banda contará com as participações muito

especiais da cantora Andréa Martins, da banda Canto dos Maficos na Terra do Nuanca, e do paratrista Luiz Brasil. Andréa é irmã de Ronei e participará de uma apresentação dos Ladrões pela primeira vez, cantando a bela *O Drama*, do primeiro disco. Já a participação do Luiz, "vai sair na hora. Provavelmente alguma música do disco de estreia também", prevê o músico.

Luiz Brasil, o outro nome em cartaz esta noite, com seu show intitulado *Back in Bahia*, dispensa apresentações, tendo tocado com Caetano Veloso, Jussara Silvini e outros grandes nomes da MPB. Neste show, ele fará uma ponte entre seu último CD, *Brasília*, e o próximo, ainda sem nome. No repertório, muitas releituras de músicas de Gilberto Gil, como *Expresso 2222* e *O Cantor de Eva*, além de *Monozu Atômico*, de Jorge Mautner. Sua banda conta com os experientes Ronei e Scott (sax), Marcello Galtier (piano), Ledson Galtier (baixo) e Victor Brasil (bateria).

RONEI JORGE E OS LADRÕES DE BICICLETA | Luz Brasil | Hoje, 22h | Boomerang (3334-6640) | Rua da Pazência, 15 | Vermeil | R\$ 15, mais R\$ 10 de consumo

Fique Ligado!

Os 40 primeiros assinantes A TARDE que ligarem hoje, 09/02 das 10:00 às 10:30, para 3533-0850, ganharão 01 par de convites para esta festa.

Ensaios do **Vixe MAINHA** no Alto do Andu

TODO DOMINGO

LA BANDA AFRO BO BRASIL

Informações (71) 3346-0012

EXCLUSIVO ASSINANTE A TARDE EXCLUSIVO

Releitura dos convites apenas com o dia, horário e identificação do titular do assinante.

Válido para assinantes de todos os municípios.

CD-R



All Saints
Studio 1
EMI
R\$ 29,90

Ninguém merece! O Take That fez um comeback legal, mas isso não deve servir de estímulo para que outras boy bands e girl bands saiam da tumba. As All Saints, aquelas enjoadas que rivalizavam com as extrovertidas Spice Girls, estão de volta com *Studio 1*, repleto de canções esquecíveis. E que bando de mulher da voz chata – em especial Shaznay e a senhora Liam Gallagher, Nicole Appleton. Girl band por girl band, fique com as Pussycat Dolls, que pelo menos são umas piriguetas bem divertidas. **[Gabriela quintela]**

Envie seu CD para ser divulgado aqui: Caderno Dez! - Rua Prof. Milton Cayres de Brito, 204 - Caminho das Árvores, Salvador-Bahia. CEP: 41.822-900. E-mail: dez@grupotarde.com.br



Los Canos
Cada dia mais limpo e romântico
Lajá Records
R\$ 13

Espírito adolescente / Rock é adolescente e não dá para fugir disso. Ramones, Little Quail & The Mad Birds e Cascavelletes descobriram a fonte da juventude e foram felizes para sempre. E os Los Canos está no caminho, ainda bem. São canções que falam do cotidiano juvenil. São inteligentes às vezes, outras não. Mas sempre são divertidas. A menina que nunca lhe deu bola (*Patricinha*), a que até dá bola, mas é lésbica (*Ela não gosta de Mim*), todas estão lá. Essa banda é nota sete, mas é bem melhor que sua banda nota dez. **[Danilo fraga]**



Leandro Sapucahy
Cotidiano
Warner
R\$ 21

Malandro que é malandro / É samba, mas antes do samba começar o scratch geme como uma cuica digital. No samba e no rap, o Cotidiano e o cenário são os mesmos. Por isso, o diálogo entre eles não podia demorar. Leandro Sapucahy soluciona a falsa oposição entre samba e inovação, ao dialogar com o rap na forma e no conteúdo (*Polícia e Bandido*). No resto do disco, o diálogo é mais tímido. Mas não cai nos clichês do gangsta ou no folclore do malandro. Nunca cavaquinho, baixos e pick-ups se entenderam tão bem. **[df]**

COLETÂNEA



luciano matos

lmatos@grupotarde.com.br

Músicas escolhidas por executivos tiram vigor das rádios

O jabá vai acabar?

Você ouve rádio? Provavelmente não. Muita gente abandonou esse hábito e não é culpa só de tecnologias ou facilidades em conseguir música. Há anos uma boa parte do público não suporta ouvir as mesmas coisas, quase sempre aquelas 30/40 músicas escolhidas como os hits do momento. Pior que são escolhidas não pelo público – por mais que achem que é –, mas por executivos e empresários que definem as faixas de trabalhos de seus principais artistas. Muitos destes artistas são obrigados a voltar ao estúdio ou a procurar compositores para encontrar aquele modelo que os tais executivos definem como a fórmula para fazer sucesso. Depois disso, o processo é simples: pagar às rádios e TVs para tocar o velho e detestável jabá. Que não é privilégio só brasileiro. Nos Estados Unidos, quatro das principais redes de rádio, que englobam mais de 1,6 mil emissoras, concordaram em pagar uma vultosa multa de US\$ 12,5 milhões para encerrar uma investigação sobre a prática do jabá por lá. A iniciativa quer inibir



a prática de veiculação ilegal de música e tornar transparente o relacionamento das rádios com gravadoras e artistas. Além da multa, maior já paga na radiodifusão, o acordo também vai limitar os presentes recebidos

pelas rádios em troca de veiculação de músicas, entre outras ações. No ano passado, a gravadoras Universal, Sony BMG, EMI e Warner já haviam pago uma multa de US\$ 30 milhões também contra o jabá.

Se cuidem

Além da multa, as quatro redes de rádio também se comprometeram a ceder de graça 8,4 mil blocos de meia hora para artistas locais e independentes dentro da programação normal. A iniciativa pretende acabar com a monocultura que impera nas rádios. Será que funciona? No Brasil dá para se perceber bem a relação de músicas mais tocadas em rádio com os discos mais vendidos. Basta ver as duas relações e comparar. Os artistas que tocam muito nas rádios são justamente alguns dos que vendem mais discos, incluindo aí também os que têm apelo através da TV. Ou seja, a lógica das gravadoras é pagar jabá, tocar nas rádios e como consequência vender discos. Todo mundo sabe disso, menos o grande público. E o que temos de esperança? Nos Estados Unidos há uma lei antijabá desde 1950; no Brasil, há uma lei tramitando no Congresso para proibir o jabá. Para alguns, a Lei 1.048/2003 do deputado federal Fernando Ferro (PT-PE) não vai resolver o problema, mas o fato é que, com uma lei impondo e definindo regras, fica mais fácil controlar e cobrar mudanças. Mas é preciso que os ouvintes comecem a berrar e a exigir mudanças. Faça isso agora!

*Veteranos de volta

Uma das mais importantes bandas baianas de rock anuncia mais uma vez volta à ativa. Sim, estamos falando do Camisa de Vênus, que vai iniciar uma turnê nacional em abril. Além de Marcelo Nova [vocal], Robério Santana [baixo], Karl Frans Hummel [guitarra base], Gustavo Mullem [guitarra solo], o grupo ainda conta nessa volta com Luiz Carlini na guitarra e Denis Mendes na bateria.

Metal em Salvador

Salvador recebe no dia 8 de abril a seletiva do Wacken Open Air, que vai levar uma banda para a seletiva final do festival alemão em São Paulo. Participam do evento as bandas Infested Blood e Chaosphere [PE], Harlequin [DF], Siege Of Hate e Hostile Inc [CE], Scud [PI], Slow e Veuliah [BA], além da convidada, a baiana Ungodly.

Baianos in tour

Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta, no Abri! Pro Rock e num projeto em Sampa. Canto dos Malditos na Terra do Nunca e Rebeca Matta, também no festival pernambucano. The Honkers, partindo para uma turnê rápida por São Paulo. Matiz em pequena tour nordestina. São os baianos, começando o giro nacional em 2007.

MÚSICA | Brinde lança novo CD com sonoridade mais crua, sem vocais mirabolantes ou truques de estúdio

Com muitos hits de brinde

GABRIELA QUINTELA

gquinela@gruposol.com.br

Onze músicas em 33 minutos. É assim, sem delongas, que a Brinde dá o recado em seu novo álbum, *Sabe Aquele Coragem?*, lançado este mês. Quem já conhecia o trio vai perceber uma sonoridade bem mais crua do que no disco anterior, *Histórias Sem Começo, Meio e Fim*, de 2004.

"A gente simplificou as coisas nesse disco novo, não usamos truques de estúdio, nem vocais mirabolantes. Buscamos fazer o que fazemos no palco", conta Voltz, 27, que adora ser comparado a Keith Moon, o baterista louco do The Who: "Sou fã do Keith e sempre no fim dos shows as pessoas vêm me cumprimentar e comentam sobre a semelhança. Acho que tocamos com a alma, é o que temos em comum. Não importa se tá errado, ou se é toco".

Além do The Who, a Brinde tem outras influências do rock britânico, como The Kinks e The Jam, dos anos 60, e as bandas que fizeram sucesso na invasão do britpop na década passada, como Oasis e Blur.

"Desta vez, a gente finalmente conseguiu aquela sonoridade anos 60 buscada desde o primeiro disco", comenta Henrique Neves, 26, o vocalista, alvo dos gritinhos das fãs durante os shows.

OTIMISTA – Surpreendentemente risonho para alguém que é conhecido pelas letras sobre



Voltz, Rodrigo e Henrique [da esq. para direita] tocam dia 8, em Recife

relacionamentos malsucedidos, Henrique avalia que de uns tempos pra cá essa temática tem ocupado cada vez menos espaço em suas canções. Até porque, diz ele, anda bem-resolvido na área afetiva e por isso prefere escrever letras mais intimistas, como a de

Nascer do Sol, faixa que abre o disco e é tão otimista e ensolarada como sugere o título.

O que não mudou é que o rapaz continua compondo apenas em Cruz das Almas, cidade onde a banda nasceu. "Em Salvador, eu pego o violão e não sai nada. Só

consegui compor em Cruz das Almas, em casa".

BAIXISTA NOVO – *Sabe Aquele Coragem?* é o primeiro álbum com o novo baixista Rodrigo Damati, que substituiu Leno Blumetti, e conta com a participação da cantora Nancyta Viégas em quatro faixas. "Tinha uns vocais complicados de fazer e a gente logo pensou nela... Ela é talentosa paca", comenta Voltz.

O álbum sai com uma tiragem de apenas 500 cópias. É metade da tiragem inicial do álbum anterior. A decisão foi motivada pela crise na venda de CDs: "Naquela época não existia iPod", justifica Voltz, bem-humorado.

A turnê começa dia 8, em Recife. Daí em diante, a banda pretende organizar um circuito de shows, aproveitando os festivais do Brasil. Sobre o lançamento do álbum em Salvador, ainda não há nada previsto.

Na opinião de Voltz, a produção de shows na cidade tem melhorado, mas ainda deixa muito a desejar: "É mais fácil pra gente tocar no Rio Grande do Sul do que aqui. Em Salvador, você tem que se produzir e isso tira a qualidade do show, porque você tem que se preocupar em arranjar desde bilheteiro ao cara do som", explica.

Enquanto programa a turnê, a Brinde já vai pensando no terceiro disco, previsto para ser gravado no ano que vem. "Henrique é um compositor compulsivo", avisa Voltz.

Comentário

Para nossos iPods mentais

Quando conheci a Brinde em 2001, me impressionei com a capacidade da banda em fazer músicas que viram hits em nossos iPods mentais.

Seis anos depois, eles apresentam um disco que mais parece uma coletânea de sucessos, devido à força de cada uma das 11 canções.

Se, em 2004, o disco invocava a veia Beatles, com melodrons e pianos; no novo disco, o que se escuta é um power trio, mais próximo de como a Brinde soa ao vivo. É como se eles gritassem "Sim, achamos os Beatles os maiores, mas nós também amamos os Kinks!".

O primeiro single, *Jeito Que Me Convém*, é daquelas músicas com forte refrão que já ganham o ouvinte de primeira, apesar de o grande hit do disco ser *Talento Pra Sedução*. Pena é saber que o som da Brinde, assim como o das bandas do britpop que os influenciaram [como Blur e Stereophonics], é considerado pop demais pelos roqueiros, e rock demais pelos fãs de Britney Spears. Dificilmente emplaca nas rádios brasileiras. Mas espero que eu esteja errado e escute alguma música da banda na trilha de *Malhação*. [Lucas Cunha]

HEADPHONE

GRACO VIEIRA, 29, é guitarrista da banda de reggae Scambo. Ele também já tocou na banda Inkoma nos tempos de Pitty, com quem compôs o hit *Máscara*, do primeiro álbum solo da moça.



1

LED ZEPPELIN
THE RAIN SONG

Uma das maiores ou a maior banda de todos os tempos. A canção é linda, ouço há anos e sempre soa como nova.

2

LENNY KRAVITZ
CIRCUS

Com arranjos de bom gosto, esse artista pop entrou pra minha humilde lista com essa bela canção.

3

BEATLES
SOMETHING

Beleza pura e extrema, não tem como não se emocionar. A faixa faz parte de *Love*, álbum feito para o Cirque du Soleil.

4

MILES DAVIS
SUMMERTIME

Davis constitui um capítulo à parte na história do jazz. A interpretação para esse clássico está no disco *Blue Moods*.

5

CHICO BUARQUE
CONSTRUÇÃO

A primeira vez que ouvi Chico me surpreendi, "que desafiado". Hoje, difícil é escolher uma só música.

Login
informática
Mais que um computador

DISCO | Marco Pereira lança seu 15º disco, *Camerístico*, em que une, com primazia, violão popular e música de câmara

Brasil em seis cordas

LUCIANO AGUIAR
luguia@guaparatade.com.br

Na região de fronteira entre o popular e o erudito, o disco novo de Marco Pereira une a escola do violão brasileiro, da qual ele, hoje, faz parte, ao universo da música de câmara. Não à toa, o disco, 15º da carreira do músico e segundo a receber o selo da Biscoito Fino, chama-se *Camerístico*.

"Esse disco tem um aspecto histórico importante para mim. É o primeiro de um violonista brasileiro, com temática popular, que grava o seu repertório com orquestra. Porque é totalmente natural, como intérprete, compositor e arranjador. Garoto, na década de 1940, não me enganava, gravou um disco assim, mas misturava músicas de e clássicas da música brasileira, e os arranjos não eram dele. Era do maestro Leo Peracchi", explica Marco Pereira.

Nada mais justo que ele tenha sido o primeiro nome a registrar um disco assim na história do violão brasileiro. Marco Pereira começou a carreira na música popular e trilhou o caminho da técnica erudita do violão. "Sempre fui um cara de fronteira. Fui estudar música depois e tive a teoria, mas nunca dei de lado a origem. Até que, um dia, eu eliminei essa fronteira", diz.

INSPIRAÇÃO - A ideia de fazer esse álbum, segundo o violonista, surgiu quando Wagner Tiscotti viu para uma apresentação no projeto *MPB Jazz*, no Rio de Janeiro, em outubro de 2005, do qual era anfitrião com a orquestra Petrópolis Sinfônica. "Ele convidou e deixou a gente à vontade. Como sou arranjador, ele disse: 'Você faz o que quiser'. Aí, eu fiz quatro para violão e orquestra, uma delas para violão, bandolim e orquestra", conta Pereira.

Não demorou muito até a gra-

"Botar 26 músicos na estrada é difícil, por isso vou tentar fazer o show com outras orquestras do País, pois ele está todo escrito"

Marco Pereira, violonista, compositor e arranjador

vação do disco. Como o pessoal da orquestra gostou bastante do trabalho, Marco ficou em contato intenso com os músicos e o maestro Carlos Prazeres. "Em dezembro, a gente já estava fazendo uma prévia, no Centro Cultural Carioca. Logo no dia 3 de janeiro (de 2006), entramos no estúdio para gravar", revela o violonista. A produção ficou por conta de Swami Jr.

CRIAÇÃO - Abre *Camerístico* uma composição feita originalmente para violão e orquestra, *Círculo dos Amantes*. O tema principal vai nas cordas, porém a composição traz um diálogo intenso e rimado entre a massa orquestral e o violão. Dispensa comentários a execução de Marco Pereira, um dos músicos de técnica mais apurada no País.

Violão Vadio, sobre temas de Baden Powell, uma das maiores referências na construção da identidade de um violão nacional ao lado de Villa-Lobos, como

constata o próprio Marco Pereira, traz embutida melodias de *Violão Vadio* (Baden / E. C. Pinheiro), *Canto de Criança e Consolação* (Baden / Vinícius de Moraes). Vale ressaltar a participação de Márcio Bahia, na bateria, que faz um ótimo serviço nessa faixa e na n.º 1.

"A gente se deixa influenciar pelo que considera que tenha valor, diz Marco Pereira, que também fez uma suíte em homenagem à obra do baiano Dorival Caymmi, a *Suíte das Águas*. Contém melodias de *A Lenda do Abacaxi*, *A Jangada Voltou Só* e *É Doce Morrer no Mar*. Em ambas as faixas, *Violão Vadio* e *Suíte das Águas*, há momentos de grande força violonística, mas também outros em que a orquestra cai na obviedade, tanto nas harmonias quanto no acompanhamento rítmico do violão.

Lá, terceira faixa, feita para um trio de violão, flauta e violoncelo, é de melodia singela e bem trabalhada, sendo um momento forte do disco. É como Villa-Lobos e referência, *Roda das Baianas*, é para um quinteto de flauta, clarinete, vibrafone, violão, violoncelo, tem um tema que lembra um trecho das *Bachianas* do maestro.

Luc das Cordas, escrita para violão, bandolim e orquestra de cordas, conta com a participação do genial Hamilton de Holanda, que protagoniza, juntamente com Marco Pereira, um dos momentos mais belos do disco. Fecha o álbum a composição *Dança dos Quatro Ventos*, para quarteto de violões.



Camerístico
de Marco Pereira
Biscoito Fino
R\$ 28,90
www.biscoitofino.com.br



Pereira mostra que a tradição do violão nacional rompeu a fronteira entre erudito e popular

ROCK BAIANO

No caminho certo, a Brinde lança segundo CD

CHICO CASTRO JR.
castrojr@guaparatade.com.br

Um fenômeno interessante ocorre com as bandas da geração 2000 do rock baiano: a puberdade. Só que, em vez das espíndulas na cara que tanto chateiam os adolescentes, os sinais que indicam esse crescimento se traduzem em discos que traçam em si uma marca de crescimento: a certeza de que se está fazendo.

A brinde, banda contemporânea de representações como Los Canos, The Honkers e Pessoas Invisíveis, é um bom exemplo desse "crescimento".

Com o segundo disco, intitulado *Sabe Aquela Coragem?*, recém-lançado, os três membros de Cruz das Almas (cidade de origem da banda) chegaram a um resultado que certamente agradará aos fãs de bandas como Supergang, Hüsker Dü e Superchunck: aquele som básico, veloz e sentimental, típico do brit pop e do rock alternativo americano dos anos 90.

"O disco foi todo gravado ao vivo, todo mundo tocando junto ao mesmo tempo", revela o baixista Voltz. "Só as vozes e uma coisa ou outra de guitarra foram adicionadas depois", completa Henrique Neves, guitarrista e vocalista que divide a frente do palcos com Leno Blumetti (baixo).

Henrique diz que ficou mais satisfeito com esse novo trabalho do que com o primeiro disco, *Histórias Sem Mens*, lançado em 2004, exatamente porque, como tinha certeza do que queria fazer, permitiu mais interferência do produtor. "No primeiro disco, a gente cedeu muito para o André L. O resultado foi que o CD não ficou muito com nossa própria cara. Mas o André é um excelente produtor, nós éramos muito inexperientes. Nesse segundo, já fizemos um bom trabalho de pré-produção antes de começarmos a gravação. Gravamos também uma de-



A banda, formada por Henrique, Leno e Voltz, gravou ao vivo

mo para nos guiarmos, e o produtor (Julio Moreno) também", conta Henrique.

O resultado, gravado em quatro dias, ficou bem mais próximo daquilo que se ouve nas apresentações ao vivo da banda, com sua estética de power trio cru, direta, sem intermediários. "A gente gosta de dizer que esse é o nosso *100% Brinde*", brinca Voltz, referindo-se à clássica estória dos britânicos do Supergang, de 1995.

De fato, o CD guarda lá suas si-

milaridades com a proposta do disco citado, ainda que se ressinde de uma maior variedade em timbres e climas.

Entenda-se: de boas ideias, *Sabe Aquela Coragem?* está até bem servido. O que parece faltar ainda à Brinde é um certo *know-how* para lapidar sua matéria-prima, transformando as boas ideias em rebuscadas pérolas pop.

Para ouvintes desatentos, as 11 faixas do CD poderão parecer al-

gumas com as outras. O que é, no mínimo, uma injustiça com lindas canções como *Talento Para Sedução*, *Desenhar*, *A Paz que me Traz* e a faixa de abertura, *Nascer do Sol*, entre outras.

A preciosa participação da cantora Nancy e em algumas faixas – especialmente em *Te Dizer Não* – ad que preenche algumas dessas lacunas, mas ainda é pouco para conferir ao disco a maioridade criativa que a banda parece buscar.

No caminho certo, porém, eles estão. Em um mundo onde o tamanho do sucesso é uma questão de quanto se paga por ele, é de vil metal de que se fala aqui – é um alívio perceber que garotos honestos ainda se dispõem a dar a cara a tapa – amados apenas do próprio talento.

"Estamos muito satisfeitos com o resultado do CD e curtimos muito gravá-lo assim, ao vivo. Era um sonho do Henrique", conta Voltz, entusiasmado.

Agora é marcar uma data em local decente para lançar o CD e batalhar a escalada da banda nos festivais que pipocam Brasil afora durante o ano. "Falta difícil marcar esse lançamento em Salvador, mas o pessoal da Monstro Discos (o badalado selo gaúcho que lançou os dois CDs da banda) ficou de tentar encaixar a gente em alguns festivais aí", conta Henrique.

Mas quem quiser conferir a Brinde ao vivo já pode marcar na agenda: no dia 30, eles tocam na Boomarang com a ótima Pessoa Invisível e uma terceira banda a confirmar – possivelmente, a pernambucana Vamoz!



Sabe aquela coragem?
Brinde
Monstro Discos
R\$ 15,00
www.monstrodiscos.com.br

CURTAS

Disney Próximo desenho terá heroína negra

A Walt Disney anunciou em reunião anual, recentemente, que o filme *The Frog Princess* terá a primeira heroína de animação negra de sua lucrativa linha de princesas. O filme, cujo lançamento é previsto para 2009 pela Disney Feature Animation, também é o primeiro da empresa desenhado à mão desde que, no mês passado, a Disney prometeu retornar à forma de animação tradicional que fez dela uma marca de reconhecimento mundial. *The Frog Princess*, musical com trilha sonora assinada pelo compositor Randy Newman, é um "conto de fadas americano" estrelado por Maddy, uma menina que vive no bairro Francês, em Nova Orleans, disse John Lasseter, diretor da Disney e da Pixar Animation Studios. A Disney não divulgou detalhes

da trama, mas a empresa mostrou aos acionistas alguns desenhos preliminares para o filme, e Randy Newman e uma banda de jazz local tocaram uma canção que integra a trilha sonora. Maddy vai juntar-se a oito outras personagens princesas que já geraram US\$ bilhões em vendas globais no varejo para a Disney, desde 1993. A Disney Princesses é a marca que vem crescendo mais rapidamente da divisão de Produtos ao Consumidor da companhia. A Disney lançou a primeira heroína de animação não branca no filme *Atlantis*, em 1992, com a personagem Kida, do Oriente Médio. Três anos depois foi a vez da princesa indígena americana Pocahontas. E a criação da heroína chinesa de *Mulan* se deu em 1998.

Aerosmith Na Índia pela primeira vez

A lendária banda de rock Aerosmith tocará em Mumbai, centro financeiro e de cinema da Índia, em sua primeira apresentação no país, disse o site oficial do grupo. O banda de cinco membros, com pelo menos 14 álbuns e quatro décadas de carreira, fará o show no dia 2 de junho, segundo o site www.aerosmith.com. O show em Mumbai é parte da turnê que inclui Europa e Dubai, nos Emirados Árabes Unidos. O Aerosmith produziu o primeiro álbum em 1973 e cantou algumas das músicas mais populares do mundo, como *I Don't Want to Miss a Thing*, *Dream On* e *Crazy O' group*, considerado por alguns como a resposta da América aos Rolling Stones, tem muitos fãs na classe média urbana da Índia e suas músicas costumam ser pedidas em canais de televisão e estações de rádio.

Salma Hayek Grávida e noiva de multimilionário

A atriz mexicana Salma Hayek está grávida e noiva de um francês cuja empresa detém as marcas Gucci e Yves Saint Laurent, informou a porta-voz Ina Trevelock no fim de semana. "François-Henri Pinault e sua noiva, Salma Hayek, estão felizes em anunciar que estão esperando a chegada de seu primeiro bebê", disse, Pinault, 44, é chefe-executivo da empresa de artigos de luxo de sua família, a PPL, cujas marcas negociadas incluem, ainda, Bottega Veneta, Alexander McQueen e Stella McCartney. A atriz, de 40 anos, estreou filmes como *Frida*, pelo qual recebeu uma indicação ao Oscar, e é a produtora e protagonista da série de TV americana *Ugly Betty*, baseada na novela colombiana *Betty, a Feia*, que lhe valeu um Globo de Ouro de melhor série cômica de 2006.

APÊNDICES

Correio da Bahia - Folha da Bahia

Janeiro	Matérias/Notas	Coluna/Seção	Autor
03	Nota Show de Pitty, O Círculo e Marcio Mello.	Pop Takes - Discomania	Hagamenon Brito
04	Matéria Festival Novos Sons da Bahia em Lauro de Freitas.		Leonardo Maia
05	Matéria Festival Coca Cola Vibe.		Leonardo Maia
10	Nota Canto dos Malditos na Terra do Nunca.	Pop Takes – Discomania	Hagamenon Brito
11	Matéria O Círculo no Música no Parque.		Leonardo Maia
12	Matéria A volta da banda Gonorréia e lançamento do CD.		Doris Miranda
	Matéria Canto dos Malditos na terra do Nunca.		Leonardo Maia
17	Matéria Lançamento cd Paulinho Oliveira.		Hagamenon Brito
	Nota CD Honkers.	Pop Takes – Discomania	Hagamenon Brito
	Nota O Círculo.	Pop Takes – Discomania	Hagamenon Brito
	Matéria Headhunter.		Doris Miranda
20	Nota Show Formidável Família Musical.	Etc...	
29	Nota Show Cascadura na Boomerangue.	Gente	
30	Matéria CD e lançamento do clipe Vandex.		Leonardo Maia
	Nota O Círculo Música no Porto.	Gente	
Fevereiro	Matérias/Notas	Coluna/Seção	Autor
05	Nota Show de lançamento do EP e do Clipe da Matiz.	Etc...	
07	Nota Música nova de Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta.		Hagamenon Brito
	Nota CD Brinde.		Hagamenon Brito
09	Nota Última edição do Cascadura Rock!.	Etc...	
	Nota Música nova Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta.	Etc...	
	Nota Maniac Metal Fest.	Etc...	
10	Nota Shows O Círculo e Cascadura.	Gente	
16	Matéria sobre alternativas ao carnaval.		Doris Miranda

Março	Matérias/Notas	Coluna/Seção	Autor
--------------	-----------------------	---------------------	--------------

03	Matéria Show Vanguard, citando Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta.		Não creditado.
15	Matéria Formidável Família Musical Música no Porto.		Ana Cristina Pereira
16	Matéria Show Moptop, Capitão Parafina e os Haoles, Enio e a Maloca. Paulo Sales		Paulo Sales
	Matéria Bandas baianas no Abril Pro Rock, Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta, Canto dos Malditos na Terra do Nunca, Rebeca Matta. Matéria Show Moptop.		Paulo Sales
	Nota King Cobra no Dubliners Irish Pub.	Etc...	Leonardo Maia
20	Matéria Programa Encarte.		Daniela Castro
23	Matéria Arena 1.		Leonardo Maia
27	Nota Radiola.	Etc...	
30	Matéria CD Los Canos.		Leonardo Maia
Abril			
	Matérias/Notas	Coluna/Seção	Autor
03	Nota Show Mombojó, Enio e a Maloca.	Etc...	Leonardo Maia
10	Matéria Festival Supernovas com Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta.		Leonardo Maia
11	Nota Cascadura.	Pop Takes – Discomania	Hagamenon Brito
	Nota Honkers.	Pop Takes – Discomania	Hagamenon Brito
24	Matéria Prêmio Toddy, com Cascadura, Ungodly.		Leonardo Maia
27	Matéria Festa A Praia, O Círculo.		Leonardo Maia
Mai			
	Matérias/Notas	Coluna/Seção	Autor
06	Matéria Nova cantora da Lou.		Leonardo Maia
09	Nota Cascadura em São Paulo	Pop Takes – Discomania	
	Nota Shows Honkers, Vamoz; Capitão Parafina e os Haoles, Rockassetes.	Pop Takes - Discomania	Hagamenon Brito
	Nota O Círculo em Brasília	Pop Takes - Discomania	Hagamenon Brito
11	Matéria Show Rockassetes e Capitão Parafina e os Haoles.		Leonardo Maia
12	Matéria CD Honkers.		Leonardo Maia
23	Nota Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta.	Pop Takes - Discomania	Hagamenon Brito

30	Nota Nando Reis, Cascadura.	Pop Takes - Discomania	Hagamenon Brito
Junho	Matérias/Notas	Coluna/Seção	Autor
06	Nota Cascadura no World Bar. Nota Cascadura e Vinil 69.	Etc... Pop Takes - Discomania	Hagamenon Brito
08	Nota Shows Estrada Perdida, Retrofoguetes, Domingo Rock.	Etc...	
09	Matéria Maniac Metal Fest 4.		Leonardo Maia
27	Nota Show Starla, Pessoas Invisíveis, Rádio de Outono.	Pop Takes - Discomania	Hagamenon Brito
29	Matéria Show Rádio de Outono, Pessoas Invisíveis, Starla.		Ana Cristina Pereira
Julho	Matérias/Notas	Coluna/Seção	Autor
06	Nota Workshop Ricardo Primata.	Etc...	
13	Nota Show Cascadura, Capitão Parafina e os Haoles.	Gente	
18	Nota Prêmio Petrobrás para Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta.	Pop Takes - Discomania	Hagamenon Brito
	Nota Show Luar Depois de Ver.	Pop Takes - Discomania	Hagamenon Brito
23	Nota Cascadura desiste de show.	Gente	
28	Nota Cascadura no Balcão	Etc...	
30	Nota Cascadura em Festivais	Etc...	
Agosto	Matérias/Notas	Coluna/Seção	Autor
05	Matéria Show Elipê Convida.		Leonardo Maia
08	Nota Vários shows.	Pop Takes - Discomania	Hagamenon Brito
10	Nota Show Maniac Metal Fight. Matéria Shows de rock em Salvador.	Etc...	Margareth Xavier
22	Nota Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta em São Paulo.	Pop Takes - Discomania	Hagamenon Brito
24	Nota Show Cof Damu.	Etc...	
Setembro	Matérias/Notas	Coluna/Seção	Autor
06	Nota Lançamento Diseased.	Etc...	
07	Nota Cajazeiras Metal Fest.	Etc...	
12	Nota Show Cascadura, Retrofoguetes.	Pop Takes - Discomania	Hagamenon Brito
	Nota Lançamentos Starla, Capitão Parafina e os Haoles.	Pop Takes - Discomania	Hagamenon Brito
14	Nota Show Cascadura, Retrofoguetes.	Etc...	
21	Nota Cascadura Acústico.	Etc...	

Outubro	Matérias/Notas	Coluna/Seção	Autor
10	Nota Shows Cascadura no World Bar, Balcão.	Pop Takes - Discomania	Hagamenon Brito
12	Nota Show Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta no Pelourinho.	Etc...	
19	Nota Show no Nhô Caldos.	Etc...	
26	Nota Show Ação Solidária. Nota Show Elipê Convida.	Etc... Etc...	
31	Nota Shows Cascadura; Zefirina Bomba, Pessoas Invisíveis, Honkers.	Pop Takes - Discomania	Hagamenon Brito
Novembro	Matérias/Notas	Coluna/Seção	Autor
07	Nota Show Lampirônicos.	Pop Takes - Discomania	Hagamenon Brito
	Nota Shows Festa Havaiana, Radiola.	Pop Takes - Discomania	Hagamenon Brito
08	Matéria Show Lobão, Cascadura.		Ivan Marques
14	Nota Shows Forgotten Boys, Demoiselle, Mortícia, Honkers; Pessoas Invisíveis, Matiz.	Pop Takes – Discomania	Hagamenom Brito
16	Nota Show Forgotten Boys, Demoiselle, Honkers, com estréia da Mortícia.	Etc...	
21	Nota Show Pato Fu, Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta. Nota Festival BoomBahia.	Pop Takes – Discomania Pop Takes - Discomania	Hagamenon Brito Hagamenon Brito
23	Nota 2ª Convenção de Tatuagem da Bahia	Etc...	
Dezembro	Matérias/Notas	Coluna/Seção	Autor
05	Nota Festival BoomBahia.	Pop Takes - Discomania	Hagamenon Brito
07	Nota Show Matiz, Capitão Parafina e os Haoles, Capitão Cometo e os Formidáveis Ladrões de Parafina da Terra do Nunca Extreme. Nota Relançamento do Clipe d'O Círculo. Nota Show Lampirônicos. Matéria Festival BoomBahia	Etc... Etc... Etc...	Não creditado. Não creditado.
13	Matéria Show Retrofoguetes de Natal.		
20	Nota Show Cascadura no Balcão.	Etc...	
26	Nota Retrospectiva 2007. Nota Cascadura no Reveillon.	Pop Takes – Discomania Pop Takes – Discomania	Hagamenon Brito Hagamenon Brito
31	Nota Cof Damu na Som Livre Apresenta.	Etc..	

A Tarde – Caderno 2

Janeiro	Matérias/Notas	Coluna/Seção	Autor
06	Matéria Coca Cola Vibe.		Marcos Case
	Matéria Festival Novos Sons da Bahia Lauro de Freitas.		Alice Gabriela Costa
	Matéria Show Terreiro Circular Cascadura, Lampirônicos.		Laura Dantas
09	Entrevista Enio (Enio e a Maloca).	Sotaque Baiano	Luciano Matos
11	Matéria Gonorréia.		Ceci Alves
13	Nota Show Terreiro Circular com Lampirônicos, Cascadura.	Agende-se	Eduarda Uzêda
17	Entrevista Bruno Carvalho (Pessoas Invisíveis).	Sotaque Baiano	Luciano Matos
29	Nota Show Música no Porto com O Círculo.	Curtas	
30	Nota Lançamento música Vandex.	Agende-se	Diógenes Matos
31	Nota Show Lampirônicos no ISBA.	Agende-se	Laura Dantas
Fevereiro	Matérias/Notas	Coluna/Seção	Autor
01	Matéria Show Música no Porto com O Círculo.		Laura Dantas
05	Matéria Palco do Rock.	Sotaque Baiano	Chico Castro Jr.
06	Entrevista Ted (Starla).	Sotaque Baiano	Não Creditado.
08	Nota Shows Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta, Cascadura.	Sotaque Baiano	
09	Nota Show Summer Rock Sounds.	Curtas	
	Matéria Lançamento música de Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta.		Chico Castro Jr.
10	Nota Trio de rock na avenida.	Sotaque Baiano	
15	Matéria Shows Cascadura no carnaval.		Chico Castro Jr.
17	Nota Palco do Rock.	Agende-se	Marcos Casé
	Nota Show Vanguard, Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta, Starla.	Curtas	
18	Nota Palco do Rock	Agende-se	Chico Castro Jr.
19	Nota Palco do Rock	Agende-se	Roberto Pires
20	Nota Palco do Rock	Agende-se	Eduarda Uzêda
24	Matéria Los Canos.		Chico Castro Jr.
Março	Matérias/Notas	Coluna/Seção	Autor
03	Matéria Show Vanguard, Ronei Jorge e os Ladrões de		Chico

	Bicicleta, Starla. Matéria festival São Caetano.		Castro Jr. Chico Castro Jr. Chico Castro Jr.
13	Matéria Lançamento CD Brinde.		
14	Nota Arena 1.	Curtas	
16	Matéria Moptop, Capitão Parafina e os Haoles, Retrofoguetes.		Marcos Case Chico Castro Jr.
24	Matéria Capa Arena 1, com Cascadura, Gonorréia, Sangria, Intra, Acord, Meteora.		
Abril	Matérias/Notas	Coluna/Seção	Autor
06	Matéria Festival Underground Pau da Lima.		Chico Castro Jr.
16	Nota Bandas Baianas No Prêmio Toddy.	Curtas	
17	Matéria O Círculo.	Sotaque Baiano	Chico Castro Jr. Chico Castro Jr.
20	Matéria Não e Proliferação.		Marcos Casé
27	Matéria Festa A Praia com O Círculo.		Roberto Midlej
28	Nota Ressaca Palco do Rock.	Agende-se	Chico Castro Jr.
29	Matéria CD Honkers.		
Maio	Matérias/Notas	Coluna/Seção	Autor
01	Nota Show Lou.	Sotaque Baiano	
06	Nota Show Lou.	Agende-se	Laura Dantas
09	Nota O Círculo em Brasília.	Curtas	
12	Matéria Show Rockassetes, Capitão Parafina e os Haoles.		Marcos Casé
13	Nota Show Honkers. Nota Show em prol da Casa de Passagem Adão e Cão.	Agende-se Curtas	Laura Dantas
19	Matéria Lançamento CD Paulinho Oliveira.		Karen Souza
27	Nota Show Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta.	Agende-se	Marcos Casé
31	Nota Show Formidável Família Musical.	Agende-se	Márcia Ferreira Luz
Junho	Matérias/Notas	Coluna/Seção	Autor
02	Matéria Show Irmão Carlos e o Catado.		Marcos Casé
03	Nota Show Pessoas Invisíveis.	Agende-se	Marcos Casé
09	Nota Maniac Metal Fest. Matéria Show Pirigulino Babilake, SindiRock	Agende-se	Marcos Casé Kleyzer Seixas
25	Nota Cascadura no Bem Brasil.	Curtas	
26	Nota Shows Cascadura; Radiola.	Sotaque Baiano	
Julho	Matérias/Notas	Coluna/Seção	Autor
04	Nota Show Cascadura.	Agende-se	Laura

12	Nota Show Cascadura.	Curtas	Dantas Laura Dantas
13	Matéria Dia do Rock.		Laura Dantas
20	Nota Cascadura cancela show.	Curtas	Eduarda Uzêda.
25	Matéria Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta selecionada pelo Edital Petrobrás.		Chico Castro Jr.
27	Nota Show Cascadura.	Curtas	Cláudia Lessa
28	Nota Show Nomin.	Agende-se	Cláudia Lessa

Agosto	Matérias/Notas	Coluna/Seção	Autor
04	Nota Show Matiz.	Agende-se	Chico Castro Jr.
10	Matéria Show Matanza, Demoiselle, Honkers.		Marcos Casé CCJ
12	Nota Show Retrofoguetes, Astronautas.		Chico Castro Jr.
17	Nota Show Opus Incertus.	Curtas	Eduarda Uzêda
20	Matéria Estrada Perdida		Chico Castro Jr.
27	Nota Show Kiko Loureiro, Ricardo Primata.	Agende-se	Chico Castro Jr.
28	Nota Clipe O Círculo.	Sotaque Baiano	
30	Nota Show Os Miseravão.	Agende-se	Chico Castro Jr.
31	Matéria Calourada com Cascadura, Pirigulino Babilake.		Marcos Casé

Setembro	Matérias/Notas	Coluna/Seção	Autor
01	Nota Show Vinil 69.	Agende-se	Marcos Casé
	Nota Show Capitão Parafina e os Haoles.	Curtas	Marcos Casé
03	Nota Clipe O Círculo.	Curtas	Marcos Casé
06	Nota Show Do Amor, Pessoas Invisíveis, Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta.	Agende-se	Marcos Casé
10	Nota CD Ricardo Primata.	Tentações	Chico Castro Jr.
14	Matéria Capitão Parafina e os Haoles.		Chico Castro Jr.
15	Nota Show Cascadura, Retrofoguetes.	Agende-se	Ceci Alves

24	Matéria CD Alex Pochat e os Cinco Elementos.		Chico Castro Jr.
25	Matéria Show Radiola.	Sotaque Baiano	Marcos Casé
	Nota Show Cascadura no Balcão	Sotaque Baiano	
29	Nota Show Ópera Pingüim.	Agende-se	Marcos Casé

Outubro	Matérias/Notas	Coluna/Seção	Autor
01	Nota CD Alex Pochat e os Cinco Elementos.	Tentações	Chico Castro Jr.
07	Matéria Capa Produtores de rock.		Chico Castro Jr.
09	Matéria Radiola no Festival Mente Aberta.		Marcos Casé
10	Matéria Capa Festival Salvador.		Marcos Casé
17	Nota Festa Encarte.	Agende-se	Márcia Ferreira Luz
23	Nota Show Cooperarock 2.	Agende-se	
24	Nota Show Radiola na Feira Hype.	Curtas	Chico Castro Jr.

Novembro	Matérias/Notas	Coluna/Seção	Autor
01	Nota Show Zefirina Bomba, Pessoas Invisíveis, Honkers.	Agende-se	Içara Bahia
10	Nota Os Informais.	Curtas	
14	Matéria Capa Lançamento CD Lampirônicos.		Marcos Casé
15	Nota 2ª Convenção de Tatuagem da Bahia.	Curtas	Laura Dantas
23	Matéria 2ª Convenção de Tatuagem da Bahia.		Chico Castro Jr.

Dezembro	Matérias/Notas	Coluna/Seção	Autor
04	Matéria Palco do Rock.	Sotaque Baiano	Chico Castro Jr.
07	Matéria BoomBahia.		Chico Castro Jr.
09	Matéria Maniac Metal Fight.		Marcos Casé
11	Nota BoomBahia.	Sotaque Baiano	
13	Nota Cascadura em Brasília.	Curtas	Chico Castro Jr.
21	Matéria Show Os Miseravão.		Chico Castro Jr.
22	Nota Festa do Vinil.	Agende-se	Marcos Casé
24	Nota CD Berlinda.	Tentações	Chico Castro Jr.
30	Matéria Cof Damu.	Sotaque Baiano	José Eduardo Carvalho

A Tarde – Caderno Dez!

Janeiro	Matérias/Notas	Coluna/Seção	Autor
16	Matéria Lançamentos CDs 2007.		Luciano Matos
	Nota Canto dos Malditos na Terra do Nunca.	Agenda	
23	Nota CD Cof Damu.	CD-R	Danilo Fraga
30	Matéria Brinde.		Gabriela Quintela e Lucas

	Nota Bandas Baianas em premiações.	Coletânea	Cunha Luciano Matos
Fevereiro	Matérias/Notas	Coluna/Seção	Autor
06	Matéria Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta.		Pedro Fernandes
	Nota Novos lançamentos.	Coletânea	Luciano Matos
27	Nota Duelo de guitarras. Nota Los Canos no Japão.	Agenda Coletânea	Luciano Matos
	Nota Show Vanguard, Starla, Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta..	Agenda	
Março	Matérias/Notas	Coluna/Seção	Autor
13	Nota CD Los Canos.	CD-R	Danilo Fraga
	Nota Baianos em turnê e veteranos de volta.	Coletânea	Luciano Matos
20	Nota Bandas baianas em festivais Nota Programa Encarte na TV Salvador.	Coletânea Coletânea	Luciano Matos Luciano Matos
	Nota Vestido Preto de Valentina.	Coletânea	Luciano Matos
27	Matéria Vestido Preto de Valentina.		Danilo Fraga
Abril	Matérias/Notas	Coluna/Seção	Autor
03	Nota Rock no Interior.	Coletânea	Luciano Matos
10	Nota Nancyta Viegas.	Coletânea	Luciano Matos
17	Nota Prêmio Dynamite.	Coletânea	Luciano Matos
	Nota Fim da Brinde.	Coletânea	Luciano Matos
Maio	Matérias/Notas	Coluna/Seção	Autor
01	Nota Show Theatro de Seraphin, Pessoas Invisíveis. Nota Rebeca Matta.	Agenda Coletânea	Luciano Matos
08	Matéria Lou com nova vocalista. Nota O Círculo.	Coletânea	Danilo Fraga Luciano Matos
15	Nota Cascadura. Nota Shows Matiz.	Coletânea Agenda	Luciano Matos
22	Nota The Honkers.	Coletânea	Luciano Matos
Junho	Matérias/Notas	Coluna/Seção	Autor
05	Nota Intra.	Coletânea	Luciano Matos
26	Entressafra do rock baiano.	Coletânea	Luciano Matos
Julho	Matérias/Notas	Coluna/Seção	Autor
03	Nota Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta, Starla.	Coletânea	Luciano Matos
24	Matéria Radionave. Nota Mirabolix, Cascadura.	Coletânea	Danilo Fraga Luciano Matos

31	Nota Matiz. Nota Pessoas Invisíveis, Berlinda. Nota Show Cooperarock.	Coletânea Coletânea Agenda	Luciano Matos Luciano Matos
Agosto	Matérias/Notas	Coluna/Seção	Autor
07	Nota Show Astronautas, Retrofoguetes.	Coletânea	Luciano Matos
21	Matéria Matiz. Nota Festival Mundo com Vinil 69, Matiz. Nota Show bandas emo.	Coletânea Agenda	Felipe Paranhos Luciano Matos
28	Nota Rock Baiano, festivais e discos gravados.	Coletânea	Luciano Matos
Setembro	Matérias/Notas	Coluna/Seção	Autor
11	Nota Festivais Baianos, turnê Vinil 69, festivais no Nordeste com bandas baianas.	Coletânea	Luciano Matos
25	Nota CD Vinil 69.	CD-R	Danilo Fraga
Outubro	Matérias/Notas	Coluna/Seção	Autor
02	Nota Cascadura. Nota Lançamentos Pessoas Invisíveis, Alex Pochat e os Cinco Elementos, Starla, Nancyta. Matéria Festivais independentes Beiru e HC Rock. Nota Show Vinil 96, Starla.	Coletânea Coletânea Agenda	Luciano Matos Luciano Matos Danilo Fraga
09	Matéria Repercussão do Festival Beiru.		Marina Novelli
16	Matéria Sentai Rock Band. Nota Associação Mr. Harry Haller e o Samba do Patinho Feio, Teclas Pretas. Nota Show 1(um) ano do Programa Encarte.		Felipe Paranhos Luciano Matos
30	Nota Lampirônicos. Nota Show Zefirina Bomba, Pessoas Invisíveis, Honkers.	Coletânea Agenda Coletânea Agenda	Luciano Matos
Novembro	Matérias/Notas	Coluna/Seção	Autor
06	Nota Selos baianos.	Coletânea	Luciano Matos
27	Nota Festivais baianos.	Coletânea	Luciano Matos
Dezembro	Matérias/Notas	Coluna/Seção	Autor
04	Nota Berlinda. Nota Festival BoomBahia.	Coletânea Agenda	Luciano Matos
11	Nota Repercussão BoomBahia	Coletânea	Luciano Matos
18	Nota CD Cobalto.	CD-R	Danilo Fraga

25	Nota CD Marvel Soul. Nota Discos lançados em 2007. Matéria Velotroz.	CD-R Coletânea	Danilo Fraga Luciano Matos Mariele Góes
----	---	------------------------------	--